

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CLUBE CURITIBANO: REPRESENTAÇÕES
DE LAZER NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE
CURITIBANA**

MARCELO PASTRE

**PIRACICABA, SP
(2009)**

CLUBE CURITIBANO: REPRESENTAÇÕES DE LAZER NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE CURITIBANA

MARCELO PASTRE

ORIENTADOR: PROFº DR. ADEMIR GEBARA

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

**PIRACICABA, SP
(2009)**

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Ademir Gebara (orientador) - UNIMEP

Profº Dr. José Maria de Paiva – UNIMEP

Profº Dr. Luis Francisco Albuquerque de Miranda – UFSJ

Profª Dra. Maria Nazaré da Cruz – UNIMEP

Profº Dr. Wanderley Marchi Jr. - UFPR

Para

Meus pais, que proporcionaram os primeiros passos da minha formação acadêmica.

Tudo começou na escola.

E principalmente para as pessoas mais importantes da minha vida, a minha esposa Taís e meu filho Pedro.

Ela que sempre esteve ao meu lado nestes quatro anos de trabalho e ele que me deu muita alegria nesta reta final com a sua chegada.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo agradeço a Deus, que proporcionou todas as oportunidades para este trabalho.

A todos os professores que fizeram parte da minha vida e que contribuíram com minha formação, os quais, sempre serão lembrados nas minhas ações e condutas.

Ao Colégio Nossa Senhora Medianeira, em nome do Diretor Acadêmico e amigo Adalberto Fávero pelo apoio e auxílio, assim como a todos os colegas de trabalho que neste período supriram nossa ausência.

Ao professor e sempre amigo Ademir Gebara, pela sua orientação, dedicação e principalmente por sua generosidade.

Aos professores, funcionários, colegas e amigos da Unimep por todo o empenho e auxílio. Em especial ao Professor José Maria, pela acolhida na instituição.

Aos professores da banca examinadora, pelas sugestões e críticas, Francisco, Wanderley, Nazaré, José Maria e Gebara.

Ao amigo Wanderley Marchi Jr., professor na minha graduação e impulsionador deste trabalho.

A todos os amigos que apoiaram e demonstraram esforços para o sucesso deste estudo. E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

Ao Clube Curitibano, principalmente ao setor da biblioteca, pela disponibilização da Revista Club Curitybano.

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil”.

RESUMO

Ao final do século XIX, na cidade de Curitiba, os novos padrões de comportamento, na dinâmica do processo civilizador, foram produzindo alterações nas configurações da sociedade local, seja no controle das relações inter-humanas, ou no autocontrole de cada indivíduo. Com o surgimento de práticas mais sofisticadas e complexas, os indivíduos passaram a estabelecer novos padrões de conduta e uma nova personalidade, desencadeando um processo de diversificação e de diferenciação das atividades de lazer. A partir desta nova configuração do lazer, o mesmo, passou a ser uma atividade de diferenciação e distinção dos estratos da sociedade, culminando na criação de um ambiente específico para isto, neste caso, o Clube Curitibano. A partir deste momento as atividades de lazer desenvolvidas no seu interior passaram a atender as expectativas do grupo estabelecido da cidade, com a assimilação crescente de atividades centradas em regras espelhadas num tipo de comportamento civilizado, diferenciado e de distinção dos demais estratos. Esta conduta exigia um rigoroso controle sobre as emoções e uma precisa modelação da conduta, servindo ao mesmo tempo como valor de prestígio e distinção. Nesta perspectiva, o Clube Curitibano passou a ter um papel importante na educação, como um espaço educacional da sociedade, algo subjetivado de mais valia e de implementação do processo educativo dos seus associados. Este processo não planejado contribuiu para gerar uma dada configuração para o clube, com suas redes de interdependências, com seus níveis de tensões, de controle e tolerância que, foi crescendo e expandindo-se pela sociedade, gerando uma nova configuração para a cidade.

Palavras-chave: Educação; Lazer; Processo Civilizador.

ABSTRACT

At the end of the 19th century, in Curitiba, the new behaviour standards were changing the local society, both in the control of the inter-humans relationship and in the self-control. With the new, sophisticated and complex activities, people established new behaviour standards and a new personality, triggering a process of differentiation and diversification in the leisure activities. Since then, they became very important for the society, allowing the creation of a specific environment for this, the Club Curitibano. Then, the leisure activities developed there, met the group expectation, different from the other layers of society. This behaviour demanded a strong emotional control, helping as a great value. In this perspective, Club Curitibano had an important role in the education, as an educational place for its members. This process not planned help club to give some configuration to it, giving a new configuration for the city, too.

Key-words: Education – leisure – civilized process.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. REPRESENTAÇÕES DE CURITIBA.....	13
1.1 A construção do olhar sobre a cidade.....	13
1.2 Curitiba: constituindo-se como grande cidade.....	18
1.3 Curitiba: urbanização e desenvolvimento.....	31
1.4 Curitiba: estabelecidos e outsiders.....	48
1.5 Curitiba: educação e cultura.....	54
1.6 Curitiba: suas diversões e seus clubes.....	62
2. REPRESENTAÇÕES DO CLUBE CURITIBANO.....	70
2.1 A construção do olhar sobre o lazer no Clube Curitibano.....	70
2.2 Explicações sobre lazer nas cidades.....	74
2.3 Revista <i>Club Curitybano</i>	78
2.4 Clube Curitibano: representações de lazer.....	86
2.5 Clube Curitibano: representação do papel educativo.....	97
2.6 O Clube Curitibano: representações da formação de grupos.....	101
3. CONCLUSÕES.....	107
4.FONTES E REFERÊNCIAS.....	110
4.1 Fontes e documentos.....	110
4.2 Referências.....	111

INTRODUÇÃO

O final do século XIX, na cidade de Curitiba, é marcado por um ritmo mais acelerado de mudanças e de constituição de uma “nova” cidade, agora urbanizada. As condições físicas, políticas e culturais estabeleceram para a cidade uma perspectiva específica, com a concentração populacional cada vez maior, com uma crescente inter-relação entre os moradores.

Curitiba desenvolve-se, neste período, após a emancipação do Paraná, quando foi escolhida como capital desta nova província. Torna-se uma urbe moderna, que se mostrava como uma cidade onde se concretizava um projeto de civilização das classes dominantes. Experimentava progresso, prosperidade e modificações concretas, com uma nova disposição dos espaços e com o aprimoramento dos ambientes públicos, que se refletiam no comportamento da sociedade.

Frente às diversas narrativas sobre a cidade, buscou-se a construção de representações sociais da formação da cidade e do curitibano, a partir do pensamento prático da emergência de novas práticas na sociedade e na cultura.

Vale destacar, nestas narrativas, o sentido de construir e fortalecer uma identidade local vinculada com o pensamento de modernização, conduzido pelas classes dominantes, que buscava consolidar os conceitos e referências comuns de uma cidade urbanizada e civilizada, constituída de uma sociedade sofisticada.

A compreensão e análise desta realidade ficaram centradas na atenção sobre as estratégias simbólicas, que determinaram posições e relações dos, e entre os, indivíduos da sociedade curitibana e, também, construíram para cada classe, grupo ou meio da sociedade, um ser percebido, constitutivo de sua identidade.

O novo modo de vida dos indivíduos desta “nova” sociedade ocasionou transformações sociais que geraram uma configuração para a cidade, da qual, foram se definindo de maneira específica, as relações existentes entre os sujeitos sociais e também, as dependências recíprocas que ligavam os

indivíduos uns aos outros produzindo códigos e comportamentos novos e originais.

Compreender esta configuração da cidade e da sociedade permite estabelecer novas considerações sobre os padrões de comportamento, entendendo desta forma o processo social da rede de ligações que se estabeleceram e o reflexo de estratégias instauradoras e mantenedoras das instituições dentro de suas relativas posições e manifestações de poder.

Enquanto representação da sociedade, o Clube Curitibano pode ser tomado como um estudo particular das formações sociais, onde se definem de maneira específica as relações existentes entre os sujeitos sociais, que se ligam uns aos outros reciprocamente, produzindo códigos e comportamentos.

A pesquisa e análise da constituição do Clube Curitibano, no final do século XIX, pode permitir a compreensão da formação da sociedade curitibana, a partir da hipótese abaixo destacada.

Uma estrutura macrosociológica, neste caso a sociedade local, transfere através de um processo de mimetismo, valores, comportamentos, formas de conduta e costumes, a uma instituição microsociológica, neste caso o clube, que a partir de um determinado momento devolve à sociedade valores, comportamentos, formas de conduta e costumes.

Sociedade – Clube – Sociedade

O Clube Curitibano, a partir deste momento, tornou-se um local de competição entre os seus componentes, no que se refere aos padrões de condutas de comportamento estabelecidos. Isto influenciou no *habitus* social dos indivíduos, identificando-os e ao mesmo tempo distinguindo-os dos demais, criando um equilíbrio na relação nós-eu (controle social e autocontrole).

O Clube neste momento, passou a representar entre os seus membros, centros de treinamento preparatório para o desenvolvimento de traços de caráter, principalmente para os jovens, que seriam mais tarde necessários no desempenho da vida futura, em complemento da educação puramente especializada e orientada por uma área científica que se recebia nas escolas e universidades.

Na perspectiva do que foi apresentado acima cabem alguns questionamentos que desencadearam o presente estudo.

Como se deve pensar a emergência de novas atividades de lazer no contexto da sociedade curitibana do fim do século XIX? Como é possível pensar o lazer na cidade de Curitiba, quando ela estava se constituindo como uma cidade urbanizada? E mais especificamente, qual a análise das representações de lazer na formação da sociedade curitibana, tomando como objeto de estudo um clube social e em particular o Clube Curitibano?

Cabe aos estudos do lazer desvendarem as complexidades dos caminhos construídos socialmente que possibilitaram o surgimento e crescimento das atividades de lazer, analisando suas relações com a formação da sociedade e apurando suas conexões num processo de longa duração.

Estas foram algumas questões que desencadearam este trabalho, que buscou analisar as alterações e novos padrões de comportamento da sociedade curitibana, a partir da introdução de novas práticas de lazer e da constituição de uma nova instituição social, que produziram alterações nas configurações da sociedade, nos controle das relações inter-humanas, bem como no autocontrole de cada indivíduo.

A partir do alargamento da teia de interdependência entre os indivíduos da sociedade curitibana, a configuração da cidade também modificou, fazendo desencadear um processo de diversificação e de diferenciação das atividades de lazer.

Este processo desencadeou nos estratos superiores a necessidade de uma nova configuração de lazer, culminando com a criação de um novo espaço de lazer e de um ambiente de distinção dos demais estratos, compatíveis com a cidade civilizada que idealizavam e construíam.

A partir deste momento, o Clube Curitibano passou a ser um espaço que venho a atender as expectativas de um grupo estabelecido, que passava a ter no lazer um elemento de distinção, na assimilação crescente de atividades centradas em regras espelhadas num tipo de comportamento civilizado, diferente das atividades populares.

O desenvolvimento deste trabalho buscou-se, no primeiro capítulo, apresentar e analisar as diversas representações da Cidade de Curitiba e da sua sociedade. Iniciou-se com a construção do olhar sobre a cidade, que procurou dar o foco metodológico para o capítulo. Na sequência estruturou-se as temáticas de análise sobre a constituição da cidade: urbanização e desenvolvimento, estabelecidos e outsiders, cultura e educação e diversões e clubes da cidade.

O segundo capítulo foi destinado às representações do Clube Curitibano, definindo-se primeiramente o olhar metodológico sobre o objeto de estudo e a fonte primária, ou seja, o clube e sua revista *Club Curitybano*. Posteriormente buscou-se estabelecer explicações sobre o uso do lazer para o entendimento da sociedade e o papel da revista. Na seqüência estruturou-se as representações do papel educativo, das representações de lazer e da formação de grupos.

Como matriz principal do desenvolvimento do trabalho, utilizamos as publicações da Revista *Club Curitybano*, que tiveram papel significativo no processo de formação do associado do clube. Trata-se de uma revista interna do clube e que era destinada e divulgada a todos os seus associados e também aos principais círculos literários.

Foram analisadas e pesquisadas, 146 edições da revista, tomando como referência algumas questões: edições comemorativas, edições especiais, editoriais, sessões da diretoria, expedientes e noticiários gerais e questões temáticas de educação e lazer. O período analisado compreendeu entre os anos de 1890 e 1898, uma vez que após este período a revista vinculou-se somente à produção literária.

Destacamos como forma valorativa da importância e influência do Clube Curitibano na cidade de Curitiba, que o mesmo constitui-se hoje aos 127 anos, como um dos maiores clubes da cidade, onde seus eventos e atividades são amplamente destacados, principalmente aqueles que envolvem sofisticação e luxo. Diferentemente de outros clubes que nasceram em conjunto com ele, o Clube Curitibano permanece sólido e destacado na sociedade.

1. REPRESENTAÇÕES DE CURITIBA

1.1 A construção do olhar sobre a cidade

Escrever e pesquisar sobre a história da cidade de Curitiba, do final do século XIX, é um desafio acadêmico estimulante, como pesquisador, curitibano e também morador da cidade. Deparamo-nos com diversas narrativas e, a partir delas, buscamos construir representações sociais da formação da cidade de Curitiba e do curitibano.

Este período é marcado, em algumas cidades já constituídas e outras em constituição no Brasil, por um ritmo mais acelerado de mudanças. Em Curitiba inicia-se a formação de uma “nova” cidade urbanizada e também de um “novo” morador, este reflexo de novas relações sociais.

Como modalidade de pensamento prático, as representações sociais, conforme Sá (1998, p. 50) define, são “alguma coisa que emerge das práticas em vigor na sociedade e na cultura e que as alimenta, perpetuando-as ou contribuindo para a sua própria transformação”. Justifica-se a existência de representações se o objeto em questão encontra-se implicado, de forma consistente, em alguma prática de grupo, sendo um saber efetivamente praticado, que não deve ser apenas suposto, mas sim detectado em comportamentos e comunicações.

Adotou-se como conceito de representação, segundo Chartier (1991, p. 184), a chave para a compreensão de uma dada realidade histórica, entendida como uma relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro, de maneira homóloga. Esta compreensão centrada na atenção sobre estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido, constitutivo de sua identidade.

As narrativas utilizadas na presente pesquisa foram definidas a partir da análise das matrizes das quais derivam os principais estudos publicados e que vêm se reproduzindo nas obras didáticas da história do Paraná e de Curitiba.

Estas matrizes remontam ao final do século XIX e início do século XX, nas quais prevalecia o pensamento de modernidade, baseado em elementos do positivismo e do liberalismo. São discursos diversificados, definindo-se, alternativamente, em elogios, descrições, interpretações ou críticas, imagem, reflexo e contraposições de uma mesma realidade. Dentre estas matrizes, destacamos os trabalhos desenvolvidos por Rocha Pombo, Nestor Victor e principalmente Romário Martins.

Evidencia-se também nestas matrizes o sentido de construir e fortalecer uma identidade regional, buscando fortalecer o frágil tecido da história local. Sendo assim, prevalecia o pensamento de modernização, conduzido pelas classes dominantes, no sentido de consolidar os conceitos e referenciais comuns de uma cidade urbanizada e civilizada, frutos de discursos abstraídos dos ideais europeus.

O texto contém algumas citações longas, porém necessárias dada a opção de não apenas situar um tema num espaço determinado, mas tentar construir um cenário no qual as falas não deveriam estar apenas implícitas, mas em sua totalidade, deveriam revelar a autenticidade das suas expressões. Na construção deste cenário foi utilizado o uso de imagens, principalmente fotos, na tentativa de retratar de maneira real a cidade.

As análises dos acontecimentos históricos, ocorridos no final do século XIX na cidade de Curitiba, estão baseadas numa ótica elisiana.

Ao analisar os acontecimentos históricos, ocorridos nos séculos XIX e XX, Norbert Elias defendeu a idéia de que estes acontecimentos possuíam algumas características em comum, como a cientifização crescente do controle sobre a natureza e uma diferenciação ocupacional crescente, que fazia com que essas sociedades se movessem em uma mesma direção, como um paralelismo estrutural no seu desenvolvimento de conjunto enquanto sociedade.

O aparecimento de ciências que se dedicaram ao estudo das sociedades foi em si mesmo uma faceta desta fase de desenvolvimento de sociedades estados. Este episódio distinguiu-se, entre outras coisas, pela crescente cientifização de controle sobre a natureza que se verificou, por exemplo, na descoberta de novas fontes de energia, e num avanço correspondente na diferenciação

ocupacional. Houve uma relação entre tendência incipiente para uma cientifização do pensamento sobre a sociedade e as mudanças estruturais no interior das sociedades-estados onde ocorreram estas transformações intelectuais (ELIAS, 1999. p. 68).

As transformações e mudanças ocorridas na cidade, foram se constituindo ao longo deste período, com o aumento populacional, devendo a partir disto, este novo centro urbano adequar as mudanças técnicas, estruturais, pedagógicas, médicas e jurídicas para educar, controlar e manter uma estrutura social em processo de formação.

Percebe-se na formação deste centro urbano a busca pela modernização que foi mudando fisicamente a cidade; as ruas passaram a ser calçadas, o saneamento básico passou a ser uma preocupação, a iluminação pública, as fábricas e o comércio que se constituíam, os novos edifícios, a vida noturna e social ativadas, os meios de transporte e muitas outras novidades que iam fazendo parte no novo cotidiano da cidade e desse processo modernizador.

Este novo modo de vida dos indivíduos, de adequação a esta realidade, ocasionou transformações sociais que acabaram gerando uma configuração da sociedade local.

A sociedade local, como uma formação social, é onde se definem de maneira específica as relações existentes entre os sujeitos sociais e onde as dependências recíprocas que ligam os indivíduos uns aos outros produzem códigos e comportamentos novos e originais.

Compreender a configuração da sociedade traz um significado, cujos objetivos conduzem a estabelecer novas considerações sobre os padrões de comportamento, compreendendo desta forma o processo social da rede de ligações que se estabeleceu na sociedade e o reflexo de estratégias instauradoras e mantenedoras das instituições dentro de suas relativas posições e manifestações de poder.

As dependências recíprocas das pessoas não são obviamente sempre as mesmas em todas as sociedades nos seus vários estádios de desenvolvimento. Para Elias (1999, p. 147), no entanto, é possível tentar centralizar-se numa ou duas formas de dependência, mostrando

resumidamente como é que as interdependências mudam, à medida que as sociedades se tornam cada vez mais diferenciadas e estratificadas.

Pesquisar sobre Curitiba do final do século XIX, identificando o lazer como um elemento estratégico para analisar a sociedade, é uma tentativa de decifrar de outro modo a sociedade, penetrando na meadas das relações e das tensões que a constituíam, como um ponto de entrada particular, uma rede de práticas específicas e considerando não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles.

A partir do momento em que as condições físicas, políticas e culturais da cidade tomaram um rumo específico, com uma concentração populacional cada vez maior, decorrendo uma crescente inter-relação entre os moradores e uma conseqüente diferenciação de funções, o lazer – mais especificamente no clube social – passa a ser lugar possível para o entendimento das relações sociais que se estabeleceram no final do século XIX.

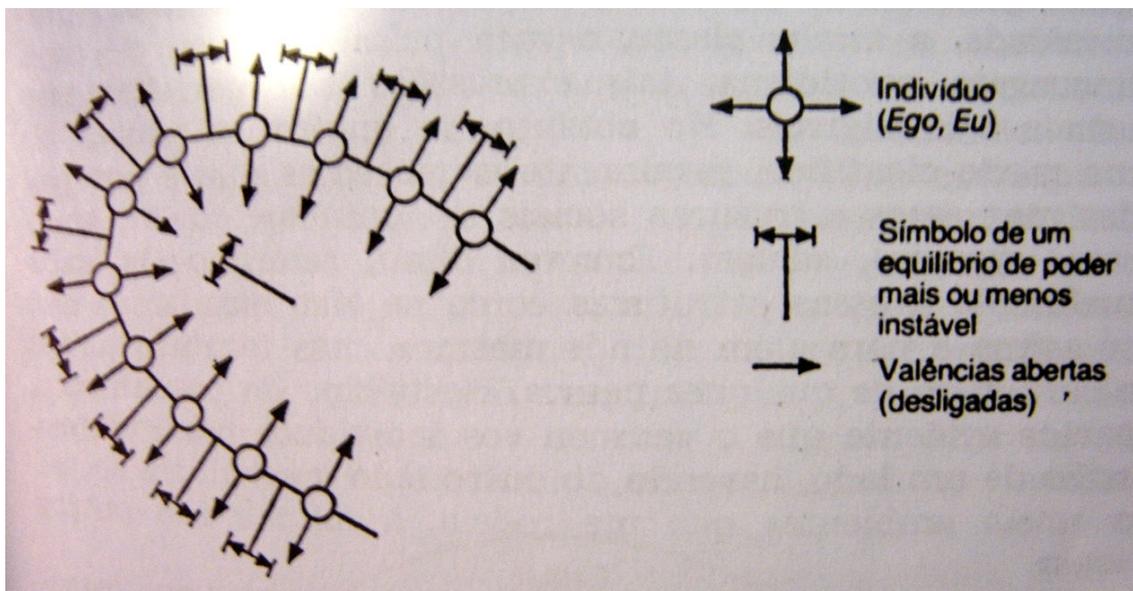
O clube social, neste caso o Clube Curitibano, visto numa dada formação, num conjunto de relações interdependentes que ligam os indivíduos constituintes, seria o que Elias denomina configuração. É relevante destacar que cada época histórica, cada tipo de sociedade, dentro do seu contexto histórico específico, produz um conjunto de figurações igualmente específicas.

A análise desta formação social, por sua própria natureza, possibilita a visualização das formas de existência e de desenvolvimento entre os indivíduos na sua estrutura social. Não um indivíduo em si, mas sim os conceitos fundamentais de formação, interdependência e controle.

Norbert Elias (1999, p.15) distingue repetidamente, sob o viés de uma análise sociológica, que as pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, clubes, estratos da sociedade ou estados. Cada uma dessas pessoas constitui um ego ou uma pessoa, como muitas vezes se diz numa linguagem reificante.

Para melhor compreender o conceito de sociedade, o diagrama abaixo, ajuda a perceber e orientar este entendimento.

1 – REPRESENTAÇÃO DE INDIVÍDUOS INTERDEPENDENTES (FAMÍLIA, ESTADO, GRUPOS E SOCIEDADE).



FONTE: ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999. p.15.

O diagrama, para Elias, ajuda a transpor a barreira de reificação de conceitos, dando a idéia de que a sociedade é constituída por estruturas que nos são exteriores – os indivíduos – e que os indivíduos são simultaneamente rodeados pela sociedade e separados dela por uma barreira invisível.

É apresentada uma visão mais realista de pessoas que, através das suas disposições e inclinações básicas, são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras, constituindo, como já mencionado acima, teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados e clubes sociais.

Para Chartier (1990, p. 92), os pressupostos de estudos trabalhados por Elias sobre sociedade denotam um projeto qualificado como sociológico:

A análise das sociedades, por seu turno, propôs uma história das estruturas que já não é dos indivíduos e onde contam, antes de mais, as posições dos grupos relativamente uns aos outros, os mecanismos que asseguram a mobilidade (ou a reprodução) social, os funcionamentos não apreendidos pelos sujeitos sociais e sobre os quais a sua ação voluntária não tem qualquer influência.

A análise da sociedade nesta ótica é, portanto, uma forma de perceber o indivíduo frente a uma complexidade de inter-relações, que se inauguram na cidade neste período, pelo progresso num ritmo mais acelerado e pela diferenciada forma que se tornará a cidade e os seus moradores.

O olhar sobre Curitiba tem o objetivo de analisar a relação dos curitibanos com a cidade moderna, tentando entender não só as relações sociais que se estruturavam, mas todo um processo em andamento, buscando compreender melhor a crescente interdependência que se desencadeou entre os indivíduos desta sociedade, cada vez mais diferenciada de funções e diversificada de atitudes.

1.2 Curitiba: constituindo-se como grande cidade

Iniciaremos esta discussão sobre a cidade de Curitiba, retratando a emancipação do Paraná e por consequência a definição da cidade como capital da recém-criada província. Em função disto, a mesma passa a constituir-se efetivamente como cidade.

A história política do Paraná tem seu início com a emancipação da sua porção territorial da província de São Paulo, conquistada em 1853, como consequência das aspirações de ideais do liberalismo no Brasil que despertavam a vontade de derrubar todos os poderes que se sobrepujam ao pequeno poder local (SAINT HILAIRE, apud BALHANA et al, 1969, p. 104).

Contribuindo para isto, com o crescimento do comércio de animais e a exportação da erva-mate, essa região passou a despertar o interesse do poder central, sendo a emancipação uma concessão estratégica do governo imperial para aplacar o descontentamento dos liberais com a excessiva interferência do poder central nas províncias, bem como contra os impostos cobrados pelas exportações. Porém, mais do que pelo fator econômico, a concessão ocorre pela ameaça separatista, sugerida pela Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, que despertara a atenção do governo imperial para o risco de alargamento da onda revolucionária até o Paraná e, daí, para a própria província de São Paulo.

Para o governo imperial, a situação já difícil tornar-se-ia crítica se os liberais de Minas e de São Paulo, revoltados, conseguissem unir-se aos farrapos do Rio Grande do Sul e formar uma frente única revolucionária. Ora, este fato dependia da Comarca de Curitiba. Dominada politicamente por liberais e estrategicamente colocada, sua adesão à revolução ligaria as forças rio-grandenses com a 'Coluna Libertadora' de São Paulo e Minas Gerais. Era mister cativar os curitibanos. Sua atitude seria decisiva (WACHOWICZ, 1988, p. 115).

O desfecho do processo de emancipação vem a ocorrer quando deputados mineiros e baianos vislumbraram na emancipação oportunidade de diminuir o crescimento e a projeção política que a Província de São Paulo vinha adquirindo com a economia cafeeira. Segundo Wachowicz (1988, p. 119), era uma excelente oportunidade de "serrar São Paulo pelo rio Paranapanema".

A lei nº 704, de 29 de agosto de 1853, respeitada a grafia original, que eleva a Comarca de Curitiba na Província de São Paulo, à categoria de Província do Paraná, era constituída de cinco artigos, conforme abaixo.

Dom Pedro Segundo, por graça Deos, e unanime aclamação dos povos, Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil: Fazemos saber a todos os nossos súditos, que a Assembleia Geral Legislativa decretou, e nós queremos a lei seguinte:

Art. 1.º – A comarca de Curitiba na província de São Paulo fica elevada a cathegoria de província, com a denominação de – Província do Paraná – A sua extensão e limites serão os mesmos da referida comarca.

Art. 2.º - A nova provincia terá como capital a cidade de Curitiba, em quanto a assemblea respectiva não decretar o contrario.

Art. 3.º - A provincia do Paraná dera um senador e um deputado á assembléa geral: sua assembléa provincial constará de vinte membros.

Art. 4.º - O governo fica autorizado para crear na mesma provincia as estações fiscaes indispensáveis para a arrecadação e administração das rendas geraes submettendo depois o que houver determinado ao conhecimentos da assembléa geral para definitiva approvação.

Art. 5.º - Ficão revogadas as disposições em contrario.

Mandamos por tanto a todas as autoridades, a quem o conhecimento desta lei pertencer, que a cumprão e fação cumprir, e guardar tão inteiramente como nella se contem.

O Secretario d'Estado dos Negócios do Império a faça imprimir, publicar e correr. Dado no Palácio do Rio de Janeiro, aos vinte e nove de agosto de mil oito centos cincoenta e três, trigésimo segundo da Independência e do Império (WERNECK, 1978, p. 32).

Constituída como Província a partir de 19 de dezembro de 1853, com a instalação do Governo Provincial, o Paraná herda uma situação pouco

invejável no tocante às condições financeiras e de infraestrutura, com uma situação economicamente periférica e geograficamente intermediária. As poucas estradas apresentavam-se precárias, impedindo o deslocamento e a comunicação das populações. A grande distância que separava as cidades mais importantes, Paranaguá e Curitiba, inviabilizava contato mais estreito com a Capital da Província.

A respeito desse fato, Romário Martins (1982, p. 23) comenta sobre o estado em que se encontrava a cidade no ano da sua fundação em 1693.

Nossa autonomia administrativa em 1853, nos encontrou, mal saídos da mentalidade da vida sertaneja de 1693. As casas de Curitiba, em regra eram de taipa ou pedras secas, de um só pavimento quase todas sem soalho de madeira mas de terra socada. Na vida do lar reinava o patriarcalismo aldeão pouco exigente de conforto.

O Paraná passa a ter como seu presidente o baiano Zacarias de Góes e Vasconcellos. Sob sua gestão, as reivindicações dos curitibanos foram emancipação financeira, criação de um sistema de estradas, instrução pública, transferência da feira de Sorocaba para Castro e beneficiamento e ampliação do mercado da erva-mate e da madeira (BALHANA, 1969, p. 110).

O cenário da cidade de Curitiba neste momento era modesto e acanhado, com situação muito crítica na formação de uma classe dirigente na cidade.

Curitiba era, nessa época, uma insignificância, que de cidade só tinha o predicamento oficial. Para criar a Província, o Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, seu 1º Presidente, não podia contar, como não contou com nenhum espírito de resolução e iniciativa. Todos os elementos locais juntos, não valiam um homem como ele (MARTINS, 1922, p. 167).

Segundo ROCHA POMBO (1980, p. 76), o primeiro ato do Presidente empossado foi o da convocação da Assembleia Provincial, que tinha o objetivo de organizar toda a estrutura administrativa da cidade:

Essa primeira Assembléia Legislativa devia desempenhar uma difícil e importante tarefa; tinha de organizar toda a administração, de criar todos os serviços públicos, de prover as necessidades da justiça, da

instrução popular, da política, da viação, da catequese, em suma, enfrentava com a tarefa assoberbante de fazer a ordem no meio daquele caos em que sobrevivia quase inalterado o regime colonial.

Evidencia-se, nas narrativas acima, o espírito de atraso com que se encontrava a cidade, num discurso que leva a entender que a sociedade local já vislumbrava horizontes de progresso e crescimento comparáveis às cidades de São Paulo, Salvador, Recife e com a corte do Rio de Janeiro, reforçados pelo fato de que a formação dos intelectuais da cidade acontecia nestes grandes centros da época.

A primeira tarefa a que se propôs o 1º Presidente foi a de efetuar estudos que viabilizassem a construção de estradas entre Curitiba e o litoral, pois até então o que existiam eram caminhos de tropas que, pela precariedade, tornavam morosos quaisquer tipos de cargas transportadas, prejudicando economicamente a região mais importante da província.

Um outro desafio que se impunha era o de atrair os governados para a sua administração, e devido ao grande número de analfabetos e estrangeiros, havia a preocupação de se investir na instrução pública que beneficiaria a recém-criada província, constituindo também uma identidade local própria.

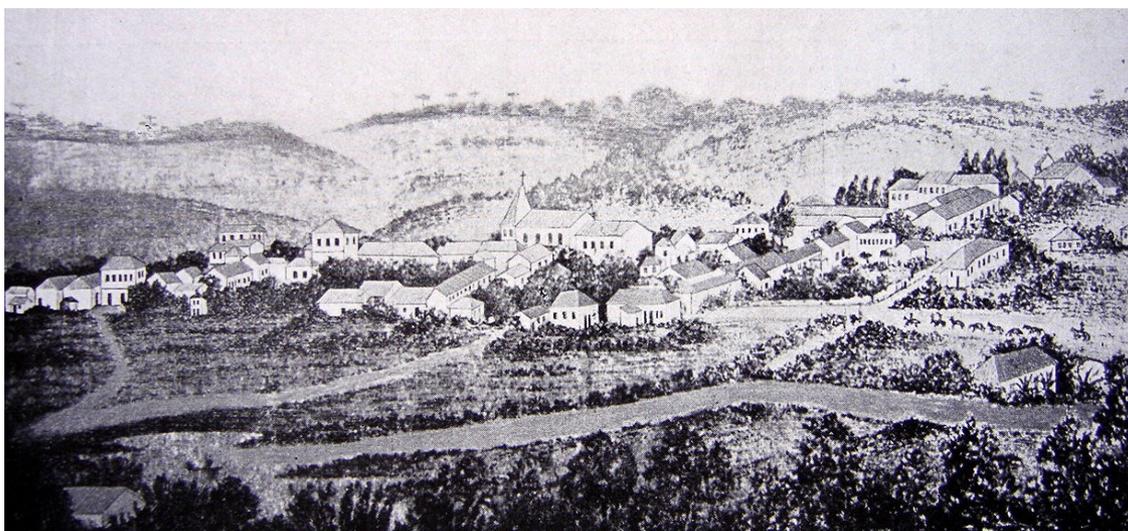
Não apenas a mão-de-obra seria mais bem formada, mas também o governo conquistaria maior visibilidade frente aos governados. Particularmente no Paraná, o ensino primário vinha atender à necessidade reconhecida pelos governantes de “abrasileirar” os estrangeiros – imigrantes que, ao se estabelecerem principalmente na região Sul (caracterizada pela baixa densidade demográfica), preservavam seus valores e costumes, bem como o idioma de origem. Essas subculturas sempre foram vistas pelas elites de origem lusa como uma ameaça à sua hegemonia (MAGALHÃES, 2001, p. 24).

Em Curitiba, nesta época, se apurou a existência de 5.819 habitantes, dos quais eram 2.040 homens, 2.879 mulheres e 900 crianças. Dessa população eram 4.102 brancos, 955 mulatos e 762 negros. Dos negros e mulatos eram escravos 473. Continha a cidade 308 casas, 52 em construção, 38 estabelecimentos comerciais agropecuários, 35 de secos e molhados, 3 ourivesarias, 5 ferrarias, 2 marcenarias, 6 alfaiatarias, 3 açougues, 9

sapatarias, 1 serraria, 1 padaria, além de diversas casas particulares onde se vendiam pães, sequilhos e biscoitos (MARTINS, 1922, p. 25).

Sua economia, como cidade pequena, era baseada no extrativismo e na agricultura de subsistência, sendo entreposto por onde passavam os tropeiros. A ocupação principal dos curitibanos era a criação de gado, a exploração de erva-mate e a cultura do milho, feijão, aipim, batata e trigo.

2 – CURITIBA EM 1855, LITOGRAFIA SEGUNDO DESENHO DE J.H. ELLIOT.



FONTE: Carneiro, Newton. Iconografia Paranaense. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1950.

Curitiba apresentava-se como uma cidade pequena e com uma constituição arquitetônica ainda colonial, com poucos recursos, com pequeno comércio, casas baixas e afastadas umas das outras, janelas sem vidro e fechadas com trameças de madeira, ruas tortas, angulosas e sem calçamento, prejudicando o comércio e o trânsito do gado leiteiro. Carros de bois de duas rodas transportavam lenhas e produtos, assim como carretões pesados, também de duas rodas, levavam material de construção (FUGMANN, 1929, p. 34).

Ainda que apresentando uma constituição modesta, a cidade foi crescendo pela importância que ela passou a ter com a emancipação do Paraná.

No ano de 1858, em passagem por Curitiba, o viajante Ave-Lallement já descrevia uma cidade de duas naturezas, uma que reforçava o cenário modesto da cidade e outra que refletia progresso e crescimento:

Chegara eu à cidade capital de Curitiba. Por isso talvez é que me surpreendeu muito agradavelmente a cidade de uns 5.000 habitantes. Naturalmente nela nada se encontra de grande ou grandioso. Em tudo, nas ruas e casas e mesmo nos homens se reconhece uma dupla natureza . Uma é a da velha Curitiba, quando ainda não era a capital de uma Província, mas um modesto lugar central, a quinta comarca de São Paulo. Aí se vêem ruas não calçadas, casas de madeira e toda a espécie de desmazelo, cantos sujos e praças desordenadas, ao lado das quais há muita coisa em ruínas e não se pode deixar de reconhecer evidente decadência e atraso. Na segunda natureza, ao contrário, expressa-se decisiva regeneração, embora não apareça nenhum grandioso estilo Renascença. Desde a chegada do Presidente e do pessoal administrativo, Curitiba tem o seu palácio. Naturalmente é um simples rés-do-chão e tem aparência desprezível, modesta, mas é bonito e aseado. Para a força militar foi construído um quartel general que é visto de longe e produz um belo efeito.

... além disso, foram construídos a Câmara de Deputados provincial, o Tesouro e muitas coisas; em resumo, Curitiba, a velha vila enfezada, marcha com energia para um novo desenvolvimento (AVE-LALLEMENT, 1953, p. 273-276).

Em meados do século XIX, a erva-mate já era o principal produto de exportação da província do Paraná, posição que manteve sem dificuldades ao longo do período. Nessa conjuntura histórica percebe-se a progressiva expansão do controle que os comerciantes de erva-mate exerciam sobre o processo produtivo, resultando, ao final deste, a instauração de uma indústria da erva-mate, que veio a instalar-se em Curitiba e no Litoral.

O mate adquire expressiva importância, passando a responder por um percentual significativo da economia local. Sua industrialização começa a gerar grande crescimento das atividades dedicadas ao seu suporte, embalagem (barricas e caixas) e transporte. Em função disto, desenvolveram-se os setores metalúrgicos, madeireiro, gráfico, da construção de estradas de rodagem e de ferro e da navegação fluvial, assim como ocorreu um crescimento significativo do número de habitantes, de uma melhor representação política e da fortuna das principais famílias curitibanas.

3 – CURITIBA EM MEADOS DO SÉCULO XIX. O CASARIO E COLONIAL DOMINANDO A PAISAGEM.



FONTE: Boletim Casa Romário Martins. Centro histórico: espaços do passado e do presente. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n.130, mar., 2006. p. 42.

Este processo conferiu extraordinário impulso ao conjunto da economia de Curitiba, ativando o setor comercial, proporcionando o surgimento de uma nova categoria social dos produtores e dos comerciantes e também atraindo imigrantes que se adaptaram a sua exploração, sendo um fator de fixação do homem à terra.

Curitiba neste momento começa a apresentar uma configuração, com entrelaçamento de diversos interesses e intenções individuais, independentemente de suas convergências ou divergências, que passam a emergir com a expansão dos setores político, econômico e social.

Para Elias, o conceito de figuração refere-se à teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas maneiras, sendo que as ações de um conjunto de pessoas interdependentes interferem de maneira a formar uma estrutura entrelaçada de numerosas propriedades emergentes, tais como relações de força, eixos de tensão, sistemas de classes e de estratificação, desportos e lazer (Elias&Dunning, 1992, p. 25-26).

4 – CARROÇAS NO RIO – TRANSPORTE DE ERVA-MATE EM CARROÇÕES, 1880.



FONTE: Miranda, N.;Urban,T. Engenheiros e barbaquás. Curitiba: Posigraf, 1998. p.71

Evidencia-se neste momento, na cidade de Curitiba, uma diversificação das atividades e por consequência uma diferenciação das funções, com novas práticas urbanas, num novo contexto de cidade em processo de urbanização e em constante mudança de ambiente, onde os seus habitantes passam a viver criando novos lugares, dando novos sentidos aos espaços, estabelecendo novas relações sociais e de interdependência.

Estas relações de interdependência entre os atores sociais são explicitadas pelo conjunto de relações que os mesmos tecem entre si, formando diferentes grupos sociais, cada qual com sua dinâmica específica (ELIAS, 2001, p. 177).

A economia da cidade começa a entrar definitivamente numa fase comercial, a partir de uma economia de exportação que substituiu quase que por completo uma produção de subsistência, resultando no aumento da renda da população e no incremento do mercado interno, tendo desdobramentos na vida social e intelectual da região.

A intensa dedicação da população rural à atividade ervateira, torna-a dependente do mercado para obter gêneros alimentícios. Isso desarticulou de vez a frágil economia de subsistência, o que também contribuiu para a disseminação das relações de mercado (OLIVEIRA, 2001, p. 28).

Este contexto da indústria da erva-mate, proporciona a Curitiba um período de efervescência política, econômica e social, consolida a

emancipação da província do Paraná e dá início a uma infraestrutura que seria utilizada por outros ciclos, além de originar a fortuna das principais famílias locais, como já foi dito antes.

Os frutos obtidos com a industrialização da erva-mate transformam a face do povoado em cidade, iniciando um modelo de aristocracia que deixava o campo em direção à cidade, uma aristocracia industrial e comercial que vislumbrava e desenhava um lugar que escolhia para viver e morar.

Todas as redes de interdependências que os homens constituem no estágio anterior do desenvolvimento, comparadas àquelas que eles constituem posteriormente, são mais curtas, menos numerosas e com frequência menos estáveis, menos estruturadas (ELIAS, 2001, p. 225).

Neste panorama da cidade, com a solidificação de uma nova formação, as redes de interdependências constituem-se de maneira mais longa, mais numerosas e mais estáveis e estruturadas. É a partir deste estágio de desenvolvimento, de densidade e solidez das redes de interdependências que se altera de um modo específico o tipo de coerções que os indivíduos exercem entre si.

A recém-criada máquina administrativa busca criar um espaço propício para os seus negócios, em nome de um progresso de suas próprias atividades, criando um governo de si e para si, como era típico das oligarquias regionais no Brasil.

Esta reorganização da máquina administrativa, com a monopolização e a centralização da administração, se faz acompanhada de uma reorganização dos relacionamentos humanos, com correspondentes mudanças nas maneiras, na estrutura da personalidade dos indivíduos, cujo resultado é uma nova forma de conduta e de sentimentos “civilizados”.

As mudanças específicas na maneira como as pessoas se prendem umas às outras, modelando-lhes a personalidade de uma maneira civilizada, é o resultado da pressão da competição entre as funções diferenciadas. Quanto mais diferenciadas elas se tornarem, mais cresce o número de funções. À medida que mais pessoas sintonizam sua conduta com a de outras, as teias de ações se organizam de forma rigorosa e precisa. O indivíduo é compelido a

regular sua conduta de maneira mais uniforme e estável, num modelo de autocontrole (ELIAS, 1993, p. 195-196).

5 – TRANSPORTE DE BARRICAS DE MATE. ENGENHO DO TIMBÚM, COMENDADOR MACEDO – CURITIBA – 1870.



FONTE: PROSSER, Elizabeth S. Cem anos de sociedade, arte e educação em Curitiba: 1853 – 1953. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004. p. 31.

Com a maior complexidade da sociedade curitibana, seja pela diversificação das atividades e diferenciação das funções, ou pela monopolização e centralização da administração, o autocontrole individual vai se tornando mais diferenciado, complexo e estável. Quanto mais apertada fosse a teia de interdependência em que o indivíduo estivesse amarrado, com o aumento da divisão das funções, maiores seriam os espaços sociais por onde se estenderiam essa rede, integrando-se em unidades funcionais ou institucionais.

As dependências recíprocas das pessoas não são obviamente sempre as mesmas em todas as sociedades nos seus vários estádios de desenvolvimento. Para Elias (1999, p. 147), no entanto, é possível tentar centralizar-se numa ou duas formas de dependência, mostrando resumidamente como é que as interdependências mudam, à medida que as sociedades se tornam cada vez mais diferenciadas e estratificadas.

Como já foi mencionado anteriormente, o cultivo, transporte e industrialização absorviam um grande número de trabalhadores, homens e mulheres, livres e escravos, que se dedicavam a essa atividade. Esta absorção diminuía a possibilidade de produção de alimentos na cidade e a falta de interesse dos luso-brasileiros no desenvolvimento de uma agricultura sólida acaba levando os governos imperial e local a uma política imigratória de colonização.

O concurso da imigração traria uma solução para os problemas de escassez de mão-de-obra para as lavouras, ao mesmo tempo em que a produção de alimentos nas pequenas propriedades poderia suprir eficazmente as necessidades da população da cidade. O objetivo estratégico seria no sentido de preencher os espaços e completar a ocupação do território.

Em 1867, Curitiba recebe o primeiro influxo decisivo de progresso, com a chegada de colonos alemães, vindos de Santa Catarina (então D. Francisca) e que se fixaram nos arredores de Curitiba.

A partir da década de 1870, Curitiba passa a receber a corrente imigratória com maior intensidade, começando a concretizar o prognóstico do viajante Ave-Lallement (1953, p. 276): “a velha vila enfazada marcha com energia para um novo desenvolvimento”.

A chegada dos imigrantes, de maneira significativa, na cidade de Curitiba, amplia as transformações nas estruturas da sociedade, especialmente nas relações sociais, que acabam produzindo alterações nas estruturas de personalidade dos indivíduos que a constituíam.

A adaptação do imigrante à cidade, além do benefício ao problema do abastecimento, traz a introdução de novos costumes e técnicas, como é descrito abaixo:

...realizavam a obra magnífica de uma vitoriosa adaptação e não somente prosperavam nos trabalhos da pequena lavoura, com cujos produtos abasteciam a cidade, como também, introduziam nos nossos costumes e processos rurais, exemplos de ordem e de simplificação que os nacionais iam aceitando e praticando (MARTINS, 1922, p. 182).

6 - ESQUINA DA RUA ALEGRE COM O LARGO DA MATRIZ. AO FUNDO, A ANTIGA IGREJA DO ROSÁRIO - 1873.



FONTE: Boletim Casa Romário Martins. Centro histórico: espaços do passado e do presente. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n.130, mar., 2006. p. 41.

Na cidade o imigrante contribuiu significativamente para uma transformação na estrutura da personalidade do ser individual, produzindo uma série de transformações na estrutura social em que o indivíduo estava inserido.

A sociedade curitibana passou, neste momento, a constituir-se de teias de interdependência, formando o nexo da configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes, que através das suas disposições e inclinações básicas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras, constituindo a figuração da cidade.

Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente pela ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidade, apenas como configurações (ELIAS, 1994b, p. 249).

Abaixo em ordem cronológica, destacam-se ainda, durante o período provincial, alguns atos de governos que influenciaram o desenvolvimento do Paraná e da cidade de Curitiba (WACHOWICZ, 1988, p. 123-126).

- Presidente Zacarias Góes e Vasconcellos (1854-1856).
 - Divisão da província em três comarcas: Curitiba, Paranaguá e Castro.
 - Criação de uma Companhia Policial, a fim de proporcionar aos cidadãos maior segurança individual.
 - Início da construção da estrada que ligaria Curitiba a Antonina, a conhecida Estrada da Graciosa.
 - Organização de várias escolas primárias e a criação das cadeiras de francês e inglês no Liceu Paranaense.
- Presidente Francisco Liberato de Matos (1857 – 59).
 - Incentivou a imigração europeia para as colônias de Assungui e Superagui.
 - Construiu o trapiche do porto de Antonina.
 - Criou uma linha de navegação entre Antonina e Paranaguá.
- Presidente André de Pádua Fleury (1864-66).
 - Água potável à população curitibana.
 - Expedições de exploração aos rios Paranapanema, Ivaí e Tibagi, a fim de estudar a ligação fluvial entre o Paraná e a província de Mato Grosso.
 - Estudos para a criação de colônias militares do Chapecó e Chopim.
- Presidente Frederico de Araújo Abranches (1873-75).
 - Grande desempenho em fundar novas colônias de imigrantes, visando, com isto, a aumentar os braços que trabalhavam na lavoura.
 - Pelo equilíbrio orçamentário da província.
- Presidente Adolfo Lamenha Lins (1875-77).
 - Estimulou o ensino, sobretudo o secundário, criando a Escola Normal e reestruturando o Liceu Paranaense.
 - Providenciou a construção da catedral da cidade de Curitiba.
 - Fundou inúmeras colônias de imigrantes europeus com a finalidade de garantir o abastecimento da capital: Tomás Coelho,

Orleans, Santa Cândida, Santo Inácio, D. Pedro, D. Augusto, Nova Itália (no litoral) e Lamenha Lins.

- Presidente Manuel Pinto de Souza Dantas (1879-80).

- Recebeu a visita do imperador D. Pedro II, que veio dar início à construção da estrada de ferro Curitiba a Paranaguá.
- A ligação Curitiba a Castro por serviço de diligência, passando a mesma por Palmeira e Ponta Grossa.
- A construção do Teatro S. Teodoro, depois chamado de Guairá.
- A ampliação da iluminação pública em Curitiba.
- Incentivou a cultura do trigo, café e algodão.

Curitiba, neste momento, passou a moldar-se no fazer cotidiano e urbano, produzindo representações, linguagens e significados, propondo aos moradores novos ângulos e visões pelos quais a cidade passava a ser percebida e compreendida em sua permanente transformação.

1.3 Curitiba: urbanização e desenvolvimento

A pequena vila transformada em capital de província em 1854 passou com maior intensidade, a partir de 1870, por um acentuado processo de urbanização e crescimento populacional. A cidade de Curitiba começou a dar sinais de um progresso anunciado.

Algumas descrições do engenheiro inglês Thomas Bigg-Wither caracterizaram estes primeiros sinais. De maneira comparativa, seus relatos demonstram um crescimento no prazo de quatorze meses:

No ano de 1872, em que escrevo, a cidade de Curitiba podia ter 9500 habitantes dos quais 1500 eram imigrantes, especialmente alemães e franceses. Ela, portanto, não ocupava grande extensão (...) No centro havia grande praça, com 200 jardas talvez de um lado, achando-se a igreja num dos cantos. Mesmo para esta cidade (capital de uma província cuja extensão é maior que a da Inglaterra inteira) a arquitetura desse edifício era muito fraca (...) O Presidente da Província também morava ali. Sua casa, chamada por cortesia de palácio tinha três pavimentos, cômodos mas de aparência simples. Estava localizada na rua Principal, e cercada de lojas, dirigidas aparentemente por homens resolutos, que não se limitavam a uma ou

mesmo duas espécies de mercadorias, adotando um sistema de negociar totalmente cosmopolita, para atender da mesma maneira gentil o freguês que viesse comprar um rolo de fumo, como o que quisesse uma jarda de morim. Todas as lojas maiores pareciam ser de propriedade de brasileiros ou portugueses, enquanto a grande maioria das lojas menores estava em mãos de alemães (...) que estavam bem radicados ali. Eram os donos dos dois únicos hotéis da cidade (...) eles mantinham o monopólio dos serviços de transporte em carroças pela grande estrada até o mar (Thomas Bigg-Wither 1974, p. 49-55).

Após viajar pelo interior do estado a trabalho, Bigg-Wither (1974, p. 323) retorna a Curitiba quatorze meses depois, registrando a seguinte impressão da cidade:

Curitiba tinha saído inteiramente de minha lembrança nesse intervalo de quatorze meses. À direita e à esquerda da nova estrada que levava a Palmeira havia longas carreiras de casas, no mesmo lugar onde antes eu vira campo aberto. À direita, em construção, vi um gigantesco edifício, no mais moderno estilo de um hotel de Londres do que qualquer dos que vira no Rio e, em todos os lados, havia sinais inequívocos de progresso.

Romário Martins (1941, p. 94-98) apontou para Curitiba em 1872, uma população de 11.730 habitantes, no Primeiro Recenseamento do Império. E uma população de 24.553 habitantes em 1890, no Primeiro Recenseamento da República e 50.124, em 1900, no Segundo Recenseamento da República. Da análise destes dados pode-se deduzir claramente um grande incremento populacional para Curitiba, tendo seu ápice na década de 1890-1900.

O crescimento demográfico, neste período, deveu-se principalmente ao imigrante, que não veio para ser empregado das grandes fazendas, como em São Paulo, mas para ser dono da sua propriedade e promover a colonização do Paraná e da cidade de Curitiba.

A população imigrante, composta inicialmente por franceses e alemães, estes reemigrantes de Santa Catarina, foi acrescida de novos contingentes de imigrantes italianos, poloneses, alemães e também alguns franceses e suíços, que passaram a residir em colônias agrícolas estabelecidas nos arredores da cidade.

Os resultados obtidos nessas colônias atraíram um maior número de reimigrantes que ali se estabeleceram ou formaram colônias particulares, ou, ainda, ingressaram em atividades eminentemente urbanas.

7 – CURITIBA NA DÉCADA DE 1870, FOTOGRAFIA A PARTIR DA REGIÃO DA PRAÇA CARLOS GOMES. RESSALTA, NA PAISAGEM, A ANTIGA CATEDRAL.



FONTE: Boletim Casa Romário Martins. Centro histórico: espaços do passado e do presente. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n.130, mar., 2006. p. 7.

É importante frisar que a imigração no Paraná, e em especial em Curitiba, não teve o objetivo de suprir a carência de mão-de-obra para a grande lavoura de exportação, mas sim criar uma agricultura de abastecimento, uma vez que a economia da Província, e depois Estado, em grande parte girava em torno da atividade ervateira e do comércio de gado.

O sistema de colonização no Paraná foi implantado, como principal meta da administração do Presidente da Província do Paraná, Lamenha Lins, a partir do início de sua administração em 1875. Constatou-se, neste momento, a existência de problemas crônicos na maioria das colônias: terras pouco férteis, colônias localizadas fora das rotas de ligação com Curitiba e o litoral e o elevado custo do transporte (SANTOS, 2001, p. 78).

Esta proposta migratória, proposta por Lamenha Lins, continha alguns elementos importantes a serem destacados, conforme Valente (2004, p. 60): a preocupação com a fidelidade das informações prestadas ao imigrante, assim como com a recepção que teria, no País, compreendendo que sofrer vexames

seria profundamente desastroso para o relacionamento do imigrante com a nova terra.

8 - ASPECTOS DO ROCIO DE CURITIBA, COM CASAS DOS COLONOS ALEMÃES, 1881.
HUGO CALGAN.



FONTE: PROSSER, Elizabeth S. Cem anos de sociedade, arte e educação em Curitiba: 1853 – 1953. Curitiba:Imprensa Oficial, 2004.

Este fato levou o imigrante paranaense a criar laços de identidade com a sua cidade, fixando-o à terra e trazendo conseqüências, imediatas no Paraná, conforme apresentadas por Balhana, Machado e Westphalen (1967), citado por Valente (2004, p. 60 e 61):

1. Branqueamento evidente da população. Os habitantes do Paraná Tradicional, principalmente, possuem não só aparência europeia como manifestam comportamentos que demonstram sua influência cultural: alimentação, moradia, lazer, meios de transporte.
2. Embora a ocupação do território ainda fosse pequena em relação à área total, a população aumentou consideravelmente em função da imigração.
3. Conquanto os núcleos das colônias que, posteriormente, se transformaram em cidades não tenham sido tão numerosos, como se

tem feito crer, ainda assim, foram significativos para o desenvolvimento comercial.

Este processo seguiu as seguintes premissas; a implementação de formas para a fixação do camponês, a divisão das terras agricultáveis em pequenos lotes, a localização das novas colônias nas proximidades das estradas existentes, a construção de estradas vicinais e a produção de gêneros alimentícios (SANTOS, 2001, p. 79).

Em 1877, Lamenha Lins estimou em seis mil o número de imigrantes estabelecidos nos arredores da capital, que impeliram o município a prosperar e possibilitaram o surgimento de indústrias destinadas aos bens de consumo, cujos produtos encontram no mercado da capital pronta saída e preço animador (VALENTE, 2004, p. 60).

A formação deste sistema trouxe a Curitiba uma determinada formação econômica e social, pela diversificação da produção, pelo estabelecimento de núcleos agrícolas com mão-de-obra imigrante, novas técnicas de cultivo, maior produtividade, novos equipamentos, pequenas indústrias para o beneficiamento da produção, nova malha viária, novos meios de transporte, novas rotas de abastecimento, elaboração de políticas de abastecimento, organização do mercado e novos hábitos alimentares.

A vinda dos camponeses imigrantes para o Paraná, na segunda metade do século XIX, trouxe, ao longo do processo, profundas renovações nos conhecimentos agrícolas que permitiram maior produtividade e padrões de consumo mais elevados, que acabaram por constituir, juntamente com outros elementos, as engrenagens da formação de um sistema de produção agroalimentar na Província (SANTOS, 2001, p. 82).

O imigrante logo se tornou personagem típico da população paranaense, criou a agricultura de abastecimento, a pequena propriedade e participou da economia da madeira, gado e do mate, além de ter concorrido para a modificação do aspecto urbano. Com ele deu-se a introdução do artesanato (pedreiros, carpinteiros, sapateiros, padeiros, salsicheiros, relojoeiros, ferreiros), com várias das oficinas evoluindo para a indústria.

Entre os imigrantes vindos ao Paraná, havia inúmeros artistas, intelectuais, professores e profissionais liberais, que exerciam grande influência na construção da sociedade e da identidade curitibana. É a partir destes, ao se integrarem ao contexto local e ao tomarem parte ativa da vida cotidiana das cidades, que se formará uma sociedade com vida e interesses próprios, especialmente no que diz respeito à educação e à cultura. “São esses imigrantes, com seu espírito associativo, sua contribuição cultural e material, que deram a Curitiba um perfil específico e uma configuração que participa do conceito de um Brasil diferente” (CAROLLO, 1993, p. 26).

9 - COLONAS NA RUA JOSÉ BONIFÁCIO, COMERCIALIZANDO PRODUTOS DA LAVOURA, TRAZIDOS EM CARROÇÕES. DÉCADA DE 1900.



FONTE: Boletim Casa Romário Martins. Centro histórico: espaços do passado e do presente. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n.130, mar., 2006. p. 25.

Fernando de Azevedo (1996, p.604), ressalta o imigrante de classes sociais mais elevadas, as quais compõem, no caso do Paraná, partes da intelectualidade e das futuras classes dirigentes tradicionais, inclusive culturais e artísticas. O início do surto industrial de 1885, o vigoroso impulso civilizador devido à imigração e à nova economia do trabalho livre contribuíram para as transformações de estrutura econômica e social, que não podiam ficar sem efeitos sobre os hábitos e a mentalidade, sobretudo das populações urbanas.

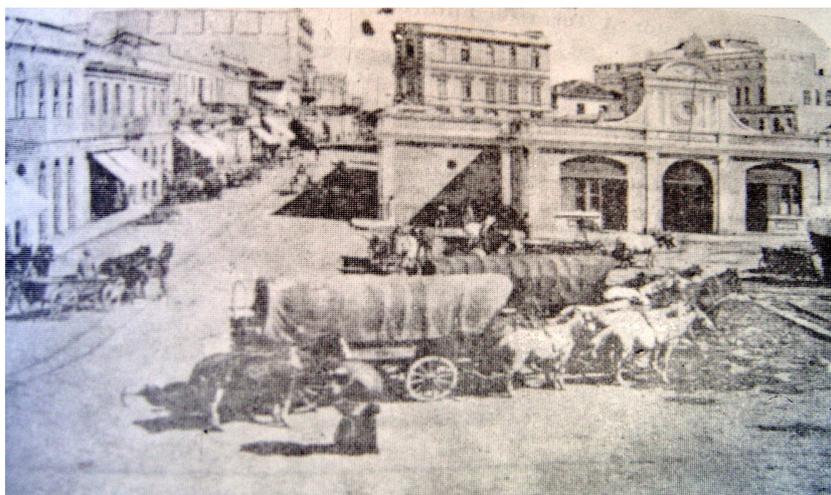
Assim a efervescência cultural e intelectual existente nessa época em Curitiba deveu-se, de um lado, à influência dos imigrantes, que totalizavam aproximadamente 1/5 da população curitibana, o que devia estar alterando as relações sociais e culturais até então estabelecidas (VALENTE, 2004, p. 117).

A ação da imigração na transformação da sociedade curitibana, apontada por Wachowicz (1988, p. 153), pode assim ser sintetizada:

1. Lançou as bases para o surgimento de uma classe média rural e urbana.
2. Desenvolveu um ciclo rodoviário próprio, com a utilização de novas formas de transporte (carroção eslavo e carroça polaca).
3. Recuperou a dignidade social do trabalho braçal, tanto na agricultura, como no meio urbano. O trabalho agrícola e manual deixou de ser considerado vergonhoso e de baixo status social.
4. Difundiu pelo Estado os ofícios manuais como de ferreiro, carpinteiro, marceneiro, arriador, alfaiate, barriqueiro.
5. Proporcionou uma verdadeira revolução agrícola na região (novas técnicas e equipamentos).
6. Introduziu e difundiu o uso na alimentação do centeio, trigo sarraceno, batata inglesa.
7. Proporcionou subsistência à cidade de Curitiba.
8. Deu início a inúmeras indústrias na cidade.
9. Forneceu o principal contingente de mão-de-obra para a abertura das estradas da Graciosa e do Mato Grosso, instalação de Bondes em Curitiba, introdução da energia elétrica e construção de ferrovias do interior.
10. Criou uma arquitetura característica, adaptada tanto ao quadro urbano, quanto ao meio rural.
11. Tornou o Paraná um Estado com população predominantemente branca, com majoritária influência europeia.

A luta pela preservação da cultura dos países de origem dos imigrantes deu origem a escolas para suas crianças, a igrejas para as suas manifestações religiosas e a associações recreativas para o seu lazer cotidiano.

10 – MERCADO MUNICIPAL – OBSERVAM-SE OS CARROÇÕES E OS TRILHOS DO BONDE.



FONTE: WACHOWICZ, Rui C. História do Paraná. 6ª edição ampliada. Curitiba: Editora Gráfica Vincentina, 1988. p. 155.

De outro lado, o elemento luso-brasileiro, já estabelecido na região, valorizava os comportamentos da corte carioca, especialmente os relacionados à cultura e ao saber. Esses comportamentos simbolizavam proximidade e identificação com a civilização, com a Europa, e eram desejáveis tanto para as elites quanto para as camadas em ascensão.

Pode-se afirmar, portanto, que tanto a vida cultural do imigrante quanto a efervescência cultural em torno da corte durante o século XIX, contribuíram para a formação da identidade da sociedade curitibana.

... contribuição de fatores étnicos, mal se pode prever que feição nova trará ela com o cruzamento e com a adaptação do tipo definitivo do paranaense; porém a atualidade já descobre no espírito de iniciativa e de ordem e nos sentimentos de modéstia e de bondade das nossas gentes, - a seiva forte que surge criadora de energias sans para as lutas da vida, irradiadora de ideais para as eclosões incessantes do progresso e da civilização (MARTINS, 1922, p. 153).

11 – PROFESSOR E ALUNOS DA ESCOLA UCRANIANA. SOCIEDADE “PROSVITA” – CURITIBA – INÍCIO DO SÉCULO XX.



FONTE: PROSSER, Elizabeth S. Cem anos de sociedade, arte e educação em Curitiba: 1853 – 1953. Curitiba:Imprensa Oficial, 2004. p. 41.

A década de 1880 a 1890 pode ser considerada a década da transformação urbana, na qual se realizaram os sonhos utilitários de muitos habitantes. A partir de 1885, Curitiba estava ligada ao porto de Paranaguá por estrada de ferro. Na mesma época, começou a contar com água encanada e, antes do fim do século, com eletricidade. São do mesmo período o Passeio Público e os bondes puxados a burro, que iam inicialmente da casa do Barão do Serro Azul, no Fontana, a seus engenhos no Batel. Antes de acabar o século, pelo menos suas ruas centrais, estariam finalmente pavimentadas.

Neste período começavam a repercutir em todos os aspectos da vida de Curitiba os efeitos da nova mentalidade da geração que teve maior acesso ao saber, atuando na vida pública ou liderando atividades voltadas para a comunidade (CAROLLO, 1993, p. 50).

A cidade começava então dar os primeiros passos para a modernização. Apareceram os primeiros grandes sobrados (solares), dentre os quais se destacavam do Comendador Antônio Martins Franco, no antigo largo da Matriz, que hospedou D. Pedro II. O imponente palacete do Barão do Serro Azul, na rua do Serrito, bem como o de Francisco Falce Fontana, um pouco além do terreno doado por ele para ser o Passeio Público.

12- AVENIDA JOÃO GUALBERTO, EM FRENTE AO PORTÃO DO ENGENHO DE ERVA-MATE FONTANA. ESTAÇÃO FINAL DO BONDE PUXADO A CAVALOS.



FONTE: PROSSER, Elizabeth S. Cem anos de sociedade, arte e educação em Curitiba: 1853 – 1953. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004. p. 35.

As transformações ocorridas na Curitiba do último quartel do século XIX podiam ser observadas, também, no desenho urbano da cidade, nas grandes mansões construídas pelos ervateiros e no comportamento e no pensamento desse novo homem cidadão.

Os ervateiros introduzem novos hábitos e padrões culturais e sociais em Curitiba. Pode-se falar de uma arquitetura residencial dos ervateiros, reunindo os edifícios mais representativos de nosso patrimônio. A cidade ganha novo desenho urbano, principalmente em torno do Batel e do Alto da Glória. Outros ervateiros constroem suas residências nas proximidades de seus engenhos, nas imediações das atuais ruas João Negrão e Marechal Floriano Peixoto. O censo de 1906 registra em Curitiba a existência de importantes engenhos dirigidos pelas famílias Miro, Carneiro, pela Baronesa do Serro Azul, Fontana, Veiga, Xavier de Miranda, Azevedo, França e Almeida, Guimarães e Leão (CAROLLO, 1993, p. 44).

Mesmo durante o ciclo da erva-mate, neste período, houve outras atividades de destaque na economia paranaense e curitibana, como a da industrialização da madeira, principalmente a partir da década de 1880. Sua participação mais intensa na economia de estado ocorreu até aproximadamente 1925. Além dela, em finais do século XIX, a industrialização

prosseguiu no processo de implantação que havia tido início com a erva-mate e a madeira, com a instalação de fábricas de fósforos, sabão, velas, massas alimentícias e cerâmicas.

Além disto, Curitiba crescia como centro administrativo e econômico, iniciava-se um declínio da influência dos fazendeiros dos Campos Gerais, principalmente pelo desenvolvimento e modernização da indústria da erva-mate e também pela implantação da indústria madeireira, assim como a vinda dos imigrantes que aceleraram o processo de desintegração desta influência.

Os ervateiros e depois os madeireiros em geral capitalistas, constituíram uma elite social e econômica forte, com projeção no cenário político-administrativo, (formaram) uma verdadeira oligarquia, que, pouco a pouco, foi se firmando no cenário provincial, (e) substituindo os grandes proprietários latifundiários, que, com a desagregação da estrutura agrária tradicional, (perderam) a liderança para as novas forças políticas e econômicas, que se (firmaram) principalmente em fins do século XIX e no decorrer da 1ª República (COSTA, 1981, p. 23).

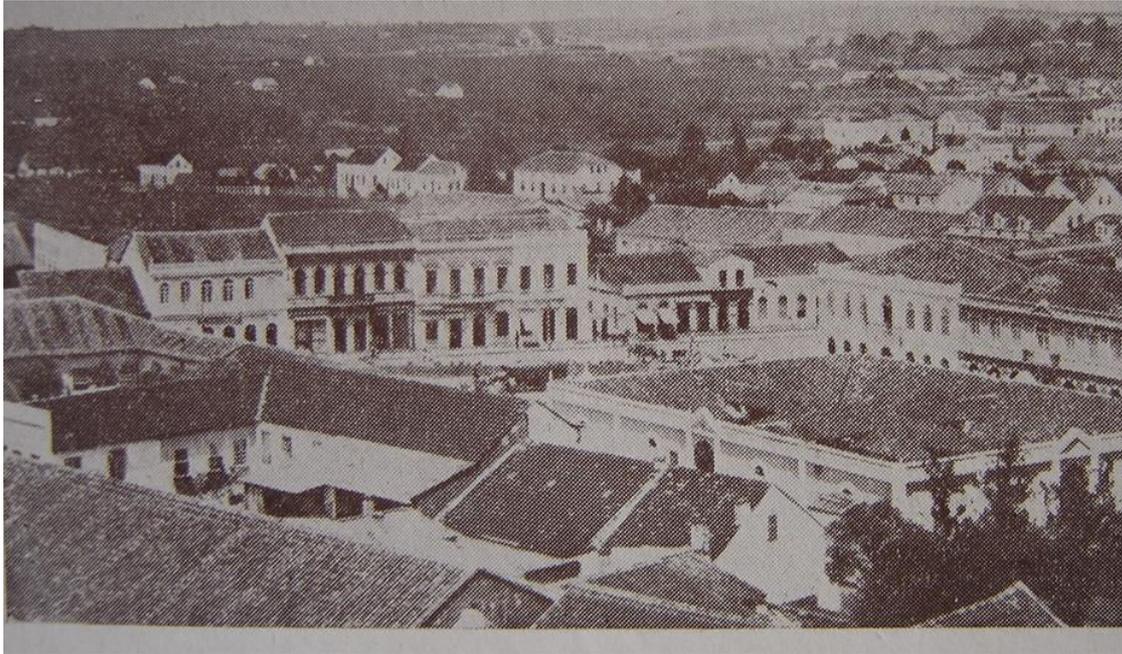
Ao final do século XIX, Curitiba mostrava indícios da sua modernização, configurando as transformações pretendidas ao longo do século XIX. Essas transformações, como explicam Trindade e Andreazza (2001, p. 66).

Eram conduzidas sob a influência progressiva de uma elite economicamente ligada à exploração do mate e da madeira. Ou ainda empenhada na criação de pequenas indústrias e no fornecimento de serviços. Esses grupos, formados por elementos nacionais ou estrangeiros, iriam deter a força política no Paraná republicano, substituindo os fazendeiros tradicionais cujas origens datavam do tropeirismo, agora declinante.

A convivência destes novos grupos, formados por elementos nacionais e estrangeiros, com novos hábitos, culturais e profissionais, tencionaram as relações sociais e os antigos habitantes luso-brasileiros trataram de definir seus papéis e também a construção da representação de uma urbe moderna.

Estas mudanças e o panorama da cidade que havia agora se constituído no final do século XIX eram para historiadores a imagem de uma cidade pacata, habitada por homens ordeiros, que progredia sem contradições.

13 – CURITIBA EM 1897, VISTA DO ALTO DA CATEDRAL.



FONTE: Boletim Casa Romário Martins. Centro histórico: espaços do passado e do presente. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n.130, mar., 2006. p. 51.

Em sua obra, *Curityba de outr'ora e de hoje*, Romário Martins (1922, p. 186-187) encaminha decididamente para uma visão histórica o destino de Curitiba, rumo ao progresso e à civilização incessantes e contínuos:

... como hoje, penetrada de progresso social, és a promessa grandiosa de uma metrópole que já se delineia na graça acolhedora da mais risonha urbes meridional do Brasil (...) surgiram as fábricas; sobre a aventura do teu passado, a civilização do presente; sobre os desmandos, a ordem; sobre a estagnação secular, o progresso incessante! Têm, na atualidade, todos os estímulos, que te asseguram lugar de destaque e de honra entre as cidades brasileiras, e, assim, levas para o futuro essa condição de eleita dos dons das grandes urbes, das metrópoles que orgulham as civilizações...

E, numa apresentação comparativa Romário Martins (1922, p. 140-145) apresentava assim a cidade:

Tinha 1.283 prédios em 1886 e conta hoje, somente no seu quadro urbano, 8.237.
...tem em trafego 26.175 metros de linha de bondes elétricos, com um movimento de passagens que em 1898 foi de 670.000.

...tem Curitiba edifícios públicos que seriam notáveis mesmo em cidades de maior importância tais como o do Paço Municipal, Palácio do Congresso, da Universidade, do Ginásio, da Escola Normal, prédios particulares, comerciais e residenciais que rivalizam, em conforto e aspecto, como os melhores das metrópoles estaduais brasileiras; ...estabelecimentos oficiais e particulares de instrução, de primeira ordem, faculdades e escolas de ensino superior de Direito, Engenharia e Medicina, ginásios, colégios, grupos escolares, jardins de infância, conservatório de música, escola de desenho e pintura, escolas profissionais para os dois sexos. As associações educativas, beneficentes ou simplesmente recreativas – os clubes, os grêmios, têm alguns deles, instalações próprias magníficas e as estimulam na eficiência com que concorrem para a confraternização social do meio. Tem hotéis excelentes; casas comerciais idênticas às dos grandes centros, teatros modernos, dos quais se destaca o Guaira, do Governo do Estado, cinco jardins públicos dos mais belos do país, e entre eles o Passeio Público, duas vezes maior que o do Rio de Janeiro.

Quanto à estrutura e organização da cidade, à imprensa, à administração, leis, ao seu povo e dirigentes, Curitiba era assim descrita:

Ruas e parcas amplas, bem cuidadas, muitas delas arborizadas com cerca de 5000 árvores de escolhidas essências florestais como eucaliptos, o cinamomo, a magnólia, plátanos, diversas eugénias e acácias.

Todas as casas são servidas de água abundante, encanada das vertentes ocidentais da Serra do Mar, e bem assim de redes gerais de esgoto que vão ter a filtros bacterianos e daí ao rio Belém.

Tem uma imprensa que constantemente agita as questões internas com critério e comedimento e que não se aparta dos sucessos mundiais culminantes, nem dos que ocorrem diariamente na vida brasileira. São cinco os jornais diários, sendo 1 em alemão, além de numerosa imprensa periódica destinada a agitar problemas especiais literários, educativos, filosóficos, econômicos, artísticos e científicos, em vernáculo, alemão, polaco e italiano.

A administração dos negócios públicos tanto do Estado como do Município, prima pela sistematização da ordem e pelo incitamento das realizações progressivas e goza da consideração, da estima e do apoio da coletividade.

As leis são liberais, visadoras do bem e do interesse público, e a Justiça é, absolutamente íntegra e se faz para todos.

O povo exerce, por praxe tradicional, uma estreita aproximação moral com os atos da administração pública, e nenhum governo ainda deixou de ser acessível à voz da opinião dos seus concidadãos, ao ponto de o mais eminente estadista paranaense, que foi Vicente Machado, quando eleito “Governador” que é a denominação que a Constituição Política do Paraná dá ao Chefe do poder Executivo, propor ao Congresso Legislativo do Estado o de “Presidente” alegando que uma avançada democracia como a sociedade paranaense, não se precisa “governar” – mas simplesmente “Presidir” (MARTINS, 1922, P.140-145).

Em função do que foi descrito, vislumbrava-se uma cidade onde se encontrava concretizado o projeto político da classe dominante, ou seja, a

civilização. Nela encontrava-se democracia, cultura, virtudes, beleza, bem-estar, confraternização, movimento, trabalho, lazer, enfim, progresso e civilidade.

A legislação vigente na cidade foi também um aspecto importante, para caracterizar a formulação de um projeto político de urbanização da cidade. Ao longo do século XIX, a ação do Poder Legislativo de Curitiba, avolumou-se progressivamente nas prescrições e interdições no que concernia aos hábitos de higiene, gestuais, ruídos e formas de tratamento.

À medida que o século avançava, percebeu-se um aumento da preocupação com os costumes, principalmente pela negação aos velhos costumes. Esta negação ocorreu pela influência de valores e práticas culturais da burguesia europeia sobre a classe dominante e a pequena burguesia, que em sua maioria eram recém-conversos a estes valores.

Os discursos que precediam as leis eram significativos a esse respeito, tendo o Poder Legislativo o papel importante de, por decreto, criar um povo portador de bons costumes, de vida exemplar, ou seja, hábitos morigerados.

Para as classes dominantes que controlavam a Câmara de Curitiba, o ambiente de convívio social se figurava como lugar privilegiado de intervenção. O progresso da cidade só ocorreria através da transformação dos costumes.

Os dispositivos legais surgiam como uma espécie de manual de civilidade urbana, com regras de comportamento contidas nas posturas, referindo-se quase sempre ao que se passava no novo espaço urbano que se constituía.

A partir da década de 1860, a Câmara de Curitiba viria a reunir em capítulos específicos dos códigos municipais a maioria dos dispositivos legais que se voltavam à morigeração dos costumes. É preciso esclarecer que cada um de tais dispositivos tinha sua história singular e apenas posteriormente foram agrupados sob títulos específicos que tratavam dos “objetos que ofendem a moral e os bons costumes”. Assim, embora alguns exemplos de postura não fossem mais que a expressão de simples preconceitos, não se deve imaginar que os códigos voltados aos costumes sejam manifestações apenas de uma moralidade arbitrária. A maioria de tais artigos ou eram produto de um choque cultural entre novos e velhos valores ou apareceram como respostas muito concretas dos grupos dominantes locais a questões ligadas à complexificação ou agudização de conflitos sociais, provocados pela reestruturação econômica ou pela urbanização (PEREIRA & SANTOS, 1993, p.44).

A partir disto, apresentava-se uma cidade onde encontrava-se caracterizado o enfoque de todo o progresso de cidade, num processo de urbanização. Uma cidade provinciana, que se transformou numa *urbs* moderna e ordeira, como referência a outras cidades do Brasil e que a partir disto estabeleceria um ambiente de formação para o seu cidadão.

Curitiba apresentava-se agora como a concretização de um projeto das classes dominantes, uma cidade com um desenvolvimento harmônico, com as indústrias estabelecendo-se, com a expansão do mercado de trabalho, com o alargamento das ruas, calçadas, com a construção de edifícios e mansões, parques, praças, com o saneamento e a iluminação, os bondes e a circulação de carros. A existência de entidades assistenciais, os estrangeiros contribuindo para o progresso, o movimento cultural e um povo ordeiro, possuidor de espírito cívico e leis liberais.

14- VISTA DA PRAÇA TIRADENTES NA ALTURA DA RUA MONSENHOR CELSO. O PRÉDIO MAIS ALTO FOI CONSTRUÍDO NA DÉCADA DE 1890, POR UM ENGENHEIRO ALEMÃO PARA A FAMÍLIA HAUER.



FONTE: Boletim Casa Romário Martins. Centro histórico: espaços do passado e do presente. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n.130, mar., 2006. p. 51.

De maneira a reforçar este panorama, outros historiadores compartilham com esta visão da cidade de Curitiba. Para Nestor Victor (1913, p. 113-115), a

virada do século encontrou uma Curitiba já com modos de cidade grande, porém "mais solene".

Olha como a cidade está mais solene, Emiliano Pernetta dizia-me, na noite da chegada, da primeira vez, indicando os prédios de um lado e de outro, enquanto o carro atravessava, primeiro a rua da Liberdade, depois a Quinze de Novembro.

...eu vinha observando a notável mudança que fizera a nossa Capital de dezessete anos para cá. Mas no íntimo o que eu desejava era colocar-me num ponto de vista o mais objetivo possível, para julgar melhor; o que eu queria era que as coisas se impusessem por si em vez de ser eu arrastado pela força das sugestões.

A solenidade destacada, visava a estabelecer uma imagem de cidade ordeira, acompanhada de formalidades e bons costumes e que esta nova cidade, como segue a descrição abaixo do mesmo historiador, deveria ser percebida por todos. Esta nova percepção deveria apagar da memória a velha Curitiba e reforçar que existia agora uma cidade com progresso, desenvolvimento e civilização.

... Outra observação logo de entrada: os prédios modernos já são mais leves, mais elegantes do que a quase totalidade dos que se faziam no meu tempo, por influencia dos mestres de obra alemães. E isso concorre, não pouco, para desde logo degermanizar a cidade, aos nossos olhos, de nós outros que anteriormente a conhecemos.

Outra visão semelhante está na obra do historiador José Francisco da Rocha Pombo (1980, p. 141). A comparação entre a velha e a nova Curitiba está presente e também destaca a vida afanosa da cidade, com o surgimento de uma nova cidade trabalhadora, ou seja, a vida de trabalho excessivo de um grande centro.

A nossa Capital é uma das mais belas, das mais opulentas e grandiosas do Sul. Quem viu aquela Curitiba, acanhada e sonolenta, de 1853, não reconhece a Curitiba suntuosa de hoje, com as suas grandes avenidas e boulevards, as suas amplas ruas alegres, as suas praças, os seus jardins, os seus magníficos edifícios. A cidade é iluminada a luz elétrica.

É servida por linhas de bondes entre o Batel e o Fontana e a estação da estrada de ferro, aproveitando quase toda a área urbana. O tráfego diário conta, além do que fazem os bondes, com mais de 1.000 veículos diversos. Há em plena atividade, dentro do quadro urbano, mais de trezentas fábricas e oficinas e no município todo,

perto de 600! Já se funde em Curitiba tão perfeitamente quanto no Rio. Já se grava e já se fazem, em suma, todos os trabalhos de impressão tão bem como os melhores da Europa. O movimento da cidade é extraordinário, e a vida de Curitiba já é a vida afanosa de um grande centro.

Em suma, pode-se perceber nas descrições acima, uma série de padrões de legitimação da cidade enquanto espaço e momento para a realização do ideário de civilização e progresso, com forte destaque no desenvolvimento urbano, populacional, econômico e cultural da capital paranaense.

15 - RUA RIACHUELO EM 1900. CALÇAMENTO DE PEDRA, RESIDÊNCIAS COLONIAIS E SOBRADOS COMERCIAIS. O NOVO E O ANTIGO CONVIVEM NO MESMO ESPAÇO



FONTE: Boletim Casa Romário Martins. Centro histórico: espaços do passado e do presente. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n.130, mar., 2006. p. 55.

Não era uma visão falsa, mas restrita. Curitiba enquanto cidade ideal, assim foi projetada e assim definida; por outro lado, esse discurso não propiciava respostas às indagações a respeito de como se resolveria o problema de moradia para a população, nem como se solucionariam as dificuldades de sobrevivência em uma economia precária, marcada por carências, em que muitas pessoas viviam com a falta de trabalho e com

condições de higiene e saúde precárias, seguindo o exemplo de outras cidades do Brasil neste período.

1.4 Curitiba: estabelecidos e outsiders

Neste momento, Curitiba já era uma cidade de porte médio, com as complexidades peculiares ao seu porte. A cidade crescia, em área e população, de maneira quase vertiginosa e enfrentava uma crise urbanística como outras cidades brasileiras.

A sociedade assistia a um processo de transformação, para superar a Monarquia, que lançava as bases de uma identidade impregnada pela imagem de progresso, ciência e técnica.

O modelo republicano foi apresentado como origem fundamental do progresso e da modernização do país, com uma política de mediação sobre a construção de um imaginário da população de modernidade com a República.

Foram as alterações demográficas e, principalmente, sociais que modificaram sensivelmente a cidade de Curitiba. Esse enorme crescimento, aliado às alterações étnicas e à estrutura ocupacional, trouxe mudanças significativas na cidade, na população, nos costumes e hábitos.

O último quartel do século XIX assistiu à efervescência das discussões sobre as definições dos tipos nacionais e mais específicos, no nosso caso, da construção da autoimagem curitibana e paranaense.

Estabeleceu-se uma discussão política, social e ideológica acerca do curitibano real e do idealizado por classes da sociedade desejosos de serem vistos como iguais por seus interlocutores europeus e até mesmo de outras cidades brasileiras.

O entusiasmo ufanista também prevalecia nesta construção da identidade local. A influência do meio, no caso de Curitiba, de uma cidade civilizada e urbanizada, também eram aspectos importantes na transformação e formação da sociedade. A representação que faziam de si mesmos era de uma sociedade civilizada.

Retomando a convivência do imigrante e do habitante luso-brasileiro, assim como também da idéia da participação do negro e do indígena na formação da sociedade, percebe-se a construção de um caminho de aceitação da mestiçagem como algo, até certo ponto positivo, para a construção de uma imagem do mestiço como exemplo do brasileiro e do curitibano.

Essa visão do mestiço, no entanto, não se impôs sem problemas, na verdade essa visão e discussão sobre a tipologia e identidade brasileira do final do século XIX, perpassavam pela crença da possibilidade de redenção e educação das raças “inferiores” pela civilização e pelo branqueamento, conforme já foi levantado anteriormente, com a imigração de trabalhadores europeus.

Ao se fomentar o estabelecimento do imigrante europeu, existia uma intencionalidade de efeito pedagógico na sua inserção nas cidades em urbanização, ou seja, além de inovar no que concernia à ruptura do sistema do latifúndio, os imigrantes deveriam introduzir, no país, novas e produtivas técnicas agrícolas, ensinando-as aos habitantes da terra, junto com as virtudes do trabalho (NADALIN, 2001, p. 67 e 68).

16 – INTERIOR DA FÁBRICA DE CALÇADOS DA FAMÍLIA HATSCHBACH – 1890



FONTE: PROSSER, Elizabeth S. Cem anos de sociedade, arte e educação em Curitiba: 1853 – 1953. Curitiba:Imprensa Oficial, 2004. p. 101

Para cumprir os objetivos previstos, os imigrantes deveriam vir em grande número, entretanto buscava-se receber colonos espontâneos, trabalhadores e pacíficos, ou seja, utilizando-se do discurso da época, de colonos morigerados e laboriosos.

Essas eram concepções articuladas a novas ideias de modernidade traduzidas pelas classes dominantes em implantar, novas relações de produção, na elaboração de um projeto que tinha como componente básico o trabalho, que passava a ser visto como atributo básico da dignidade do esforço e da produção de riqueza, a partir do fim da escravidão. Daí a exigência a favor dos trabalhadores imigrantes, com bons costumes e vida exemplar (morigerados) e extremamente dedicados ao trabalho (laboriosos).

O que se buscava, segundo Nadalin (2001, p. 74 e 75), era na realidade resolver uma questão demográfica, ou seja, procurava-se preencher um modelo de população, no qual a minoria branca não confiava na população mestiça para cumprir os elevados propósitos de modernização e progresso da cidade. A proposta traduzia-se numa receita para o progresso, via introdução do imigrante, branco, livre, pacífico e trabalhador, capaz de ajudar a apurar e “tonificar”, tanto a “raça” brasileira como o trabalho. O contato com o imigrante europeu deveria servir à eliminação das máculas da sociedade e levar o elemento local a produzir.

Em síntese, o discurso salientava a chegada do colono imigrante, livre, morigerado e laborioso, vendendo sua força de trabalho, ou como pequeno proprietário, para a ocupação de vazios demográficos e o fornecimento de gêneros de abastecimento de que a população urbana era tão carente. O caso de Curitiba é evidenciado muito claramente pela busca de um branqueamento racial, baseado num paradigma de integração na civilidade e no progresso pela via racial.

Num século caracterizado pelo fortalecimento dos nacionalismos, sobretudo pela afirmação de um passado glorioso, o Paraná, como de resto o Brasil, pretendia desenvolver sua coesão política numa projeção para o futuro em que os “vícios de origem” e o contato com a escravidão seriam sanados pela “tonificação do organismo nacional” (NADALIN, 2001, p. 75).

Foi na região de Curitiba que melhor desenvolveu-se a atividade colonizadora no Paraná, compreendendo o estabelecimento de alemães e suíços, italianos e poloneses, secundados em importância por franceses, ingleses e escandinavos.

17 - PRÉDIO CONSTRUÍDO NA PRAÇA TIRADENTES PELO ENGENHEIRO ALEMÃO GOTTIEB WIELAN, EM 1863, PARA O FARMACÊUTICO AUGUSTO STELLFELD.



FONTE: Boletim Casa Romário Martins. Centro histórico: espaços do passado e do presente. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n.130, mar., 2006. p. 48.

No início, as relações entre os imigrantes europeus e os luso-brasileiros se caracterizaram por uma relação de, se não competição, pelo menos de complementaridade com o geral da população, mas com um certo distanciamento.

Os objetivos sobre a imigração estiveram inicialmente carregados de esperança idealizada, redentora pelo branqueamento da população e associaram a imigração europeia à expansão e ocupação territorial e a um ideal de civilização. Contudo, na prática, os imigrantes, morigerados e laboriosos, acabaram tendo uma opinião própria sobre a natureza das relações, que poderiam e queriam ter com os habitantes tradicionais da cidade, que, por sua vez, também tinham hábitos e costumes igualmente arraigados e solidificados.

Por parte dos imigrantes, o associativismo, conforme Trindade e Andrezza (2001, p.57), evidenciou-se, nas colônias, com cada etnia

procurando organizar uma série de instituições: clubes, igrejas, escolas e associações políticas e culturais. Estas associações procuravam tratar dos interesses próprios, visto a falta de apoio do Estado, no que se referia à saúde e à educação.

Com o passar dos primeiros anos da sua fixação, os imigrantes, frente a um ambiente algumas vezes hostil, acabaram desenvolvendo uma cultura unificadora, uma cultura própria. Esta cultura caracterizou-se pela edificação de uma identidade étnica comum e de uma língua habitual, sob um certo aspecto também (re)construída (NADALIN, 1995, p. 71).

Para tal fato talvez seja possível resumir uma explicação: em face do novo que os acolhia (ou os hostilizava), em face da inserção numa sociedade que nem sempre os compreendia, e reciprocamente, os imigrantes e aqueles que assim se mantinham protegiam-se na idealização de uma pátria mãe e de um passado; protegiam-se, inclusive, na idealização de uma comunidade. Em consequência, organizavam um grupo social e étnico fundamentado na “alteridade” (NADALIN, 1995, p. 71).

Esta organização dos imigrantes mudou significativamente o olhar sobre eles, que passaram a ser vistos pelas classes luso-brasileiras, principalmente a intelectual e dirigente, como aqueles que vieram ocupar um lugar de trabalhador, mas que começaram na prática a disputar postos de trabalho e atividades com eles.

Esperava-se deles que se manifestassem em suas posições de trabalhadores moralizados e ordeiros, com poucas manifestações de independência de pensamento e costumes, encaixando-se num perfil de trabalhadores, vindos para exercer trabalhos braçais.

Evidencia-se neste caso objetivos distintos na fixação dos imigrantes. De um lado o luso-brasileiro esperando do imigrante uma adaptação a sua cidade, ao seu direcionamento e, do outro lado, o imigrante, que não queria abrir mão dos seus costumes e hábitos, buscando constituir assim um ambiente próprio dissociado dos demais.

A partir da organização dos imigrantes e do espaço já constituído da classe dominante, de luso-brasileiros, construiu-se um processo complexo de tensões, em que avanços e recuos de ambas as partes ocorriam.

Na tentativa de analisar estas tensões, usaremos os conceitos de Elias (1993, p. 208-213), de estabelecidos e outsiders. Consideramos neste caso o grupo luso-brasileiro que reivindicava local de posição superior pela garantia de ocupação anterior do território, como estabelecido, e o grupo de imigrantes, marginalizados, como outsiders.

Os grupos estabelecidos, que competiam entre si, são compelidos a levar em consideração as exigências da massa de outsiders, pela complexidade das interdependências que já se constituíam.

As perturbações, resultado das tensões dos dois grupos, começaram a ameaçar todas as posições sociais, ou seja, todo o tecido social, passando desta maneira as funções sociais e o poder das massas a assumirem maior importância.

Sobre forte pressão social, os imigrantes, membros dos estratos mais baixos, acostumaram-se a controlar suas emoções e a disciplinar sua conduta com base numa compreensão mais profunda da sociedade na sua totalidade e de sua posição nela. Neste caso o seu comportamento passou a ser direcionado cada vez mais na direção inicialmente limitada aos estratos superiores. Com isto, houve o aumento do poder social em relação ao grupo estabelecido, fazendo as estruturas da configuração da cidade expandirem-se.

Dessa maneira, as estruturas civilizadoras estão se expandindo constantemente na sociedade ocidental. As camadas superior e inferior tendem a tornar-se uma espécie de estrato superior, e o centro da rede de interdependências estende-se por mais e mais áreas, povoados e não povoados do resto do mundo (ELIAS, 1993, p. 209).

Com o passar dos tempos, os imigrantes, necessitando da ascensão social e participação na economia dos grupos tradicionais, faziam seu papel e compareciam com suas habilidades e ao mesmo tempo foram incorporando as formulações estabelecidas, procurando se inserir nos círculos da tradição pelas relações com a terra.

Esta expansão das estruturas da configuração exerceu uma pressão constante sobre o grupo de estabelecidos, que se tornou suscetível ao

crescimento dos outsiders, com o receio constante de perda de destaque e poder na sociedade curitibana.

Ao luso-brasileiro coube exercer um rigoroso controle sobre as suas emoções e uma precisa modelação de sua conduta, através de sua crescente integração na rede de interdependências. O autocontrole imposto a ele, por sua função e situação, serviu ao mesmo tempo como valor de prestígio, como meio de distinção dos demais grupos inferiores.

A pressão constante exercida a partir de baixo e o medo que induzia em cima foram, em uma palavra, algumas das mais fortes forças propulsoras – embora não únicas – do refinamento especificamente civilizado que distinguiu os membros dessa classe superior das outras e, finalmente, para eles se tornou como que uma segunda natureza (ELIAS, 1993, p. 251).

Esta segunda natureza expressa-se nos luso-brasileiros pela intensa vigilância que imprimiram na observação e conduta de tudo o que os diferenciavam e distinguiam das pessoas dos grupos inferiores, não apenas no status, mas também na fala, nos gestos, nas distrações e maneiras.

Este processo, como veremos posteriormente, ficará claro na criação, formação e constituição do Clube Curitiba, o clube do grupo social estabelecido, ou seja, o clube dos luso-brasileiros.

1.5 Curitiba: educação e cultura

Na província do Paraná, as determinações legais para o ensino esbarraram em diversos problemas de várias ordens, existentes na sociedade local, que em muitas vezes inviabilizaram a complementação de medidas inovadoras no ensino.

A inadequação e incoerência de medidas inapropriadas à realidade sócio-econômica do momento evidenciaram o grau de distanciamento entre o que se pretendia fazer e o que se podia fazer, entre a legislação e o que era colocado em prática.

Apenas 615 alunos frequentavam os cursos de primeiras letras, numa população de 62.000 habitantes. O ensino secundário era praticamente

inexistente e o pouco que havia em Curitiba buscava atender à demanda local e do interior da Província (TRINDADE E ANDREAZZA, 2001, p. 61).

Com a emancipação política do Paraná, a educação começou a se desenvolver. Além de escolas públicas foram fundados diversos colégios particulares em Curitiba, nos quais importantes personalidades paranaenses estudaram.

Em meados de 1853, foi fundado o Colégio Muller, considerado na época o melhor educandário do País e destinado à instrução dos filhos homens da elite curitibana, formador da primeira geração de políticos e funcionários públicos paranaenses (STRAUBE, 1993, p. 19).

Em suas primeiras medidas destinadas à instrução pública, o presidente Zacarias de Góes e Vasconcellos (MIGUEL, 2000, p. 03), criou algumas novas escolas e cadeiras de ensino na Província e através da Lei n ° 17, de 14 de setembro de 1854, estabeleceram-se vinte artigos que dariam as primeiras regulamentações da instrução pública no Paraná.

Destacam-se destes artigos: a subvenção do Governo no pagamento de mestres particulares em locais com número insuficiente de meninos e meninas que justifiquem a criação de uma escola e o ensino primário, que passa a ser obrigatório em um círculo de uma légua das escolas públicas para meninos de 7 a 14 anos e meninas de 7 a 10 anos, exceto se provada pobreza que impedisse a frequência.

Percebe-se a intenção, através destes dois artigos, da difusão da instrução pública através da Província do Paraná. Todavia ficava claro, ainda, que as dificuldades vigentes da época impediam a plena implantação e confirmação dos mesmos.

Apesar do ensino primário ser obrigatório, os problemas educacionais permaneciam: o número de escolas era pequeno, as instalações precárias, os mestres não tinham formação específica e poucos pais mandavam seus filhos às escolas, por motivos variados, dentre os quais se destacava a situação financeira dessas famílias, a distância das escolas e a necessidade dos filhos auxiliarem os pais no trabalho agrícola. Quanto às crianças de famílias

abastadas, estas eram educadas em escolas particulares, por preceptoras ou por professoras particulares (WACHOWICZ, 1984, p. 149-158).

Em 1870, o incentivo trazido pela regulamentação introduzida pelo governo imperial nos cursos preparatórios às academias superiores de Direito, Medicina, Farmácia, Exército e Marinha, provocou o desenvolvimento do ensino secundário, principalmente no campo da iniciativa privada, o que lhe dava cunho elitizante (TRINDADE E ANDREAZZA, 2001, p. 61).

Através da Lei nº 238, de 19 de abril de 1870, o Presidente Antonio Luiz Affonso de Carvalho instituiu na capital uma Escola Normal, para o ensino das pessoas de ambos os sexos que quisessem exercer o professorado da instrução elementar, muito provavelmente para suprir a falta de professores destacada anteriormente (Miguel, 2000, p. 120).

Foi no ano de 1871, a partir da irreversibilidade do processo abolicionista, que a instrução pública, no Brasil, passou a revestir-se de maior importância, visto que seriam as escolas focos de atração e locais de formação dos futuros cidadãos brasileiros (ativos e não ativos) quando, especialmente a partir da Lei do Ventre Livre, passaram a ser potencialmente considerados cidadãos não só os filhos dos homens livres (abastados ou pobres), mas também os nascidos de escravos (SIQUEIRA, 2000, p. 154).

As heterogeneidades existentes na sociedade brasileira deveriam ser paulatinamente eliminadas ao final do processo pelo qual emergiria a nação e um povo unido: ocupantes de um território indiviso, comunicando-se através de uma única língua e regidos por um homogêneo corpo legal, com os mesmos direitos e deveres (SIQUEIRA, 2000, p.282).

Somente a partir de 1882 que novas leis vieram novamente contribuir para a regulamentação da Instrução Pública no Paraná, tais como: criação de uma escola noturna na capital para adultos (1882), vinculação de 20% do imposto predial à instrução pública, câmaras municipais responsáveis em instituir em suas sedes casas escolares (MIGUEL, 2000, p. 250).

A década de 80 foi marcada pela criação de alguns colégios particulares, fundados por ordens religiosas ou por civis, sem levar em conta as escolas dirigidas por estrangeiros que já funcionavam na década anterior. O incentivo

dado pelo Governo às escolas particulares estendeu-se aos professores, que atendiam os alunos carentes, sob a forma de gratificações, prática comum nas escolas primárias. Enquanto para os colégios que ofertavam ensino primário e secundário, estipularam-se subvenções, algumas previstas em lei, como incentivo à criação de escolas (OLIVEIRA, 1985, p. 54).

A constituição Republicana de 1891 descentralizou o ensino acarretando a dualidade de sistemas. A criação e o controle da instrução superior no País bem como o ensino secundário acadêmico e a instrução em todos os níveis no Distrito Federal eram competência da Federação; aos Estados cabia criar e controlar o ensino primário e profissional – escolas normais e técnicas. Com isso, oficializava-se a distância entre a educação da classe dominante e a educação popular, representadas respectivamente pelas escolas secundárias e as de ensino superior e pela escola primária e a profissionalizante (ROMANELLI, 1998, p.41).

18 – ESCOLA PÚBLICA DO BAIRRO DAS MERCÊS, NO FINAL DO SÉCULO XIX.



FONTE: PROSSER, Elizabeth S. Cem anos de sociedade, arte e educação em Curitiba: 1853 – 1953. Curitiba:Imprensa Oficial, 2004. P. 46

Do ponto de vista cultural e pedagógico, a República não realizou uma transformação no sistema de ensino que renovasse intelectualmente a elite cultural e política brasileira. A elite que assumiu o governo representava as

oligarquias cafeeiras e as oligarquias rurais, atuantes politicamente no velho regime. Logo, a educação que reivindicavam era aquela a que tinham se submetido anteriormente. O comando político, econômico e cultural se manteve com a elite que havia recebido uma educação literária e humanista, típica do Brasil colonial e imperial. A estrutura social e econômica se colocava como entrave à renovação pedagógica (AZEVEDO, 1996, p. 618).

Para seus estudos superiores, os jovens da elite econômica curitibana recorriam às faculdades europeias ou de São Paulo, Recife e Rio de Janeiro, iniciativa somente acessível a quem tinha recursos para tal (BALHANA, 1969, p. 249).

Fica evidente que a instrução pública em Curitiba apresentava um quadro bastante modesto, com o ensino de qualidade restrito às escolas particulares das camadas e classes superiores economicamente.

A transformação que a Província sofreu, depois da emancipação política do Paraná, ocasionou um processo de dinamização na cidade de Curitiba. A vida em sociedade se acentuou, com a fundação de sociedades ginásticas recreativas e dramáticas e com a construção de um teatro em 1855. A tipografia de Cândido Lopes, a instalação do Lyceu da Província e o primeiro estabelecimento de ensino secundário atestam esta dinamização (RODERJAN, 1967, p. 4).

Desde que se auferiu a Curitiba o grau de cidade Capital, políticos, imprensa, letrados e professores começaram a vir para a cidade. Percebia-se o início de um processo de crescimento intelectual e cultural da cidade.

...políticos, imprensa, letrados e professores começaram a vir à nova terra de promessa. O curitibano, ainda de feição roceira, procurava ilustra-se, lustrar-se e aprumar-se à moda, usos e costumes civilizados. O decênio de 1870-1880, conquanto continuasse de preparo a aprendizagem, já ia um tanto avançado. Liam-se jornais e livros, luxava-se, faziam-se figurações de bom tom. Pianos subiam, em lombadas de burros o Itupava e mestres músicos, os mais notáveis, como Bento Menezes e Jacinto Manuel deixavam sua velha e querida Paranaguá pela nova terra do futuro (SANTOS FILHO, 1979, p. 98-99).

O decênio de 1870 – 1880 é marcado com o surgimento de várias associações literárias no Paraná e em Curitiba e de um entusiasmo quanto à

palavra escrita e à arte em geral. Ocorre o surgimento de círculos literários, de teatros e clubes, “alargam-se os horizontes intelectuais de 1873 em diante. Os jornais e revistas literárias monopolizam o entusiasmo dos intelectuais que deram na prosa e no verso nomes de grande valor para a literatura nacional” (RODORJAN, 1967, p. 24).

Quanto à música e ao teatro, as primeiras referências datam da época em que Curitiba tornou-se a capital da província. Os primeiros registros relatam, além dos atores e companhias que vinham da Corte, alguma atividade com elementos locais, apresentações nas quais predominavam tragédias clássicas, dramalhões, farsas e comédias, trechos de operetas e apresentações de música de câmara.

Assim, durante a segunda metade do século XIX, artistas e companhias dos mais variados portes vinham realizar temporadas, ou, quando apenas de passagem, apresentações únicas, pois contavam sempre com a colaboração e a presença de uma plateia razoável. Um deleite para a elite cultural da época, entretenimento, apenas, para outros, curiosidade para alguns (FERRANTE, 1984, p. 21).

O primeiro teatro da cidade data de 1856 e, a partir desta data, jornais e crônicas citam vários outros em Curitiba e nos seus arredores. Alguns deles temporários e outros constituídos. Evidencia-se que em todos os casos tratava-se de fruto da iniciativa privada, quer de famílias luso-brasileiras, quer de imigrantes, em especial, os alemães com maior poder econômico.

Os teatros desempenhavam, na vida da cidade, um papel bastante importante, culminando em 1884, com a inauguração do Teatro São Theodoro. “Crescente interesse do público, insistência e visão de muitos, evolução e desenvolvimento cultural, entre outros motivos determinaram, então, a eclosão de um movimento que reivindicava a construção de um teatro oficial” (FERRANTE, 1984, p. 22).

A descrição de um concerto logo após a inauguração do Teatro encontrada em um trecho de João Batista Carvalho de Oliveira (apud, SANTOS FILHO, 1979, p. 96-97), reflete bem a vida cultural da elite curitibana de então. O autor descreve não apenas o Teatro São Theodoro em uma noite de gala,

revivendo o esplendor de sua época, mas também alguns aspectos da vida social da classe dominante:

Chegavam as damas com seus longos vestidos e jóias cintilantes. Cavaleiros severos e empertigados dentro de solenes casacas. Luzes e flores. Fitas e veludos. Frisas, camarotes e platéia tomadas por uma assistência seleta e numerosos. Estavam ali representadas as principais famílias da “Cidade Sorriso” de então e, na frisa oficial, o doutor Taunay, ilustre presidente da Província, acompanhado da excelentíssima esposa, dona Maria Cristina.

19 – TEATRO SÃO THEODORO – FINAL DO SÉCULO XIX.



FONTE: PROSSER, Elizabeth S. Cem anos de sociedade, arte e educação em Curitiba: 1853 – 1953. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004. p. 60

Na década de 1890, a atividade cultural passava a ter como centros maiores os Teatros Hauer e Lindmann, ambos de origem alemã.

A atividade musical local na segunda metade do século XIX envolvia, ainda, o cotidiano da vida social e familiar, bem como toda a sorte de manifestações da sociedade, com a participação de grande parte comunidade.

Até o início do século XX, é grande o movimento artístico da capital: nas inúmeras famílias de imigrantes europeus, principalmente alemães, italianos e poloneses, continua o cultivo da Hausmusik (da música tocada em família, entre amigos, hábito comum na Europa). A música é feita em família, nas escolas, na Igreja, nos clubes sociais e literários e nas diversões populares. As famílias Itiberê da Cunha, Menezes, Monteiro, Diniz, Assumpção e mais as de imigrantes alemães como os Schleder, os Pletz, os Glaser, os Stresser, Hauer, Hertel, Menssing, Haupt e muitos outros, fizeram música doméstica

ou na sociedade, mantendo bandas e pequenas orquestras familiares ou profissionais (RODERJAN, 1969, p. 177).

No que diz respeito à arte, ainda, Curitiba assume, em 1886, uma posição pioneira no seu ensino da arte no Brasil, com a criação da Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná, que, no decorrer da sua história, ofereceu um grande número de cursos, pela disponibilidade de docentes e pela necessidade das empresas dependentes das artes industriais.

20 – O ENSINO PROFISSIONALIZANTE NO PARANÁ – INÍCIO DO SÉCULO XX.



FONTE: PROSSER, Elizabeth S. Cem anos de sociedade, arte e educação em Curitiba: 1853 – 1953. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004. p. 77

A referida escola mantinha especializações em desenho artístico, arquitetura, escultura, pintura e gravura e na parte relacionada às artes industriais oferecia mecânica, tipografia, litografia, fotografia, desenho aplicado, encardenação, marcenaria e funilaria (ARAUJO, 1980, p.23).

Rocha Pombo (1980, p.143) destaca, ao final do século, o processo de transformação da cidade no tocante à vida cultural.

Existem para mais de trinta sociedades, clubes e instituições de ordem popular. Contam-se seis colégios particulares, cinco livrarias, nove tipografias, muitas de primeira ordem, e uma litografia importantíssima. Entre os estabelecimentos de ensino, além do Ginásio e da Escola Normal, que são oficiais, contam-se a Escola de Artes e Indústrias, o Conservatório de Belas-Artes, o Seminário

Episcopal, etc, Publicam-se presentemente na Capital paranaense oito jornais, sendo quatro diariamente.

Durante toda essa trajetória, a educação e cultura, entendidas como parte indissociável de um povo, acompanharam as mudanças da sociedade curitibana e de seus costumes e práticas, refletindo a interação de diferentes momentos e contingentes populacionais de origens diversas da cidade de Curitiba.

1.6 Curitiba: suas diversões e seus clubes

Curitiba nessa época experimentava progresso, prosperidade e modificações concretas, que se refletiam no comportamento da sociedade. A modernização da cidade deu-se tanto pela nova disposição dos espaços privados quanto pelo aprimoramento dos ambientes públicos. Estes se tornaram extensas (nos padrões da época) e visíveis áreas de lazer. Mas, fossem em parques de diversão, praças, cafés ou salões, ou assistindo às apresentações de bandas militares, a nova população urbana divertia-se publicamente.

21 - VISTA DA PRAÇA EUFRÁSIO, EM QUE APARECEM OS HOTÉIS PRÓXIMOS À ESTAÇÃO FERROVIÁRIA. INÍCIO DO SÉCULO XX.



FONTE: Boletim Casa Romário Martins. Centro histórico: espaços do passado e do presente. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n.130, mar., 2006. p. 85.

A população deu sentido aos espaços urbanos pelo estabelecimento de uma nova sociabilidade, estruturada nos padrões vigentes. Os curitibanos saíram às ruas, já que a modernização que atingiu Curitiba revestiu-se da característica de chamar as pessoas ao convívio no espaço público. Na nova distribuição espacial da cidade, com seu novo traçado urbano a rua passava a ter papel importante. Nas suas calçadas as pessoas conversavam, brincavam e ao entardecer tornavam suas casas salas de visita. Também as praças ganharam nova função com a propagação dos coretos onde as bandas animavam as festividades cívicas locais, tão valorizadas neste período. Curitiba passou a contar também com cafés, salas de espetáculos, bares, salões de bilhar e parques.

Os homens sentavam-se nos cafés, frequentavam bares e disputavam nos salões de bilhar; as mulheres passeavam nas novas avenidas, apreciando as vitrines. Nos parques e praças, famílias faziam piqueniques, os mais velhos conversavam, os mais jovens flertavam e as crianças brincavam.

Nos finais de semana, famílias numerosas fazem piqueniques em áreas de lazer, preferencialmente nos parques das cervejarias, ou percorrem animadas as alamedas do Jardim Botânico nome dado às vezes ao Passeio Público, criado em 1886 (BRANDÃO, p. 204).

No Passeio Público, criado em 1886, os frequentadores podiam usufruir do seu carrossel, as gôndolas para passeios no rio e o quiosque para o botequim. O Parque da Cervejaria Cruzeiro propiciava ao curitibano espaço para o saudável hábito da ginástica. No Colyseo Curitibano, um parque de diversões se abria aos usuários, congregando cinema, patinação, tiro ao alvo, bandas e um esplêndido serviço de botequins.

À noite, funcionavam salões de danças e os cafés-concerto, como o Parisiense e o Tigre Royal, onde se tomava café e apreciava-se a passagem de lindas senhoritas. (MILARCH, 1974, p. 01).

Em 1912, Nestor Víctor (1913, p. 69), assim descrevia os novos hábitos introduzidos na sociedade paranaense:

...Vejam que diferença entre o porte destas senhoras agora e o acanhado profundamente provinciano que elas tinham, em geral, há

vinte ou trinta anos atrás .. o que vira nas damas via analogamente nos homens: estes estavam ganhando outro andar, outra atitude, muito mais cidadã que a de outrora. Sensível melhora no vestir masculino, todos de barba feita como no domingo de antigamente ... E eu notava que os cumprimentos agora já eram mais comedidos e sobretudo menos familiares, sem a incomoda facécia igualitária de aldeia a que todos tinham de submeter-se ainda há vinte anos atrás.

Forma-se, assim, um quadro urbano que refletia as novas preferências sociais de seus habitantes. Curitiba se aparelhava na construção de teatros, instalação de cinemas, abertura de parques e estímulo à multiplicação de clubes e associações.

Durante a segunda metade do século XIX, artistas e companhias “dos mais variados portes vinham realizar temporadas, ou, quando apenas de passagem, récitas únicas, pois contavam sempre com a colaboração e a presença de uma platéia razoável.

Os ambientes de lazer (teatros, novos cinemas, novos parques, os clubes e associações) eram frequentados por clientelas dos diversos níveis econômicos, contudo, com maior assiduidade por uma clientela de nível econômico elevado. Nas noites curitibanas, os teatros Guaira e Hauer apresentavam companhias dramáticas, operetas, óperas e concertos, os pequenos teatros e clubes prestam-se às performances restritas aos sócios. Cultivam todos a música, a representação, a poesia, a arte. É também nos teatros onde se exibem primeiramente, o cinematógrafo, logo objeto de muita procura e de intensa exploração financeira (TRINDADE, 1996, p. 201).

A primeira notícia de projeção cinematográfica, em Curitiba, data de 1897 e foi realizada no teatro Hauer. A partir de então o cinema invadiu a cidade, as colunas periódicas, as ruas e as praças, afirmando-se cada vez mais (TRINDADE, 1996, p. 202).

Era intensa a vida cultural da cidade, a participação nos clubes, destacando-se neste caso os clubes de estrangeiros e o clube dos luso-brasileiros, o Clube Curitibano. Havia, também e de forma bastante acentuada, o cultivo da música, do teatro e da dança.

22 – PARQUE COLYSEU CURITIBANO.



FONTE: PROSSER, Elizabeth S. Cem anos de sociedade, arte e educação em Curitiba: 1853 – 1953. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004. p. 101.

Como uma área privilegiada, os clubes desenvolviam atividades com aspectos recreativos, beneficentes, esportivos, ginásticos, culturais e ou musicais. Espalhavam-se pela cidade, em função, inclusive, da forte tendência do imigrante alemão às atividades associativas. Entre os clubes alemães da época havia o Thalia, O Deutscher Sägerbund (atual Concórdia), o Teuto Brasileiro (atual Duque de Caxias), o Handwerker (atual Rio Branco) e outros. Havia o clube polonês, a Sociedade de Educação Física Juventus, os italianos, a Sociedade Dante Alighieri e a Sociedade Garibaldi, o ucraniano, a Sociedade dos Amigos da Cultura Ucrânia, o francês, a Sociedade Gauloise, o Cassino Curitibano, os grêmios femininos como a das Violetas e o Bouquet e o Clube Curitibano como já foi mencionado acima.

Fundadas para beneficência, cultura e lazer dos associados, essas agremiações davam preferência a bailes e reuniões festivas, assim como, a conferências e palestras dirigidas às senhoras e aos cavalheiros do nobre quadro associativo.

Os bailes, segundo Trindade (1996, p. 245), eram um caso a parte no lazer curitibano das classes menos favorecidas, em sociedades beneficentes

das diversas entidades de classe e mesmo em casas particulares, e que eram vistos pelas classes superiores como chocantes, pelo seu estilo e forma.

Nestas festas dança-se de forma livre, aberta, à semelhança do que Perrot denominou “danças descabeladas”, referindo-se às comunidades étnicas que vinham do interior da França e, chegadas à cidade, mostravam um prazer extraordinário em dançar com um entusiasmo, uma expressão do corpo tida como muito chocante pelos observadores burgueses.

A importância dos clubes na formação da sociedade foi importante, a partir das relações que se estabeleceram na cidade. Curitiba passou a ser vista como uma cidade cosmopolita, que apesar da heterogeneidade buscava uma coesão, vislumbrada nas festas públicas da cidade.

Curitiba, como S. Paulo, como tantas cidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, é um centro cosmopolita. A heterogeneidade da população, no entanto, nunca impediu o sincero conagraçamento moral em que se funda sobretudo a ordem e de que derivam a coesão e o vigor do espírito cívico local. Nas nossas festas públicas, ao lado dos estandartes dos nossos clubes e associações, figuram os estandartes das associações e dos clubes de todas as colônias. (...) Elas têm sabido trabalhar pelo futuro daquela terra; têm sabido amá-la, e, com razão, porque afinal é a pátria de seus filhos; e todas têm sabido até sofrer conosco, resignadas e discretas, nos momentos mais difíceis de nossa vida (Rocha Pombo, 1980, p. 143).

Os clubes abriram também opções para uma nova prática que se tornou a verdadeira coqueluche: a cultura do físico mediante exercício desportivo. Introduzidos no Paraná por influência dos imigrantes alemães, os esportes encontraram espaço em inúmeras associações fundadas para esse fim. Enquanto o futebol e o remo eram considerados, atividades tipicamente masculinas, as mulheres dedicavam-se ao basquetebol, ao tênis, ao ciclismo, à ginástica ou até mesmo ao montanhismo (TRINDADE & ANDREAZZA, 2001, p.79).

Os clubes das classes sociais superiores encontravam uma contrapartida em recintos que já eram tradição nas cidades paranaenses: as casas de jogos. Os seus clubes eram destinados principalmente aos bailes, ao teatro, ao cultivo da literatura, às declamações de poesias e versos, sessões lítero-musicais e encontros para discussões políticas e reuniões sociais.

A elite social e política desfilava, nos salões do Clube Curitibano ou do Cassino Curitibano, que ofereciam, além de atividades festivas, serviços de restaurante e áreas de esporte, recreação, cultura e arte. Na Praça Osório, a Sociedade Thalia, na sua Serrito, O Deutscher Sängerbund, congregavam os altos escalões da sociedade teutônica (TRINDADE, 1996, p. 205).

Junto aos clubes, funcionavam ainda as associações, os grêmios, os centros, as sociedades, ou uniões, em modalidades variadas e numerosas:

Se formos, enfim, contar todos os clubes, grêmios e associações hoje existentes aqui, excede de cem o seu número... Sociedades recreativas, desportivas, musicais, instrutivas, beneficentes e recreio, comemorativas, de defesa de classe, de propaganda, de educação cívica, religiosa, etc (VICTOR, 1913, p. 126).

Curitiba passa a ser, neste momento, um espaço de emergência de práticas de lazer, pela sociedade cada vez mais diversificada e regulada no sentido do controle das emoções e do autocontrole emocional que se tornou.

O lazer desenvolve-se em Curitiba como um componente diferenciado e diferenciador, marcando uma nova maneira de se relacionar com a cidade e seus fenômenos e também com os outros. Uma cidade que se urbanizou, modernizou e que se constituiu de estratos sociais diversos e interdependentes.

Componente diferenciado, no sentido de se viver em sociedade num sentido mais regulamentado e autocontrolado, e diferenciador, no sentido de ser um espaço de distinção entre os indivíduos que usufruíam deste espaço com diferentes formas e condutas, num autocontrole diferenciador.

Vale destacar que os espaços e atividades de lazer surgiram em grande parte, a partir do grupo estabelecido e se expandiram pela cidade, pelo papel dos outsiders, que aprenderam esta prática social conferindo um sentido diferenciado à mesma.

Este destaque é importante, devido ao fato de Curitiba estar, na época, para as classes dominantes, com o seu projeto concretizado. Encontrava-se, portanto como uma cidade democrática, culta, com virtudes, beleza, bem-estar, confraternização, movimento, trabalho e lazer. Construiu-se a imagem de uma

cidade que, de sonolenta, pacata e provinciana, transformou-se numa *urbs* moderna, higiênica e ordeira.

Nesse contexto, emergiram na cidade inúmeras possibilidades de práticas, dentre as quais as novas práticas de lazer, que vêm estabelecer um tipo de comportamento civilizado, e passam a distinguir-se de práticas populares. O lazer vem a ocupar, então, um lugar de maior destaque nos passatempos desta parcela da sociedade.

A este contexto estava vinculado também o surgimento do Clube Curitibano, fato percebido na descrição da estada de uma pessoa ilustre na cidade, que descreve todo crescimento e urbanização desta (Sociedades e Clubes, 1890).

Quando em tempos idos, algum cavalheiro ilustre, em viagem de recreio, se dignava a visitar-nos para avaliar o nosso adiantamento. Começávamos a contar-lhe que em 2 anos o nosso torrão, cresceu consideravelmente na edificação que, aqui ontem era ruína, levanta-se majestoso prédio, ali, onde verdejava a campina, estão traçadas belas ruas, que indicavam a continuação da cidade. Ao primeiro aspecto sem que o nosso hospede entrasse em análise social, o cicerone fazia-se crer estar numa Califórnia.

O nosso cavalheiro queria então ver o complemento de tanta grandeza: pedia teatros, clubes, passeios, recreios, onde pudesse ver o nosso high-life, a elegância, a moda a amabilidade; enfim queria sociedade onde desse vida a sua vida. Contudo com franqueza não se tinha.

A descrição prossegue no relato do aprimoramento dos espaços de lazer e da sociabilização; esta visão modificou-se, imprimindo aos espaços de lazer da cidade e principalmente ao Clube Curitibano um local pautado de regras para o melhoramento social.

...podemos com franqueza acolher um hospede, mostrar-lhe o progresso material, contar-lhe o nosso passado atrasado e depois deleitar o seu espírito no seio de uma sociedade inteligente e instruída; leva-lo ao teatro, ao Prado, aos Clubes literários e recreativos e mostrar-lhe que vivemos e caminhamos. Como ornamento da nossa sociedade Curitibana, contam-se os filhos seus, que, tendo voltado das Academias educados e instruídos, quase estrelas de primeira grandeza, cintilam na esfera social, que os viu nascer e os sabe prezar.

Para esse melhoramento social, não podemos deixar de atribuir grande parte ao nosso Clube Curitibano, que, inspirado sempre de louváveis sentimentos, tem dado estímulo á mocidade e estreitado as

relações de família, exemplo e base de bem-estar de um povo, que quer atingir á perfeibiliade social.
Considero, pois, a instituição do Clube Curitibano, como um código de deveres sociais.

O Clube Curitibano, constituído como uma configuração, permite uma análise das relações e funções sociais da sociedade curitibana e, em especial da classe estabelecida luso-brasileira, pelo conjunto de relações de interdependência que ligam os indivíduos nesta formação.

O olhar sobre o Clube Curitibano enquanto uma configuração menor, é uma representação da sociedade curitibana, uma figuração maior, que é o conjunto de todas as relações sociais que a formam.

2. REPRESENTAÇÕES DO CLUBE CURITIBANO

2.1 A construção do olhar sobre o lazer no Clube Curitibano

Situar o lazer no mundo moderno significa identificar mudanças, decifrar continuidades, reconhecer diversidades e desvelar desigualdades. É o contraste e a coexistência de antigas manifestações e modos de vida não dissolvidos convivendo com o novo, com novos costumes e hábitos culturais.

A compreensão do lazer utilizada neste estudo, está baseada nos estudos de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), em seu livro a “Busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional”, no qual identificam o lazer como um elemento estratégico para conhecer a sociedade. Seus estudos apontam para a possibilidade de discutir o lazer e o tempo livre na sociedade moderna como conceitos diferentes entre si, e sobretudo, não tomando como ponto de partida a categoria trabalho.

Para eles, o lazer é visto como uma esfera pública, em que as decisões individuais podem ser tomadas tendo em vista, a satisfação, os impulsos e os sentimentos de cada indivíduo. O lazer não pode ser analisado como se obedecesse a uma finalidade predeterminada, pois depende das configurações de poder entre os indivíduos e entre grupos, as quais são dinâmicas e estão fundadas em relações de interdependências.

Nas sociedades contemporâneas, as atividades de lazer de caráter mimético (atividades miméticas ou jogo) ocuparam um espaço antes reservado às atividades religiosas e às crenças, no relaxamento das restrições impostas ao indivíduo e à sociedade. Através dessas atividades estabeleceu-se uma maior ou menor tolerância pública à exteriorização de manifestações da excitação. Por intermédio destas atividades de lazer, estabelece-se na vida cotidiana da sociedade moderna o equilíbrio de tensões posto pela relação complementar entre a busca da excitação e o controle das emoções.

As atividades de lazer dentro dos limites estabelecidos socialmente permitem experiências emocionais que normalmente não são vividas nas atividades rotineiras. Elias e Dunning comentam que as atividades de lazer são categorias de atividades em que a restrição rotineira de emoções pode, até

certo ponto, ser publicamente reduzida e com aprovação social, em um autodomínio dos impulsos e sentimentos, mais do que qualquer outra atividade. O indivíduo pode desfrutar de emoções agradáveis, sem colocar em perigo os outros e a si próprio. Para tanto, o componente risco está presente, constituindo parte integrante do prazer, e por meio dele é possível desafiar as normas da vida rotineira (até um determinado limite).

Para Elias (1993, p. 54), a civilização resulta, também, de um processo de mudanças no nível de controle das emoções, nível esse que também está intrinsecamente relacionado com o crescente grau de entrelaçamento e interdependência entre as pessoas que compõem a sociedade. O nível de controle das emoções de qualquer sociedade é diretamente proporcional ao grau de “civilidade” dessa sociedade, ou seja, quanto mais elevado for esse patamar, mais distante essa sociedade estará da barbárie.

A emoção explicitada em público, quer seja “real”, quer seja representada ou mimética, é sempre objeto de observação, o que em si já é um potencial controle, sendo que em contextos miméticos o que se nota é o autocontrole, o descontrole emocional controlado. É exatamente o que se busca no lazer, e não uma eventual compensação às tensões do cotidiano.

Buscando reforçar as ideias até aqui apresentadas da relação do lazer e das emoções, tomaremos o estudo de Ademir Gebara (2002, p. 77-91), o qual retoma algumas questões relativas a esta relação, que são reivindicadas pelos configuracionistas como uma das grandes contribuições para o estudo da área.

O lazer deve ser compreendido, tendo em vista as transformações não planejadas das configurações, em uma perspectiva de longa duração. Decorre dessa afirmação que a questão do lazer, para os configuracionistas, assenta-se sobre três aspectos fundamentais:

1. O lazer moderno não é sinônimo de liberdade, é sim um efeito histórico específico, afetando situações de equilíbrio e restrições em suas múltiplas esferas; o lazer hoje é mais privatizado, individualizado, comercializado e menos violento. A junção destas facetas modernas do lazer explica-se pela

complexidade e generalidade das relações sociais (interdependências), emergentes na civilização urbano-industrial.

2. O descarte de emoções violentas, espontâneas e intensas na sociedade moderna deve-se ao alto desenvolvimento de limiares de contenção “civilizada”, tomando-se em consideração nosso passado mais distante.
3. O lazer moderno é uma atividade crescentemente correspondente a formas de comportamentos miméticos. Para precisar o sentido desta afirmação, afirma-se que as atividades de lazer, de jogo, de brincadeiras permitem emoções intensas, porém controladas, de tal maneira que, em público, a moderação é um componente destas atividades.

Neste estudo será analisado o lazer gestado como uma forma específica de passatempos da sociedade curitibana - diversificada e complexa - carregado de significados e possível de ser visualizado como um espaço de novas configurações.

O Clube Curitibano passou a ser, nesta perspectiva, um lugar de manifestações privilegiado, onde era possível ser indivíduo e grupo, num processo de controle social e autocontrole que se estabeleceu e estruturou. Um autocontrole direcionando o indivíduo para um padrão de comportamento mais adequado para a sua vida social e um controle social na forma de um código de conduta e de um padrão de comportamento, que afirma à sociedade, que aquele indivíduo pode conviver em sociedade, desde que detentor, individualmente, de um mesmo nível de controle das emoções.

As atividades de lazer desenvolvidas no seu interior eram objeto de observação e potencial de controle, visto que era o lazer desenvolvido pelo grupo estabelecido, a classe dominante luso-brasileira da cidade de Curitiba. O nível de controle das emoções neste clube social era, pela posição que ocupava e pelo grau de entrelaçamento e interdependência entre as pessoas, diretamente proporcional ao grau de civilidade da cidade.

Com a expansão das estruturas da configuração da sociedade curitibana e de uma crescente integração na rede de interdependências, coube ao associado do clube exercer um rigoroso controle sobre as suas emoções e

uma precisa modelação de conduta. O controle social imposto a ele, por sua função e situação serviu ao mesmo tempo como valor de prestígio e status, assim como, de distinção dos demais grupos.

Em todos os estratos sociais, a área de conduta que tinha importância vital para seus membros era a mais cuidadosa e intensamente trabalhada. A exatidão com que, na sociedade de corte, cada movimento das mãos à mesa, cada detalhe de etiqueta e mesmo modismos de fala eram refinados, correspondia à importância que todas essas funções possuíam para os membros da corte tanto como meios para distingui-los dos inferiores quanto como instrumento de competição pelo favor real. O fino arranjo da casa ou parque, a ornamentação ostentosa ou intimista – dependendo da moda – dos quartos de dormir, a maneira espirituosa de levar uma conversa ou mesmo um caso amoroso, todos eles eram, na fase de corte, mais que prazeres privados do indivíduo, genuínas exigências vitais da posição social. Eram precondições para o respeito dos demais, para o sucesso social... (ELIAS, 1993, p. 252).

O sentimento de pertença e identidade que perpassava pelo associado era um fator importante na relação entre os estabelecidos e outsiders, ou seja, o fato de pertencer ao quadro associativo deste clube conferia ao estabelecido um caráter de superioridade. As atividades de lazer, como uma prática social e com seu caráter mimético, eram desenvolvidas por ele como uma ação que preenchia o sentido real da disputa de poder entre os grupos sociais da cidade.

Para este estudo, as matrizes referenciais utilizadas foram as publicações da Revista Clube Curitibano (escrevia-se na época *Club Curitybano*), no período de 1890 à 1897.

O entendimento que se fez sobre elas considerou as ideias propostas por Chartier (1991, p. 182-183) em relação ao texto, ao livro e à leitura. A percepção que se faz destas matrizes são de verdadeiras “instituições sociais”, representações coletivas, consideradas como as matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social, que visavam fazer reconhecer uma identidade social, exibindo uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim “as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais ‘representantes’ (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe”.

Em função deste entendimento e dando continuidade as ideias de Chartier (1991, p. 183), abrem-se duas vias: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultado de uma relação de forças entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear, implicando aceitação ou resistência que cada comunidade produz de si; outra que considera o recorte social objetivado como uma tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade.

Podemos pensar a partir do que foi construído, o esforço civilizador ocorrido dentro do Clube Curitibano, compreendendo as atividades de lazer como uma atitude, visto suas características configuracional e mimética, que podemos caracterizar como caminho para um processo civilizador da sociedade curitibana.

2.2 Explicações sobre lazer nas cidades

A apresentação deste item tem o objetivo de pensar a emergência das atividades de lazer, como práticas que se ampliam no ambiente urbano e que correspondem ao projeto de sociedade, possível de ser percebido, no final do século XIX. O lazer nesse esforço de civilização é um componente de ascensão social, de educação, de aprendizagem social e de identidade entre os estratos da sociedade.

O que significou o lazer para as pessoas que viviam nas cidades brasileiras no final do século XIX? Qual o lugar do lazer nas relações humanas de uma sociedade que começa a se tornar complexa e mais refinada, afirmando-se em um espaço urbano?

Cabe aqui a afirmação de pensarmos mais e melhor sobre o papel do lazer como um símbolo, uma nova referência, enquanto portador do signo da “modernidade” e da “civilização” que, a partir do final do século XIX, são difundidas nas diferentes cidades brasileiras.

É uma análise das relações humanas nos espaços de lazer, tentando pensar os funcionamentos sociais fora de uma partição rigidamente hierarquizada das práticas e das temporalidades (econômicas, sociais, culturais, políticas) e sem dar primazia a um conjunto particular de determinações (técnicas, econômicas ou demográficas).

O lazer, nesta análise, pode ser utilizado como uma possibilidade múltipla de visualização da sociedade local e da vida urbana. É necessário pensar no lazer como um símbolo, uma nova referência da civilização, uma representação para este período, que se constitui como matriz de práticas construtoras do mundo social.

Enquanto representação da sociedade, as práticas do lazer devem ser tomadas como um estudo particular, como uma formação social no qual se definem de maneira específica as relações existentes entre os sujeitos sociais e as dependências recíprocas que ligam os indivíduos uns aos outros, produzindo códigos e comportamentos originais. Este estudo busca evidenciar as condições que tornam possível a emergência, perpetuação e a existência de tal forma social.

As cidades no Brasil neste período são caracterizadas, segundo Lucena (2001), em seu estudo intitulado “O esporte na cidade”, num ambiente de mudanças, com as classes dominantes buscando, com mais ênfase, a adoção de comportamentos para se diferenciar das demais classes, e sendo, em alguns casos, logo imitadas por elas. Isto, pelo entrecruzamento dos grupos, logo leva os indivíduos das classes dominantes a (re)elaborarem novas atitudes, num processo que se diversifica, ressignifica e diferencia e que ao mesmo tempo, vai criando uma teia de interdependências que se expande pela sociedade.

É neste ambiente que as atividades de lazer, nas cidades, vão surgindo e modificando-se, de maneira diversificada, sofisticada e diferenciada. Entre tensões e rupturas que ocorrem neste processo, está o cidadão das cidades, com sua forma de convivência nos espaços de lazer.

As formas de representações sociais, presentes nas cidades no final do século XIX, podem passar pelo entendimento das configurações sociais e

redes de interdependência presentes nos espaços de lazer. Estas conferidas pela representação coletiva de seu *habitus* social.

A noção de *habitus* é uma das ideias centrais da arquitetura conceitual de Norbert Elias (1994a), para a qual, cada homem, singular dentro de um grupo social, possui uma personalidade por meio da qual interage com os demais. No entanto seu caráter específico, ou seu *habitus* social, não é algo inato, mas construído socialmente por meio de uma herança cultural que lhe é inculcada desde a tenra infância e por meio de sua convivência com os que estão ao seu redor. Esse *habitus* ao mesmo tempo o identifica e o distingue dos demais, criando um equilíbrio na relação nós-eu.

Só podemos compreender muitos aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais se começarmos pelo estudo do tipo de interdependência, das estruturas das suas sociedades, das configurações que formam uns com os outros. Destas interdependências surgem novas configurações que podem ser aliadas ou adversárias no equilíbrio da balança de poder que tende ora para um lado, ora para outro, mantendo-se numa tensão constante.

Nestas configurações que se estruturam, os indivíduos estabelecem novos padrões de conduta e personalidade, donde o ser social vai se tornando totalmente identificado com a representação dada por ele próprio ou pelo outros, ou seja, o *habitus*.

Para Elias, esta configuração, ou formação social, caracteriza-se por indivíduos que estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas e cuja reprodução supõe um equilíbrio móvel de tensões. Elias também atribui papel central às redes de dependências recíprocas por fazerem com que cada ação individual dependa de toda uma série de outras, que modificam, por seu turno, a própria figura do jogo social (ELIAS, 1992).

Esses novos padrões de conduta, na dinâmica do processo civilizatório, vão produzindo os controles das relações inter-humanas, bem como o autocontrole de cada indivíduo, tomando como referência a introdução e o desenvolvimento de práticas do lazer. Esse processo não planejado contribui

para gerar uma dada configuração social com suas redes de interdependências, com seus níveis de tensões, de controle e tolerância que, por sua vez, é fundamento de um dado *habitus* social.

Elias (1994a) designa de *habitus* como as diferentes pessoas que formam a sociedade entendem a si mesmas, ou seja, a autoimagem e a composição social dos indivíduos. Segundo ele, *habitus*, é um saber social incorporado ou segunda natureza do homem civilizado, um mecanismo de autocontrole, ou seja, um traço característico do processo civilizador e um símbolo social resultante de um longo processo de aprendizagem.

O conceito de *habitus* em Elias constrói-se a partir de sua teoria do processo civilizador. A civilização é um devir no qual um conjunto de interações forma um sistema não-planejado e se estrutura progressivamente: as relações entre as unidades ou grupos sociais são em realidade as relações de força que ligam, opõem e, dessa forma, inscrevem os indivíduos em estruturas hierarquizadas, que presumem “campos de força”, “tensões”, “equilíbrio”, “competição” (MARCHI JUNIOR, 2004).

Neste processo evolucionário, em que se encontravam as cidades, os estudos de Gebara (2005), sobre comportamento, contribuem no sentido de perceber que os modos predominantemente aprendidos de direcionamento comportamental tornam-se dominantes em relação aos modos predominantemente não-aprendidos, e que formas não-aprendidas de direcionamento de conduta perderam sua rigidez genética e tornaram-se amalgamadas e subordinadas a formas aprendidas, como a comunicação, a orientação ou o conhecimento social preexistente.

Além destas colocações sobre o lazer é importante destacar o momento em que se encontravam algumas cidades do Brasil neste período. Essas cidades levavam à frente a implementação e reformas dos quadros urbanos, dos traçados mais compactos e da arquitetura inovadora, da instalação de fábricas, de novas opções de lazer e serviços de utilidade pública, dentre outros benefícios. Acompanhando estas transformações das cidades, os valores no campo sociocultural também estavam impregnados de idéias civilizadoras. Os habitantes dessas cidades precisavam se urbanizar, aprender

a viver no novo ambiente urbano, citadino, com regras de educação, civilidade e urbanidade.

O empenho na construção de uma identidade para estas cidades, implicou na busca de novas formas de lazer e referências culturais e sociais e novos padrões de sociabilidade.

2.3 Revista *Club Curitybano*

Em Curitiba, nesse período, encontra-se a representação de um ativo círculo literário: poetas, contadores, jornalistas, pedagogistas, historiógrafos, cultores da geografia, etnógrafos, escritores, médicos, cultores do direito. Era um grupo que circulava nos salões de clubes elegantes, como em inúmeros grêmios, associações e congregações (TRINDADE, 1996, p. 105).

Dentre os salões frequentados, estava o Clube Curitibano, que tinha como um dos seus objetivos, junto aos seus associados, a proposta de educação.

A vigorosa produção literária deste grupo gestou diversas revistas, jornais e livros. Uma das preocupações maiores desta ebulição intelectual progressista e pensante foi a educação. A educação que se pregoava em maior intensidade por estes intelectuais era a educação da sociedade, ou seja de uma aprendizagem social. Era um movimento orientado para um objetivo: o da educação da sociedade local por meio da vivência social e cultural, ficando a cargo da escola a educação do indivíduo. Curitiba neste momento precisava educar a sociedade para a nova cidade que se constituía como democrática, liberal, moderna, civilizada e urbanizada.

Neste período, Curitiba apresentou um crescimento muito grande em novas publicações:

Versando sobre uma variedade infinita de assuntos, os periódicos curitibanos do início do século discutem a República, repudiam os forasteiros e exaltam a Pátria; combatem ou defendem a religião, restringem ou exacerbam os preconceitos e a igualdade dos sexos, apregoam liberdades. Eles representam, em sua maioria, agremiações, sociedades, ligas, agências e outras formas de agrupamento, que se disseminam pela cidade. Intelectuais das mais

variadas origens compõem esses grupos, utilizando seus canais de divulgação (TRINDADE, 1996, p. 105).

Para concretização do objetivo de educação do Clube Curitibano, seu Presidente Cyro Velloso, no ano de 1890, criou a revista *Club Curitybano*, em decorrência do oitavo aniversário do Clube. Sua publicação acompanhou a vida da entidade até 1913, sendo um dos principais veículos culturais da elite local (BEGA, 2001, p. 117).

A Revista Clube Curitibano foi quinzenalmente publicada nos primeiros anos, passando no ano de 1896 a ser publicada mensalmente. Constava de oito páginas, que possuíam a seguinte sequência e estrutura: textos e artigos da redação, com muita ênfase à educação e cultura; seção literária, com poemas, versos e estórias; notícias do clube e dos seus eventos; notícias da cidade e do estado. Organizacionalmente constava de três partes principais: primeira parte instrutiva e recreativa, a segunda parte com notícias sobre o movimento do clube e a última parte com as atas das sessões da presidência.

A revista teve como um dos diretores literários Dario Velloso, e como redatores Emiliano Pernetá, Julio Pernetá e Romário Martins, jovens intelectuais da cidade e considerados referências na história de Curitiba e do Paraná. Outros jovens intelectuais responsáveis pelos conteúdos da revista, foram Silveira Neto, Leôncio Correia, Sebastião Paraná, Euclides Bandeira, dentre outros.

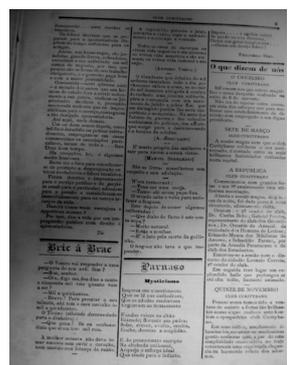
Destaca-se a juventude destes intelectuais, pela efervescência que acontecia na cidade em decorrência de que grande parte destes jovens recém tinham chegado dos seus estudos de outras cidades maiores e também do exterior. Foi neste espaço que eles encontraram apoio para divulgar suas ideias, inspiradas nas mais diversas linhas de pensamento: simbolismo, neopitagorismo (fontes metafísicas), espiritismo, *Paranismo*....

23 – FOTOS DA REVISTA CLUB CURITYBANO 1890 – APRESENTAÇÃO.



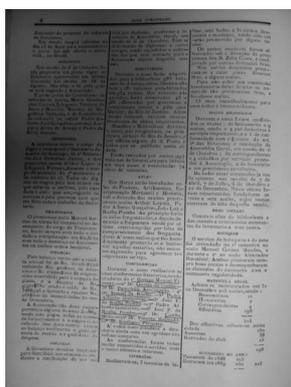
Páginas 01 e 02

Editorial e Notas de Rodapé
(geralmente com acontecimentos da cidade e com autores com codinome)



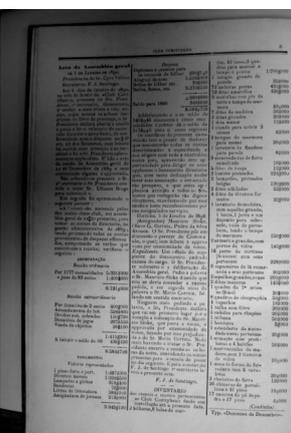
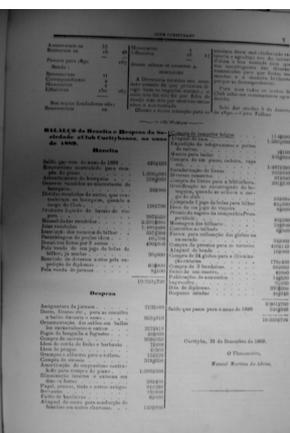
Páginas 03 e 04

Assuntos em geral, Poemas, Poesias e Notícias.



Páginas 05 e 06

Expediente do Clube, notícias internas dos eventos e associados.



Atas das Reuniões da Presidência

FONTE: Biblioteca do Clube Curitibano, 2008.

Os intelectuais reunidos no Clube Curitibano faziam parte de um grupo unido pelas suas relações sociais. Apesar das divergências nos interesses políticos mais imediatos, caso de Romário Martins e Emiliano Pernetta, ou a opção por utopias metafísicas, no caso de Dario Velloso, acabam formando um consenso que unia os interesses artísticos aos crescentes interesses numa política simbólica de diferenciação (CAMARGO, 2007, p. 57).

No seu primeiro editorial, ficou evidente a finalidade da mesma (EDITORIAL, 1890, número especial) :

Uma nova pleitude de voluntários apresenta-se hoje ao público pedindo um lugar em volta do lábaro augusto e civilizador da imprensa curitibana.

Nele se compendia e formula o pensamento da redação. O “*Club Curitybano*”, órgão da associação deste nome, tem o objetivo de por os sócios a par de seu movimento literário e diverso e concorrer para educar-lhes e elevar-lhes o espírito e o coração, a inteligência e o sentimento

... apontando acima das lutas dos partidos, aspiramos ao nobre e auspicioso labor de identificar os nossos sócios na mais sólida, estável e fraternal unidade social.

Aqui ficam as nossas idéias singelamente expostas, e sirva essa singeleza de escudo impenetrável contra as peripécias inerentes á vida jornalística.

Conforme constava na sua página de abertura, possuía claramente como objetivo “instrução e recreio”.

24 – PRIMEIRA PÁGINA DA REVISTA – 1890.



FONTE: Biblioteca do Clube Curitibano, 2008

A revista foi, por mais de vinte anos, um dos meios de expressão das concepções que mudaram o imaginário e a vivência dos habitantes de Curitiba. Tornou-se um amplo espaço de discussões e propagação de ideias, que influenciavam significativamente os associados e o interior do próprio clube, assim como a sociedade curitibana.

Conforme Camargo (2007, p. 69), a Revista Clube Curitibano, seguia a Ilustração Paranaense e as ideias propagadas em torno do IHGPR (Instituto de História e Geografia do Paraná), também fundado dentro do próprio Clube, vão desenhar papel fundamental na institucionalização do movimento pela construção da identidade paranaense, tornada urgente após a emancipação política do Paraná.

Toda a movimentação interna do Clube Curitibano, em conjunto com as publicações, imprimia um papel verdadeiramente educativo às atividades do clube. A revista disponibilizava aos associados oportunidades constante de informação e cultura, visto que era distribuída gratuitamente a todos.

25 – REVISTA CLUB CORITIBANO – 15º ANIVERSÁRIO DO CLUBE CURITIBANO.



FONTE: Biblioteca do Clube Curitibano, 2008.

Na perspectiva do lazer, fica evidente na revista, a solidificação de matrizes de práticas construtoras do mundo social do grupo dominante de luso-brasileiros. Nas suas páginas, é exibida e refletida, constantemente, uma identidade social, com padrões de conduta, bem como de situações de autocontrole frente a situações de tensão, competição e equilíbrio. Apareceram muitas vezes situações típicas de manuais de civildade, de bons procedimentos e atitudes, com um objetivo claro de serem incorporadas pelo associado e leitor, influenciando provavelmente na formação do seu habitus social.

É importante destacar-se, das páginas da revista, a constante narrativa dos eventos do clube e de situações cotidianas dos seus distintos associados de maneira glamourosa, buscando estabelecer um padrão de distinção e supremacia. Neste caso buscava-se estabelecer a representação conferida que o grupo social em questão dava a si mesmo, numa demonstração de unidade.

Eram muito evidenciadas também na revista as discussões sobre educação, de diferentes ângulos e possibilidades. Uma breve apresentação de ideias e ideais que norteavam este grupo social podem revelar a compreensão de que educação eles vislumbravam. Uma educação para o social, para a sociedade e, principalmente, uma educação para a mocidade, qualificando e aprimorando desta forma a educação recebida da escola e da família.

A experiência e o senso comum tem inúmeras vezes demonstrado como uma verdade incontestável que o futuro de uma nação, sua prosperidade ou sua decadência, depende em maior parte da educação de seus filhos.

Sempre e em toda a parte o nível social eleva-se ou abate-se conforme a mocidade é bem ou mal educada.

...O homem é mais ou menos, em sua vida, o que fizeram nos dias de sua mocidade – seus hábitos como seus princípios o seguem durante sua carreira para inspirar-lhe o procedimento e determinar-lhe os atos (EDITORIAL, 1890, nº02).

Está muito bem caracterizado, neste período, através dos relatos, editoriais, textos e estudos da revista Clube Curitibano, que o entendimento de educação estava voltado para muito além do espaço da escola.

Ficou *sobejamente* demonstrado que da boa ou má educação domestica depende a felicidade ou a ruína dos povos, sua prosperidade ou o seu atraso.

..Ensinem-lhes os elementos das línguas, as regras de sintaxe e de método, mas ensinem-lhes também a ciência dos deveres e da moral (Editorial, 1890, nº 06).

A função da educação estava, no entendimento da época, ligada principalmente às famílias e ao convívio das mesmas, ficando para a escola o papel de instruir. Como já discutido anteriormente, a escola era local de educação do indivíduo (instrução) e a família e o local de convivência eram as instâncias de educação para a sociedade (educação). Pode-se concluir, isto posto, que o Clube Curitibano era organizado e estruturado para desempenhar um papel educativo com os associados.

O que ela demanda é muitíssimos desvelos, preceitos poucos e amor muito.

...É portanto a mulher a primeira mestra do homem, seu primeiro instrumento e talvez ultimo de educação.

...Homem sociável ou social quem o faz é a educação. Reprovo que se cure mais da instrução que da educação das gerações novas. E tanto mais que a bem dizer a instrução que dá a mocidade é incompleta, uma em quanto a educação poderia atingir perfeita realidade.

...pode pois a educação, rigorosamente falando suprir a instrução; mas a instrução só por si não suprirá a educação (FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO, 1890, nº22).

A educação, então, englobava e ia além da instrução que as escolas ofereciam e estava estreitamente ligada aos preceitos de moral e valores, na disciplina e nos hábitos de ordem inerentes a este período. Pode-se entender estes preceitos e costumes como o controle social que se estabelecia aos componentes deste grupo social.

A instrução pode, portanto, servir para tudo, mas não basta para nada. Ela não aumenta o valor moral dos povos senão quando anda de par com os bons princípios, com as convicções verdadeiras, com a pratica sincera do dever, com os hábitos de ordem e de disciplina, com a dignidade da vida e dos costumes, coisas que se aprendem ou se fortificam na escola não menos do que na família e na Igreja (INSTRUÇÃO, 1890, nº 11).

A vida social e o convívio entre as pessoas era também espaço significativo e relevante na educação dos jovens. Após a educação recebida na família, o jovem teria um período e momento inicial de qualificação destes ensinamentos na convivência da sociedade. Este mesmo jovem seria, neste ideal, o responsável pelo futuro do país, ou seja, pela construção e direcionamento do mesmo. Segundo o editorial da revista (1893, nº 03), “O destino de qualquer país está intimamente ligado à educação que se der à mocidade. A sorte dos povos depende das idéias que as crianças receberam no santuário da família e depois, no principio de sua vida pratica e social”.

A sociedade era entendida como a instituição que tinha o objetivo de moldar a personalidade e o comportamento dos indivíduos, reforçando a ideia de que os modos predominantemente aprendidos de direcionamento comportamental tornam-se dominantes em relação aos modos não-aprendidos.

A sociedade é uma instituição de origem divina, na qual o homem deve passar seus dias; é o complemento da personalidade humana; é a *portentosa* natureza onde vive, cresce e se desenvolve o rei da criação, a atmosfera misteriosa e única em que pode respirar o entendimento humano e em cujas regiões ideais se eleva grandiosa a árvore da inteligência (EDITORIAL, 1891, nº 07).

Nesses ideais e ideias sobre a concepção e formas de educação, a Revista Clube Curitibano passou a ter papel importante para as classes dominantes. Nela era possível estabelecer o ideal e as ideias de educação que estas classes fomentavam e direcionavam. A revista estava pronta para cumprir seu dever, o objetivo estabelecido a ela “de por os sócios da associação deste nome a par de seus movimentos literários e de diversão e concorrer para educar-lhes e elevar-lhes o espírito e o coração, a inteligência e o sentimento” (EDITORIAL, nº 1, 1891).

Buscava-se estabelecer um horizonte na concepção de educação das classes dominantes que compunham o clube, reafirmando assim o espaço de aprendizagem social, refinamento e aprimoramento dos processos educacionais e, principalmente, de uma educação de diferenciação. O entendimento de educação fica muito centrado na família e nas relações de

convivência, reafirmando também o espaço de convivência no clube como fator determinante na educação da mocidade.

2.4 Clube Curitibano: representações de lazer

Na proximidade do final do ano de 1881, um tema preocupava muito o até então Comendador Ildefonso Pereira Correia. Curitiba ressentia-se de uma agremiação de elite, um ponto de reunião capaz de associar recreação e cultura compatíveis com o grau de desenvolvimento da cidade (VARGAS, s.d., p. 41).

Amadurecida a ideia, o Coronel Romão Rodrigues de Oliveira Branco tomou a iniciativa de convocar uma reunião, após contar com o prestígio da adesão do Comendador.

Esta convocação ocorreu aos leitores curitibanos do jornal O Dezenove de Dezembro, em 24 de setembro de 1881, para uma reunião com a perspectiva de formar um novo clube. O Coronel Romão Branco convocou os curitibanos através do seguinte anúncio: “O Sr. Romão Branco pede-nos para convidar as pessoas que aderirem à idéia da formação de um clube, para se reunirem amanhã, às 5 horas da tarde, no salão Lindemann, a fim de tratar-se da organização de estatutos e diretoria provisória” (O CLUBE DO BARÃO, 1995, p. 03).

Segundo crônica local, muitos dos mais estimáveis cavalheiros desta cidade acolheram o convite e dirigiram-se ao ponto de encontro, onde ouviram atentos as palavras de João Pereira Lagos, que lembrava ser uma grave lacuna, por todos reconhecida, de não existir no próprio centro da esperançosa capital um ponto de reunião, no qual pudessem seus habitantes tornar efetiva a permuta, sempre fecunda de idéias e sentimentos (O CLUBE DO BARÃO, 1995, p. 04).

A imprensa da época, citado em Vargas (s.d., p. 41), noticiou o acontecimento:

Com a unânime aprovação dos presentes, coube a palavra ao Dr. Lagos, que se encarregou de dirigir os trabalhos preliminares. Em

uma alocução clara, rápida e incisiva, demonstrou a grande lacuna, por todos reconhecida, de não existir no próprio centro esperançosa capital um ponto de reunião, no qual pudessem os seus habitantes tornar efetiva a sua convivência. Apresentou a seguir alguns pontos que deveriam ser tratados: nome da sociedade, eleições dos dirigentes, fixação da jóia e mensalidades e autorização a diretoria a ser eleita para cobrar as contribuições. Passando a deliberar sobre cada ponto indicado, ficou resolvido que a sociedade denominar-se-á *Club Curitybano*, sendo a diretoria provisória eleita do seguinte modo: presidente: Comendador Ildenfonso Pereira Correia; Vice-presidente: João Pereira Lago; 1º secretário: Romão Branco; 2º secretário: Eduardo Augusto de Vasconcellos Chaves; procurador: Moreira do Couto; tesoureiro: Antônio José Rodrigues.

Ao retirarem-se, sentia-se no semblante de todos a firme segurança dos resultados, esse raro prenúncio das coisas duradouras, a que chamamos contentamento.

Tratava-se na verdade de um novo clube que atendesse aos desejos das classes superiores. Vislumbrava-se um clube compatível ao nível de modernidade e civilidade da cidade e de seus principais habitantes, na necessidade de associar-se, para se encontrarem em convívio amistoso e útil. De um clube em oposição aos numerosos clubes criados pelos estrangeiros e de uma entidade que agregasse pessoas de origem nacional (luso-brasileiros).

O lazer ofertado no seu interior deveria desenvolver nos seus associados, quer individualmente, quer socialmente, condições de garantia de bem-estar e participação ativa no atendimento de necessidades e aspirações de ordem individual, familiar, cultural, comunitária e social, visto que seria a única esfera pública, em que as decisões individuais poderiam ser tomadas tendo em vista a sua satisfação, os seus impulsos e os seus sentimentos.

Fundou-se, assim, em 25 de setembro de 1881, no Salão Lindemann, pelo grupos estabelecidos da sociedade curitibana, o Clube Curitibano. Entre os que compareceram, estavam João Pereira Lagos, Eduardo Augusto de Vasconcellos Chaves e o próprio Romão Branco, que secretariou a reunião.

Foi eleita uma diretoria provisória, que teve como seu primeiro presidente o Comendador Ildephonso Pereira Correia (tornou-se Barão do Serro Azul em 1888), próspero industrial, comerciante de erva-mate e madeiras e pioneiro no setor de transportes e negócios bancários na cidade.

O Barão do Serro Azul teve papel destacado na sociedade curitibana. Proprietário de engenhos, com visão empresarial e próspero comerciante,

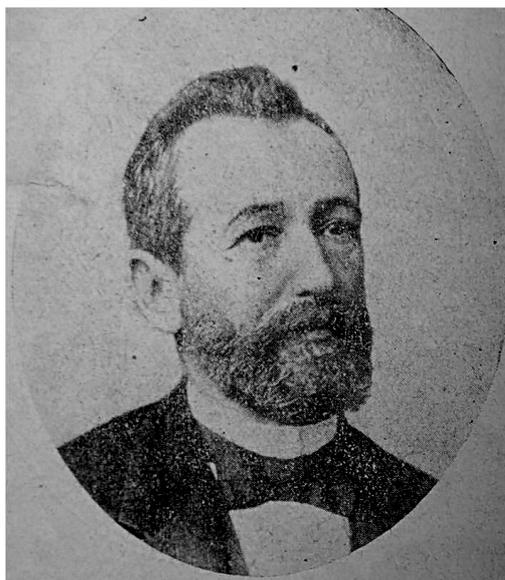
investiu nos engenhos movidos a vapor, alcançando rápida ascensão nos mercados externos da erva-mate. Diversificou a atividade profissional, fazendo do pinho um novo sustentáculo de seu processo de exportação. Multiplicou serrarias na redondeza da capital, colhendo resultados lucrativos.

Tornou-se líder natural das classes produtoras e posteriormente entrou na vida política como parlamentar e posteriormente acaba assumindo a Presidência da Província de maneira interina, em 1887. Encontra-se entre os fundadores do Banco Mercantil e Industrial, da Associação Comercial do Paraná, da Companhia Impressora Paranaense, da Companhia Ferrocarril de Curitiba, do Diário do Comércio, da Sociedade Protetora do Ensino e, como já mencionado, do Clube Curitibano (VARGAS, s.d., p. 30).

O destaque apresentado acima é em virtude do papel importante que o Barão do Serro Azul desenvolveu no Clube Curitibano. Ele esteve como Presidente Honorário do clube até a sua morte, no ano de 1894, em decorrência de ter sido considerado traidor do Império, na Revolução Federalista, por ter pago para os federalistas não invadirem Curitiba.

Destacado no país, Ildephonso Correira exercia, no clube e na cidade, o papel de verdadeira referência, a quem se respeitava e se pediam conselhos em todas as iniciativas de vulto na comunidade.

26 – BARÃO DO SERRO AZUL



FONTE: Club Curitybano. Curitiba, 06 jan. 1932. Ed. Comemorativa. s.p.

Depois de constituído o clube, em 8 de dezembro do mesmo ano, ocorria a primeira sessão da nova entidade, quando foram aprovados os estatutos e eleita a diretoria. Os estatutos definiam como objetivo da criação do clube promover toda espécie de passatempo útil, recreativo e instrutivo – jogos lícitos, dança, leitura e conferências. Para ingressar no clube, o pretendente deveria ser maior de dezoito anos, ter ocupação honesta e apresentar bom comportamento, sendo proposto à diretoria por um ou mais associados:

Art. 1º. O Clube Curitibano é uma associação destinada a promover toda a espécie de diversões úteis e instrutivas, como: jogo lícitos, música, dança leitura, conferencias, passeios, etc.

Art. 11. As Condições para admissão de um sócio são as seguintes:

§ 1. Idade maior de 18 anos.

§ 2. Ocupação honesta e bom procedimento.

§ 3. Proposta de três sócios pelo menos, aprovada em sessão da diretoria por maioria dos votos.

Em 6 de janeiro de 1882, esses requisitos foram preenchidos por cento e trinta e cinco homens de tradicionais famílias da capital paranaense, oficializando-se assim o início das atividades, passando a ser utilizada esta data para comemoração do aniversário do clube. Ao cair da noite, dirigiram-se todos à rua São Francisco, esquina com a então rua da Graciosa. Lá fora alugado o andar de cima do sobrado onde funcionava a Delegacia Fiscal. Ocorreu, então, a sessão solene de instalação da sociedade, com a posse da diretoria eleita (O CLUBE DO BARÃO, 1995, p. 04).

Os primeiros momentos do clube abrigaram atividades como: soirées dançantes, jogos de bilhar, dominó, dama, gamão, trinta e um e xadrez e o serviço de bar, botequim. As atividades literárias e culturais intensificaram-se posteriormente, com recitais, palestras, declamações de poemas, reuniões, debates e o outros.

Contudo, os primeiros anos do Clube foram de bastante dificuldade, pelas diversas crises financeiras, principalmente pela displicência dos associados nas obrigações das mensalidades. A má situação financeira prolongou-se por toda a primeira década, no entanto isto, não impediu as festividades e o clima positivo que envolvia o Clube em relação à sociedade.

Esta fase é publicada no jornal O dezenove de Dezembro de 25 de dezembro de 1884, com o título “A pedidos *Club Curitybano*” (VARGAS, s.d., p.41).

É desanimador o estado em que se acha o nosso clube, devido ao pouco interesse que os sócios por ele já hão tomando, o que não pode passar sem reparo, visto ser uma sociedade composta de gente muito escolhida e que deve compreender que a existência desta boa sociedade não só dá boas diversões aos sócios como também mostra o grau de adiantamento em que vai a capital.

Durante todo esse período, a figura eminente na entidade e seu principal sustentáculo foi Ildephonso Pereira Correia, o então Barão do Serro Azul. Sócio-fundador, primeiro presidente, depois presidente honorário e presença ilustre nas reuniões, o Barão cobrava iniciativas, resolvia disputas entre os membros da diretoria e solicitava prestações de contas. Em sinal de consideração e respeito, não era raro passar-lhe a direção das sessões, mesmo quando não ocupava cargo diretivo.

27 – 1ª SEDE DO CLUBE CURITIBANO



FONTE: Club Curitybano. Curitiba, 06 jan. 1932. Ed. Comemorativa. s/p.

Através do Barão, o clube estabelecia contato com a Corte Imperial. Já tendo marcado uma posição política por ocasião da campanha da abolição, cedendo seus salões para uma celebração do Clube Abolicionista, o Curitibano promoveu também festejos comemorativos ao 13 de maio. Na ocasião, houve troca de telegramas com D. Pedro II que, em resposta, agradecia ao clube as manifestações alusivas à data (CLUBE CURITIBANO, 1932).

Com o passar dos anos, o Clube Curitibano foi se fortalecendo, concretizando, após quase dez anos, um dos seus maiores ideais: torna-se um centro de irradiação cultural na cidade e no estado. Este veio também preencher uma lacuna, em relação aos bailes a rigor, imprimindo um toque de sofisticação na cidade. Seus bailes, já no final do século XIX, eram sinônimos de refinamento e bom gosto.

Os bailes desenvolvidos em seus interiores, como esfera mimética de uma parte distinta e integral da realidade social, seriam a adoção de um novo comportamento para a distinção. O baile veio a ser, neste momento, num processo de diversificação, a forma de distinção na teia de interdependência, atingindo os indivíduos em aspectos sociais e comportamentais.

Um pouco da descrição e da representação do carnaval de 1891, deixa transparecer um pouco deste refinamento e bom gosto (UM BAILE CARNAVALESCO, 1891, nº 03).

Indescritível, esplêndido, maravilhoso! Esteve o baile carnavalesco realizado domingo.

Nos salões, por entre as cores variedades de mil e um *gargalhadetes*, *maskas* e *giornos*, sobressaiam interessantes escudos, de onde ressaltava brilhantemente a sátira mais fina, do mais fino sabor. E por entre a multidão elegante de formosas damas, - algumas das quais mimosamente fantasiadas – ouvia-se o murmúrio sedutor do fraseado amoroso de *almiscarados Romeus*.

A representação do lazer nos clubes, enquanto modelo conceitual e de uma visão global, pode tornar compreensível aquilo que se é vivenciado diariamente na realidade. Pode-se compreender de que modo um grande número de indivíduos, que compõem entre si algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados, formam uma sociedade e como sucede e essa

sociedade poder modificar-se de maneiras específicas tendo uma história que segue um curso não pretendido ou planejado por qualquer dos indivíduos que a compõe.

O que se dizia do Clube Curitibano na imprensa local, nos principais jornais, em decorrência da comemoração do seu oitavo aniversário, contempla este preenchimento na sociedade e a representação do clube na sociedade curitibana (O QUE DIZIAM DE NÓS, 1890, ed. especial).

Jornal O Cruzeiro: “Informam-nos que esteve magnífico o sarau dançante realizado na noite de 6 do corrente. Não era de esperar outra coisa, em vista dos esforços que para melhorar esse estabelecimento de diversão, tem empregado o seu digno presidente”.

Jornal Sete de março: “A sessão magna com que o Clube Curitibano celebrou o seu aniversário, é contada entre as mais brilhantes festividades realizadas nesta capital”.

Jornal Quinze de Novembro:

Poucas vezes temos tido a ventura de assistir a festas tão brilhantes como a que realizou anteontem o simpático Clube Curitibano. Em seus salões, amplamente iluminados, notavam-se muitíssimas gentis senhoras que, a par de uma simplicidade encantadora no traje ostentavam uma requintada elegância na harmonia sóbria dos adornos.

Seguiram-se as danças. É difícil qualificar devidamente tão magnífica noite deliciosamente desfrutada. Havia em todos os rostos a mais franca expansão de alegria, a animação foi sempre em escala crescente, a cordialidade reinou com raro brilho...

Jornal Estado do Paraná:

Foi uma festa que, por seu brilhantismo, pela *melifluidade* sadia das valsas, quadrilhas e *habaneras*; pelo contentamento, pela alegria amena que em borbotões jorrava de todos os lábios e fielmente se retratava em todos os semblantes, derramou em todos os corações a mais atraente e balsâmica ventura.

Os ricos salões estavam caprichosamente ornamentados. Na parte externa do palacete uma fila de lanternas multicores prendia a atenção dos transeuntes que, semi-boquiabertos, admiravam a pompa dos candelabros que ardiam sob a luz *arminhica* e frouxa de um lácteo e esplendoroso luar.

O botequim esteve a disposição de todos. Foi enorme a quantidade de saborosos doces e de muitos outros agradáveis entretenimentos do aparelho digestivo.

A nova diretoria foi empossada e o honrado Cyro Velloso, comovido prometeu *envirados* maiores esforços afim de erguer ainda mais alto o simpático Clube, de que foi em boa hora reeleito presidente. Para isso pediu o concurso de todos, especialmente das moças, dessa bela porção de gênero humano, sem a qual a vida não vale a pena ser vivida.

As três horas da madrugada terminou o grande baile, saindo todos sob mais agradável e *venturosissima* impressão.

Sinceramente felicitamos ao Clube Curitibano e desejamos que, como já disse um nosso colega, por muitos e dilatados anos, tenhamos o prazer de nos referir ao aniversario de sua instalação, que é um motivo de jubilo para a nossa sociedade.

O lazer apresenta, neste momento, características específicas relacionadas ao estágio de civilização da cidade, com a possibilidade de experimentar em público fortes emoções, podendo propiciar manifestações coletivas de excitação. A música, a dança, o baile, o lazer, entre outros, proporcionavam excitações controladas pelo controle social do grupo e do clube.

28 – SALÃO DE BAR – SERVIÇOS DE BOTEQUIM



FONTE: Club Curitybano. Curitiba, 06 jan. 1932. Ed. Comemorativa. s/p.

O controle dessas manifestações de emoções era diretamente proporcional ao grau de “civilidade” esperado do grupo social, pertencente aos estratos superiores da sociedade, apresentando-se de duas formas; uma

individual, na forma de autocontrole e o controle social, e outra na forma de um código de conduta e de um padrão de comportamento.

O Clube Curitibano passa a constituir-se como um local de exhibições da civilidade de um determinado estrato social da sociedade curitibana, o grupo dos estabelecidos luso-brasileiros. Isto potencializa formas diferenciadas de atividades de lazer, em contraponto às atividades mais populares.

O Clube Curitibano impõe-se hoje como uma necessidade imperiosa. O tempo não pode ser consumido exclusivamente no trabalho; o espírito humano aspira também algumas horas de recreação útil, e, 'uma cidade como esta onde *escasseam* de todo as diversões, onde encontra-las senão no Clube?

Ali passam-se as horas esquecidas numa palestra agradável entre amigos; na leitura dos melhores jornais do país e dos bons livros que enriquecem a bem já desenvolvida biblioteca, além dos jogos lícitos que constituem um passa-tempo agradável.

Além disso, as *soirées* dançantes e musicais, as palestras literárias realizadas mensalmente, constituem outros pontos de realce para a associação (EDITORIAL, 1892, nº 03).

Nestas atividades, os indivíduos passam a estabelecer novos padrões de conduta e uma nova personalidade, donde o ser social vai se tornando totalmente identificado com a representação que dele era dada por ele próprio ou pelo outros, ou seja, o *habitus*.

Estes novos padrões de conduta, na dinâmica do processo civilizatório, vão produzindo os controles das relações inter-humanas, bem como o autocontrole de cada indivíduo. Esse processo não planejado contribui para gerar uma dada configuração para o Clube Curitibano, com suas redes de interdependências, com seus níveis de tensões, de controle e tolerância que, vai crescendo e expandindo-se pela sociedade.

O lazer passou a representar uma forma de poder, no desfrute das emoções, no prazer pessoal coerente com a expectativa deste grupo social, ocupando um espaço cada vez mais amplo no processo de inter-relação crescente que se estruturava neste período.

O Clube passou, a partir disto, a representar o progresso e o crescimento da cidade de Curitiba, fazendo-se referência a ele como símbolo de um progresso e de civilização.

De acordo com os elementos essenciais para caracterizar o processo civilizador, uma tríade de controles básicos demonstraria o estágio de desenvolvimento de uma civilização: o controle dos acontecimentos naturais, o controle das relações entre os humanos (relações sociais) e o controle do aprendizado, tanto no plano do vivido quanto do transmitido, em que a educação e o lazer desempenham papel significativo (GEBARA, 2005, p. 111).

A representação social dos associados, conforme artigo escrito por Pamphilo Assumpção (Clube Curitibano, 1932, s.p.), também ia ao encontro deste símbolo de progresso e civilização, quando a ele era conferido:

O órgão mais legítimo da cultura e o natural representante da vida social da cidade, exercendo sua influência benéfica em outros centros do Estado, os quais procuravam seguir o exemplo da grande agremiação, que estava definitivamente ligada à história da evolução social do Paraná, da qual, em cada página se encontra, forte a ação decisiva do vitorioso Clube Curitibano.

O refinamento das condutas e o crescente controle social e autocontrole nas relações pessoais e sociais foram ampliando os processos de regulação dos comportamentos. Estes processos são vitais para compreender e identificar os indicadores dos estágios de desenvolvimento da sociedade curitibana.

Além da diversão, a associação foi ocupando, nessa primeira década de existência, um espaço de manifestações que ultrapassava as intenções de seus fundadores. Ele começou a atender as expectativas de um grupo superior que passou a ter no lazer um elemento de distinção, na assimilação crescente de atividades centradas em regras espelhadas num tipo de comportamento civilizado, diferenteente das atividades populares. As atividades de lazer desenvolveram-se no seu interior, a partir dos novos sentidos dados a elas, pautadas em regras e exigindo certo modo de se comportar.

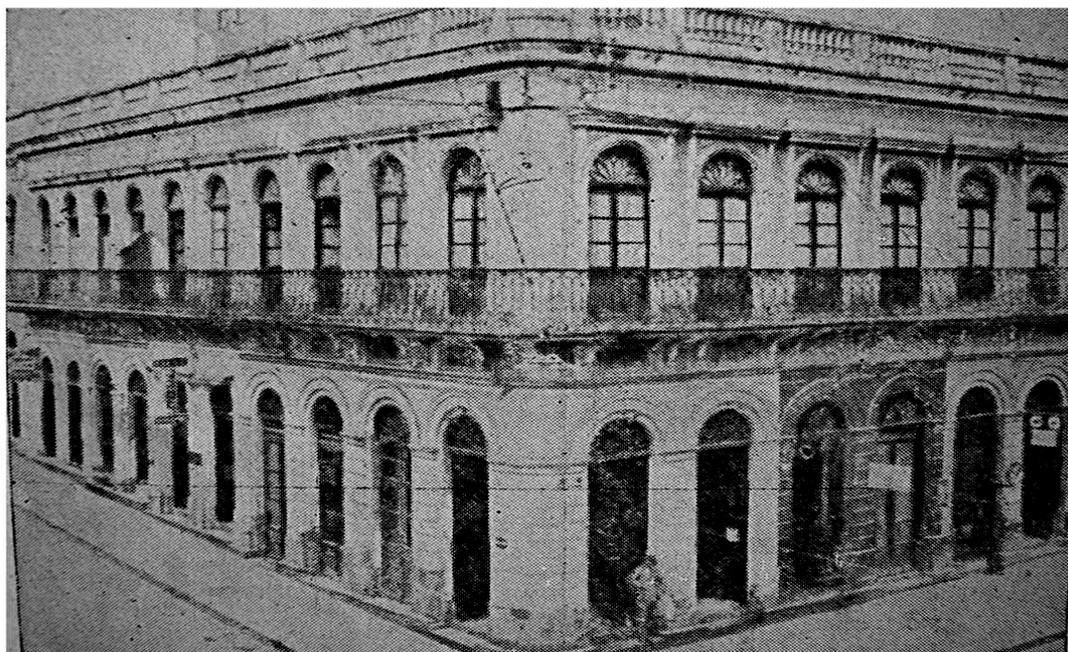
A boa vontade de alguns homens distintos e condignos dotou, em 1882, a capital Paranaense de extraordinário centro de civilização, estreitando as relações familiares da sociedade curitibana, agrupando-a em torno de princípios *generalizador*, aonde se vão quebrar os preconceitos que estiolam as afinidades secretas da alma humana, aonde se vão extinguir os prejuízos inerentes à diversidade de opiniões, fonte de divergência e isolamento dos homens.

Ao principio moralizador das associações literárias e recreativas, *acrysoladas* nos mais puros deveres sociais e com compreensão nítida de sua força regeneradora e *nobilitante*, deve-se bela soma de conquistas do pensamento, de ideais realizados brilhantemente (*Club Curitiba*, 1897, ed. especial).

O clube, que havia nascido ao apagar das luzes do Império, adaptou-se facilmente à nova ordem política e social e foi sob a Presidência de Cyro Velloso (1889 – 1901) que consolidou-se na sociedade, passando a ser referencial para os demais clubes da cidade, jornais, publicações e também para a população.

Com qualidades de disciplinador, que adquirira durante a campanha do Paraguai, aliada a um trato afável, se impôs ao apreço dos seus *consocios*, prestando ao Clube e a sociedade curitibana, os mais assinalados serviços. Fundou a revista *Club Curitybano* que foi, no seu tempo, o expoente da nossa intelectualidade; enriqueceu a biblioteca do Clube; abriu os salões para conferencias literárias e científicas, sendo a tribuna da sociedade honrada por notáveis oradores como Gastão da Cunha, Cônego Manoel Vicente, Vicente Machado, Cunha Britto, Emiliano Pernetta, etc. que ali conquistaram justos aplausos (LEÃO, 1926).

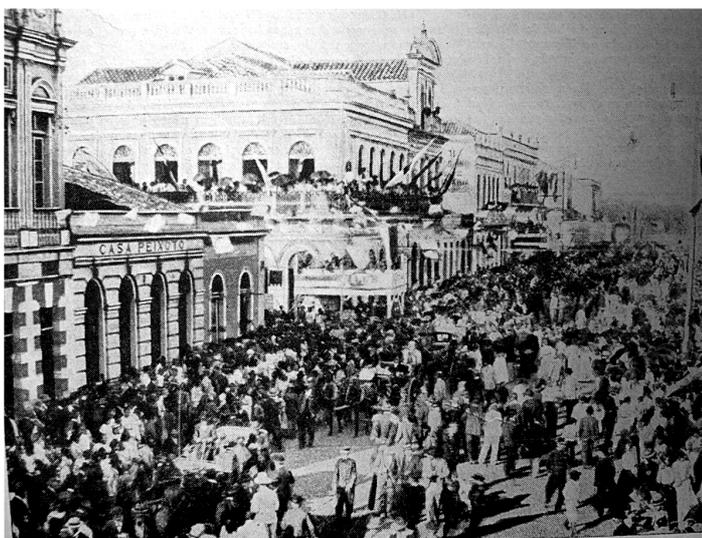
29 – SEDE PRÓPRIA DO CLUBE CURITIBANO, ADQUIRIDA EM 1891.



FONTE: Club Curitybano. Curitiba, 06 jan. 1932. Ed. Comemorativa. s/p.

As atividades de lazer, desenvolvidas no Clube Curitibano, reafirmavam um tipo de ação esperada em uma sociedade cada vez mais diversificada e regulada no sentido do controle social das emoções e, ainda, de um autocontrole emocional que se reflete em nível das ações motoras. A referência do clube, na cidade, durante o carnaval denotava a sua importância nas atividades de lazer.

30 – CARNAVAL DA CIDADE DE CURITIBA, JUNTO À SEDE DO CLUBE (1900)



FONTE: Club Curitybano. Curitiba, 06 jan. 1932. Ed. Comemorativa. s/p.

2.5 Clube Curitibano: representação do papel educativo

Ressalte-se que, primeiramente, durante o período investigado, o papel da educação informal e da educação sistemática na cidade estava sendo muito discutido e implementado. As relações e a complementaridade no papel formativo que as várias instituições educacionais, culturais e de lazer da época desenvolveram, atuando como intelectualidade dirigente, era um fator bastante difundido pela cidade.

Esta importância, de complementaridade, no caso do Clube Curitibano, concretizou-se substancialmente pelo papel que o mesmo precisou exercer na balança de poder entre o grupo dos estabelecidos que o constituíam e o grupo de outsiders que o observavam.

Deve-se lembrar que a expansão das estruturas da configuração começaram a exercer pressão constante sobre o grupo dos estabelecidos, que se tornou suscetível aos demais grupos, pelo receio da perda de poder.

Devido a esta complexidade das interdependências que se constituíram na cidade, o grupo estabelecido da cidade, que formava o clube, constituiu-o com o papel de civilizador e educador da sociedade, num sentido específico de uma distinção das outras classes sociais, através do refinamento das ações.

Nesta perspectiva, o Clube Curitibano passou a ter um papel importante na educação dos associados, como um espaço educativo da sociedade, algo subjetivado de mais valia e implementação no processo educacional. Até certo ponto, a Escola seria o espaço educacional do Estado para a sociedade, ficando o Clube como o espaço educacional da sociedade para a sociedade. Benjamin Leite (1897), escrevendo na Revista Clube Curitibano, caracteriza este papel “hoje décimo quinto aniversário do Clube Curitibano, dia este que fulge e deslumbra no seio da sociedade Paranaense, - a sociedade é a educação da moral, - ele representa a família, é a confraternização dos povos”.

O Clube Curitibano representava no espírito dos seus membros, centros de treinamento preparatórios para o desenvolvimento de traços de caráter nos associados, principalmente os jovens, que seriam mais tarde necessários no desempenho da vida futura, em complemento da educação puramente especializada e orientada por uma área científica que se recebia nas escolas e universidades.

Tratava-se da educação com o objetivo de prepará-los, através do lazer, com um código de comportamento e sentimento de cunho inconfundíveis. “A existência do Clube Curitibano constitui hoje uma necessidade para as famílias curitibanas, que nele vêm encontrar o alimento para seu espírito e para seu coração, o emprego útil e agradável de seus lazeres” (O Clube Curitibano, 1895).

No final do século XIX, as crescentes melhorias nos padrões de vida possibilitaram, aos estratos inferiores, o acesso à educação escolar e também aos locais públicos de lazer. Os grupos, como que respondendo a esse

desafio, buscaram a educação média e universitária de forma crescente, assim como, organizaram outros espaços de lazer mais restritos.

Um desses espaços era o Clube Curitibano, que se tornou local de competição entre os seus componentes, no que se refere aos padrões de condutas de comportamento estabelecidas. Isto influenciou no *habitus* social dos indivíduos, identificando-os e ao mesmo tempo distinguindo-os dos demais, criando um equilíbrio na relação nós-eu (controle social e autocontrole).

O Clube Curitibano estabeleceu-se como este espaço, ampliando os espaços de discussão e propagação de ideias, através dos intelectuais da cidade, em espaços de atuação interna, da criação da revista, do intercâmbio cultural e da abertura dos seus salões para reuniões culturais e educativas.

O seu poder educativo sobre a mocidade, foi decisivo, pois a austeridade de costumes e a linha de conduta, foram sempre qualidades indispensáveis aos que aspiravam a honra de fazer parte do seu quadro. A dignidade na vida coletiva, pelos costumes, pela educação e pelo trabalho, eram fatores decisivos de inserção no clube (Clube Curitibano, 1932, s.p.).

Através deste papel educativo, o Clube Curitibano influenciou significativamente a vida social da cidade. Tornou-se referência, passando a ser para os seus associados a coluna central da cultura e do aperfeiçoamento da sociedade paranaense, o centro de gravitação da vida social de Curitiba, de um esforço de cooperação na obra do progresso, pelo conagraçamento sempre maior dos mais representativos elementos das elites sociais (Clube Curitibano, 1932, s.p.).

O papel educativo do Clube Curitibano, junto aos seus associados, era percebido em diferentes momentos e situações, tanto no seu interior, como também na percepção externa da sociedade curitibana, principalmente junto à imprensa.

Em mensagem da Associação Paranaense de Imprensa (Clube Curitibano, 1932), ao Clube Curitibano, em decorrência do seu cinquentenário, pode-se perceber o seu papel educativo, com as classes superiores, já que a mesma o consideram uma escola de civilização:

Foi no amplo e perfumado mundano dos seus salões que os costumes vieram exibindo, aos poucos, as inevitáveis mudanças impostas pelo *volubidade* do gosto. Ai nesse pedaço de bom tom e de elegância, no apuro aristocrático do espírito, a sociedade paranaense refletiu, em todas as etapas, a mais fina e apurada galanteria. E soube sempre assimilar, sem retardamento a marcha acelerada das novas imposições sociais e a evolução vertiginosa do gosto. O Clube – neste Estado adolescente e nesta cidade pequena, - venho sendo uma escola de civilização, que submeteu a um aprendizado constante e suave as novas gerações, educando-as para a sociabilidade e aprimorando-as em todas as desenvolturas que marcam os ambientes adiantados.

Essa atuação na educação e sociabilidade curitibana, pelo convívio das famílias, pelo encaminhamento da infância para a vida social, foi sempre característica na instituição. O papel educativo vinculado ao Clube Curitibano e em decorrência ao lazer e o social, neste período, é destacado na cidade como representação de uma sociedade civilizada e adiantada.

O Clube Curitibano possibilitava o encontro e a associação de grupos organizados, de famílias, de intelectuais, que se relacionavam para finalidades ou metas, de caráter emocional ou intelectual, de natureza pessoal e impessoal, conforme o grupo e o tempo de duração.

O interior do Clube era caracterizado pelo processo de aprendizagem social, das relações sociais, do refinamento das condutas e do crescente autocontrole nas relações sociais e pessoais. Também era caracterizado pela evidente regulação do comportamento dos seus associados e pelo seu status de pertença do grupo, que estavam diretamente vinculado ao estágio do seu desenvolvimento na sociedade.

Ao Clube Curitibano coube a função de cunhar um código comum de conduta e sentimento para as classes superiores, sendo um diferencial de mais valia.

O Clube, em um processo civilizador junto à sociedade local e principalmente aos estabelecidos, solidificou-se como um espaço de intervenção normativa, educacional, por existir no seu interior e, também na sua representação, a tentativa do domínio das relações sociais e a sua possibilidade de intervenção nos valores e na identidade cultural da

configuração de interdependência, inerentes ao mesmo, num processo de integração, ainda em andamento.

2.6 O Clube Curitibano: representações da formação de grupos

Hino do Clube Curitibano

*Entre os Clubes de elite, és o pioneiro augusto,
Curitibano, e vibre em cada pedra e em cada
Laje, o poema imortal desse esforço vetusto
que, entre ouros, te trouxe à realidade
ansiada...*

*Semente alva e louçã, foste depois, o arbusto
e és hoje, afinal, uma árvore copada...
Do Futuro, marcando ao triunfo certo e justo,
levas, como penhor, a tua glória passada...*

*E em teus vivos lauréis e em teus salões e em
tua
própria expressão moral, se humilha e se
prosterna
do tempo que passou, a hirsuta face nua...*

*Engenho de Titãs, és a graça infinita
Onde se esconde, a rir, volutuosa e terna,
A alma do Paraná que sonha e que palpita...*

*Francisco Pereira da Silva
(Do Centro de Letras do Paraná)*

O surgimento, o desenvolvimento e a atuação de uma instituição, neste caso o clube, podem ser reflexos da necessidade específica de um grupo, comunidade ou sociedade em um determinado momento histórico. Podem significar, desta forma, a concretização de anseios, ideais, inquietudes e lutas de indivíduos comprometidos com o seu tempo, que são influenciados pela época em que vivem, interferindo, moldando e modificando-a.

O desenvolvimento do espírito de associação, no Clube Curitibano, era um dos fins mais nobres do qual servia para os seus associados.

... não se pode saber, nem calcular o tudo que pode operar a força de associação constantemente dirigida para um fim, tem sido o escopo dessa instituição utilíssima, que tem também sido rigorosa na prática do dever, base de toda coesão social.

A associação, quer ela se de no terreno exclusivo da agremiação de esforços materiais, quer se alimente no ideal da congregação de esforços de outra ordem para consecução de um fim moral ou social, funda a solidariedade dos indivíduos, criando a segurança, a abundância e a força.

A ligação de indivíduos isolados, concentrados os esforços nos mesmos meios para a obtenção de um fim, multiplica as forças, que dispersas nunca poderiam atingir uma meta qualquer.

Reunir indivíduos separados pela diversidade de temperamentos, de ideais, de princípios, de orientação e de meios em torno de um fim único, pelo qual essa heterogeneidade atue compacta, é o melhor serviço que se pode prestar ao problema da solidariedade humana.

A exclusão de todos os fatos que possam alterar uma sincera harmonia de vistas; - a liberdade dominando as apreciações literárias; - o aperfeiçoamento das faculdades estéticas pela coesão simpática em torno de belezas da arte; finalmente a despreocupação ainda que temporária e rápida de todas as contingências dolorosas da concorrência e da luta pela vida; a estes fins todos se presta uma associação como o Clube Curitibano (ESPÍRITO DE ASSOCIAÇÃO, nº 04, 1890).

A construção deste grupo social ocorreu pela capacidade que os agentes sociais, neste caso os associados, tinham de agrupar-se e reagrupar-se, diante de um interesse comum.

Os indivíduos são condicionados socialmente ao mesmo tempo pelas representações que fazem de si mesmos e por aquelas que lhes são impostas pelos outros com quem entram em relação. A capacidade de perceber-se como pessoa no espelho da sociedade e, por isso mesmo, de reagrupar-se, escolhendo como prova de sua singularidade sua pertinência a um grupo social reconhecido pelos outros. Os indivíduos em sociedade sofrem as representações que os outros fazem deles, essas representações são pertinentes porque são percebidas por qualquer um no olhar dos outros, mas igualmente no conjunto dessas mediações concretas que permitem observar e encontrar seus semelhantes (COURY, 2001).

Em cada formação, as interdependências existentes entre os sujeitos ou os grupos distribuem-se em séries de antagonismos, instáveis, móveis, equilibrados, que são a própria condição da sua possível reprodução (CHARTIER, 1991, p. 173).

A arte de reagrupar-se permite que os indivíduos que se encontram num espaço social percebam seus interesses e formem juntos grupos até então imperceptíveis. Isto se manifesta graças à produção, difusão e apropriação de

formas de agrupamentos disponíveis numa estrutura social. O reagrupar-se tem dois objetivos: trata-se de familiarizar o analista com as práticas e as formas coletivas instituídas. Confrontado com essa multidão de associações, ele se reporta à arte de se unir a seus semelhantes para entender esses indivíduos que se procuram e, quando se encontram, se unem. Trata-se então de articular a formação dos grupos e a formação psíquica dos indivíduos que os investem no processo de diferenciação que os afeta. Em segundo lugar, é ela que permite explicar o aparecimento dessa competência política, como sua desigual apropriação pelos indivíduos, nos setores diferenciados da sociedade (COURY, 2001).

As dimensões da sociogênese dos grupos, segundo os estudos de Coury, são: a produção da semelhança, a localização dessas semelhanças e a sublimação dos agrupamentos.

A primeira dimensão remete-se à produção da semelhança que para Norbert Elias, trata-se dos traços específicos de um grupo como processo não planejado como tal, que toma indivíduos espalhados mesmo fora das relações sociais diretas entre eles e de todas as intervenções divinas ou providenciais de um grande osquestrador (líder). A objetivação da diferença entre grupos sociais provém com muita frequência de uma busca consciente da semelhança: a concorrência que agentes fazem entre si em torno da utilização de bens e de práticas aparentemente semelhantes está na origem de um reforço mútuo e paradoxal da diferença. Essa pseudoimitação produz em cada uma de suas manifestações uma prática nova que não mais corresponde àquela observada inicialmente e tirada dos outros, pois ela foi apropriada e utilizada por um novo usuário.

A segunda dimensão da sociogênese dos grupos refere-se à localização dos grupos, a arte de reagrupar-se pode compor grupos em determinados lugares, precisamente aqueles nos quais eles vão poder reencontrar seus semelhantes, ou aqueles nos quais vão descobrir os “outros” (pessoas com quem talvez não seja preciso estabelecer uma ligação). Devemos levar em consideração dois casos: o reagrupamento decorre de indivíduos que já estão

agrupados, e o outro é aquele no qual o acaso ou o acidente fazem coabitar duradouramente aqueles que nunca deveriam ter-se encontrado.

A terceira e última dimensão da sociogênese dos grupos sociais diz respeito à sublimação dos grupos, na qual se busca o significado para adotar uma definição social cada vez mais reconhecida pelos outros. Daí por diante, inúmeros grupos sociais são pensados como entidades coletivas sem levar em conta sua forma primária, graças a um “objeto mais elevado e de maior valor social”. Após essa definição, é possível compreender o surgimento e a superposição de outras classificações cada vez mais evidentes para cada um, no que se refere a comportamentos em grupos.

Nesta perspectiva de agrupar-se e reagrupar-se, o Clube Curitibano permitia o encontro e a associação de grupos organizados, de forma a se relacionarem para finalidades ou metas, de caráter emocional ou intelectual, de natureza pessoal e impessoal, conforme o grupo e o tempo de duração. Seus associados formavam uma rede de pessoas que, apesar de toda uma diferenciação, sentiam-se pertencente ao mesmo círculo e que juntos podiam exercer suficiente poder para estar aptas a construir um grupo autossuficiente.

Todas as agremiações de elementos úteis no seio das coletividades, revelam, por um lado, que o meio comporta a congregação de unidades homogêneas de uma mesma categoria, por outro, a ânsia de conjugar essas unidades afim de prestarem o conjunto de sua força a bem do progresso comum.

Um grupo composto de elites, só se organiza, é claro, onde essas elites existem, embora dispersas e que, por dispersas, não possam exercer sua ação benéfica. Agremiadas elas passam a atuar na sociedade em que surgem, dando exemplos, guiando e atraindo os homens para seu núcleo, de modo a cada vez mais estender sua influência e dar eficácia á sua ação social.

Tanto ocorreu com o Clube Curitibano, essa coluna central da cultura e do aperfeiçoamento da sociedade paranaense.

E esse núcleo foi forte porque não pereceu. Prosperou, tornando-se o índice do nosso desenvolvimento social.

... o Clube Curitibano tornou-se o centro de gravitação da vida social de Curitiba.

Tal é a convicção dos paranaenses de que o Clube Curitibano é o órgão mais legítimo da nossa cultura e o natural representante da vida social da nossa terra, que não se compreende uma visita de forasteiros ilustres sem que sejam nele recebidos com a fidalguia que sempre distinguiu seus diretores.

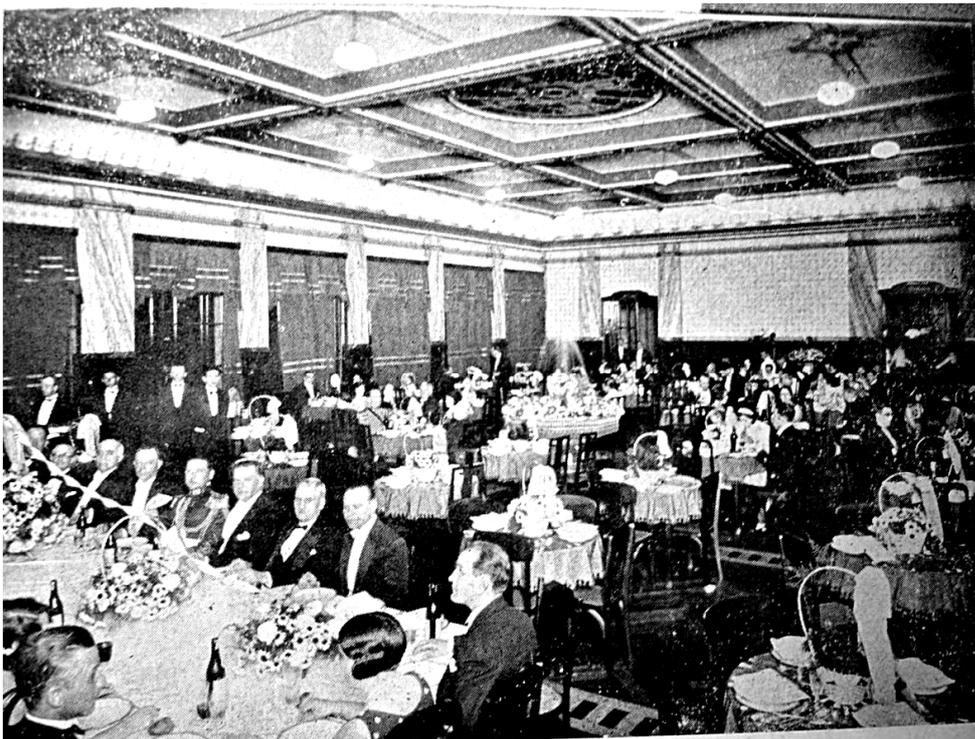
Por causa dele, quantos daqui voltam, vão proclamando o adiantamento da sociedade patricia, salientando-a com simpático destaque no meio de outros centros nacionais.

(ASSUMPÇÃO, 1932, s.p.).

Estes sentimentos de exclusividade, referência, centralização e de a “minoria dos melhores” pertenciam aos estabelecidos, que eram os guardiões do bom gosto no campo das artes, da excelência científica, das boas maneiras e dos distintos hábitos.

A admissão em uma agremiação, como o Clube Curitibano, era uma expressão manifesta de pertença, cuja filiação determinava com quem a pessoa poderia relacionar-se sem pôr em perigo o seu status, identificando-o como membro da “boa sociedade” e assim, na acepção mais ampla, do estabelecido. Não ser membro desta agremiação estigmatizava uma pessoa como “marginal”, como alguém a quem foi negado acesso às posições de poder, assim como aos círculos sociais das classes altas (ELIAS, 1997, p.74).

31 – JANTAR A RIGOR NO CLUBE CURITIBANO



FONTE: Club Curitybano. Curitiba, 06 jan. 1932. Ed. Comemorativa. s/p.

As “boas sociedades” são um tipo específico de formação social, segundo Elias, que formam-se por toda a parte como correlatos de complexos institucionais capazes de manter sua posição de poder monopolístico por mais

de uma só geração, como círculos de convivência social entre pessoas ou famílias que pertencem a esses complexos institucionais (estabelecidos).

O grupo estabelecido atribui a seus membros características humanas superiores, excluindo todos os membros do outro grupo do contato social. O Clube Curitibano, formado pelos grupos dos estabelecidos, era a representação da autoimagem destes grupos, modelando e normatizando o perfil dos seus melhores membros.

Segundo Elias (2000, p. 23), a peça central dessa configuração é um equilíbrio de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído.

Ao Clube Curitibano coube a função de cunhar um código comum de conduta e sentimento para os grupos estabelecidos. Tornou-se um local de diferenciação e mais valia, enquanto uma estrutura institucional, que tinha o papel de impulsionar a formação de uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, um grupo que se autopercebia e que era reconhecido, com uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência. Neste espaço forma-se um grupo de pessoas capazes de monopolizar as oportunidades de poder e utilizá-las para marginalizar e estigmatizar membros de outro grupo muito semelhante.

3. CONCLUSÕES

As conclusões que serão apresentadas procurarão estabelecer alguns apontamentos dos processos de urbanização da cidade de Curitiba e formação da sociedade curitibana, que se constituíram no final do século XIX. O objetivo é sistematizar de uma maneira mais simplificada estes processos.

A partir do momento que Curitiba apresentou um quadro com uma maior complexidade da sociedade local, seja pela diversificação das atividades e diferenciação das funções, ou pela monopolização e centralização da administração, o autocontrole individual foi se tornando mais diferenciado, complexo e estável.

Neste momento também as teias de interdependências, com o aumento da divisão das funções, ampliaram sua rede na sociedade curitibana, integrando-se em unidades funcionais ou institucionais. Destaca-se neste aumento da divisão das funções a grande influência dos imigrantes na cidade.

Isso marcou o início da assimilação de um estilo de vida que requeria uma postura mais centrada na direção de um comportamento mais uniforme e mais moderado, baseado em padrões de comportamento cada vez mais expandidos para os vários e diferentes segmentos sociais.

A sociedade curitibana passou neste processo, a constituir-se de teias de interdependência, formando o nexos da configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes, que através das suas disposições e inclinações básicas eram orientadas umas para as outras e unidas umas as outras das mais diversas maneiras, constituindo a configuração da cidade.

Este processo fez surgir novas formas de relações sociais que se expressavam em comportamentos que proporcionaram um novo contexto de inter-relações.

Neste novo contexto, com o intercruzamento de distintos e diferentes grupos, que o grupo estabelecido buscou, com mais ênfase, a adoção de comportamentos diferenciados e diferenciadores dos demais grupos.

A expansão das estruturas das configurações começaram a exercer uma pressão constante sobre o grupo de estabelecidos, que se tornou suscetível ao crescimento de outros grupos, com o receio constante de perda de destaque e poder na sociedade curitibana.

Como reflexo desta pressão, coube as classes dominantes de luso-brasileiros (estabelecidos) exercerem um rigoroso controle sobre as emoções e uma precisa modelação de sua conduta, através de sua crescente integração na rede de interdependências. O autocontrole imposto a ela, por sua função e situação, serviu ao mesmo tempo como valor de prestígio e como meio de distinção dos demais grupos inferiores.

Alguns destes comportamentos adotados logo foram imitados pelos demais grupos, o que levava a elaboração de novas atitudes, num processo que se diversificava, resignificava e diferenciava-se. Esta teia de interdependência não só atingia os indivíduos em seus aspectos sociais, mas também em seu modo de comportar.

O aumento mais intenso do controle social e autocontrole entre o grupo estabelecido, em função da pressão que recebia de outros estratos, direcionou a necessidade do surgimento de um novo espaço exclusivo de inter-relações que pudesse estabelecer um processo de aprendizagem social, compatível com o grau de controle social e autocontrole de regulamentava a conduta e atitudes deste grupo.

Para suprir esta necessidade de um espaço exclusivo, funda-se o Clube Curitibano, que passou através de novas atividades de lazer, mais sofisticadas e complexas, a exercer papel importante no estabelecimento e aprimoramento de novos padrões de conduta e de uma nova personalidade.

Estes novos padrões de conduta, na dinâmica do processo civilizatório, foram produzindo os controles das relações inter-humanas, bem como o autocontrole de cada indivíduo, de maneira a distinguir-se dos demais grupos sociais.

Esse processo não planejado contribui para gerar uma dada configuração para o Clube Curitibano, com suas redes de interdependências, com seus níveis de tensões, de controle e tolerância que foi crescendo e

expandindo-se pela sociedade, gerando uma configuração para a cidade e para outros indivíduos.

Em todos os estratos sociais, a área de conduta que tinha importância vital para seus membros era a mais cuidadosa e intensamente trabalhada. A exatidão com que, na sociedade de corte, cada movimento das mãos à mesa, cada detalhe de etiqueta e mesmo modismos de fala eram refinados, correspondia à importância que todas essas funções possuíam para os membros da corte tanto como meios para distingui-los dos inferiores quanto como instrumento de competição pelo favor real. O fino arranjo da casa ou parque, a ornamentação ostentosa ou intimista – dependendo da moda – dos quartos de dormir, a maneira espirituosa de levar uma conversa ou mesmo um caso amoroso, todos eles eram, na fase de corte, mais que prazeres privados do indivíduo, genuínas exigências vitais da posição social. Eram condições para o respeito dos demais, para o sucesso social... (ELIAS, 1993, p. 252).

São as novas atividades de lazer desenvolvidas no Clube Curitibano, promotoras de configurações, que permitiam o “confronto” das diferenças entre os estratos da sociedade curitibana, tornando possível expressar a diversidade e a distinção entre as mesmas. As ações miméticas do lazer, que ocorriam no seu interior permitiam um reagrupamento de relações sociais, crescentemente necessárias para a presença do indivíduo no grupo e para a própria sobrevivência do grupo.

Coube ao Clube Curitibano cunhar, como já foi levantado anteriormente, um código comum de conduta e sentimento para os grupos estabelecidos. Tornou-se um local de diferenciação e mais valia, enquanto uma estrutura institucional, que tinha o papel de impulsionar a formação de uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, um grupo que se autopercebia e que era reconhecido, com uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência.

Finalizamos este estudo, sustentando a idéia do movimento sociedade – clube – sociedade, levantada no início deste trabalho. Os grupos estabelecidos transferem, ao Clube Curitibano e as atividades de lazer desenvolvidas no seu interior, valores, comportamentos, formas de conduta e costumes, que são posteriormente devolvidos aos seus integrantes e pelas relações de interdependências existentes, transferidas também para toda sociedade.

4. FONTES E REFERÊNCIAS

4.1 Fontes e documentos

ASSUMPÇÃO, Pamphilo. A Influência do Clube Curitybano sobre a vida social do Paraná. Club Curitybano. Curitiba, 06 jan, Ed. Comemorativa, 1932.

Benjamin Leite. Club Curitybano. Curitiba. 01 jan. ano 08 nº 01. 1897.

Club Curitybano. Curitiba, 06 jan., Ed. Comemorativa, 1932.

Club Coritibano. Club Curitybano. Curitiba, jan. ed. especial dos 15 anos. 1897

Editorial. Clube Curitibano, Curitiba. 01 fev. ano 01, nº 02, 1890.

Editorial. Club Curitybano, Curitiba. Jan. ano 01 nº especial. 1890.

Editorial. Club Curitybano. Curitiba. 01 abr. ano 01 nº 06. 1890.

Editorial. Club Curitybano. Curitiba. 01 mar. ano 03 nº 03. 1892.

Editorial. Club Curitybano. Curitiba. 16 fev. ano 04 nº 03. 1893.

Editorial. Club Curitybano. Curitiba. 16 dez. ano 01 nº 23. 1890.

Editorial. Club Curitybano. Curitiba. 16 abr. ano 02 nº 07. 1891.

Espirito de associação. Club Curitybano, Curitiba, 01 mar. ano 0, nº 04. 1890.

Função da educação. Club Curitybano. Curitiba. 01 dez. ano 01 nº 22. 1890.

Instrução. Club Curitybano. Curitiba. 16 jun. nº 11. 1890.

O Club Coritibano. Club Curitybano. Curitiba. 01 jan. ano 06 nº especial. 1895.

O Clube do Barão. Clube Curitibano. Curitiba, jan. 1995.

O Clube do Barão. Clube Curitibano. Curitiba, jan. 1995.

O que dizem de nós. Club Curitybano, 16 jan. ano 01 ed. Especial. 1890.

RIBEIRO, Miranda. Relatório do Presidente da Província do Paraná. Curitiba:

Tipografia Paranaense de Candido Lopes, 1888.

Sociedade e clubes. Club Curytibano. Curitiba. Jan. ano 01, nº especial, 1890.

Theatros e diversões. Club Curitybano. Curitiba: 7 de janeiro de 1905.

VASCONCELLOS, Zacarias de Góes e. Relatório do Presidente da Província do Paraná. Curitiba: Tipografia Paranaense de Candido Lopes, 15 de julho de 1854.

Um baile de carnavalesco. Club Curitybano. Curitiba, 15 fev. ano 02 nº 03. 1891.

4.2 Referências

- AVE-LALLEMENT, Robert. Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858. Rio de Janeiro, 1953.
- ARAUJO, Adalice. Mariano de Lima, um pioneiro. In: Referência em planejamento. Arte no Paraná I. v. 3, nº 12, jan-mar. Curitiba, 1980.
- AZEVEDO, Fernando de. A cultura brasileira. 6 ed. Brasília/Rio de Janeiro: UNB/UFRJ, 1996.
- BEGA, Maria T. S. Sonho e invenção do Paraná. São Paulo: Tese Doutorado, USP, 2001.
- BIGG-WITHER, Thomas. Novo caminho no Brasil Meridional; a Província do Paraná. Rio de Janeiro, J. Olympio/Curitiba, UFPR, 1974.
- BALHANA, Altiva Pilati. Et al. História do Paraná. Curitiba: Grafipar, 1969.
- BRANDÃO, Angel. A fábrica de ilusão: o espetáculo nas máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913). Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1994.
- CAMARGO, Geraldo L.V. de. Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná. 1853-1953. Tese de Doutorado em História, UFPR, , Curitiba, 2007.
- CAROLLO, Cassiana Lacerda et. al. Exposição Curitiba: tempo e caminhos. Catálogo Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1993.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. O mundo como representação. São Paulo: Estudos avançados, vol 5, n.11, pp 173-191.
- CLUBE CURITIBANO. Clube Curitibano, 114 anos de história. Curitiba, 1995.
- COSTA, Odah R. G. A reforma agrária no Paraná. 1977. Tese Doutorado – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1977.
- COURY, Guillaume. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais: da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, Alain & LACROIX, Bernard. Norbert Elias: a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- DUNNING, Eric. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer. In História Questões e Debates. Curitiba: Editora UFPR, 2003.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Formação do Estado e civilização. Volume 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

_____. O Processo Civilizador. Uma história dos costumes. Volume 1, 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

_____. Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. Introdução à sociologia. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. Os Estabelecidos e Outsiders. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____ & DUNNING, Eric. A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa: Difel, 1985.

FERRANTE, Mbá Salvador de. Subsídios para a memória do teatro paranaense. Boletim do Arquivo Público, ano 19, n.14, 1984

GEBARA, Ademir. Sociologia configuracional: as emoções e o lazer. In: Lazer e Ciências Sociais, diálogos pertinentes. São Paulo:Chromos, 2002.

_____. Em torno da questão cultural e da educação: os processos civilizadores. In: CARVALHO, Alonso & BRANDÃO, Carlos. Introdução à Sociologia da Cultura: Max Weber e Norbert Elias. São Paulo: Avercamp, 2005.

LEÃO, Ermelino de. Dicionário histórico e Geographico do Paraná, 1926.

LINHARES, Temístocles. História econômica do mate. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

LUCENA, Ricardo. O esporte na cidade. Campinas: Autores Associados, 2001.

MAGALHÃES, Marion B. Paraná: política e governo. Curitiba: SEED. 2001.

MARCHI JUNIOR, Wanderley. "Sacando" o voleibol. São Paulo: Hucitec, 2004.

MARTINS, Romário. Curitiba de outr'ora e de hoje. Curitiba, Edição comemorativa da Prefeitura Municipal de Curitiba, 1922.

_____. Quantos somos e quem somos: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba. Empresa Gráfica Paranaense. 1941, p.94-98.

_____. Origens de Curitiba. In: Curitiba. Curitiba:Habitat, 1982.

MILARCH, A. O cinema em Curitiba. VOZ DO PARANÁ. Curitiba, maio de 1974.

NADALIN, Sergio O. Gestão e análise da população: por uma história demográfica dos contatos culturais em Curitiba; 1866 – 1939, p. 01, 1995. Disponível on-line em < www.abep.org.br >. Acessado em: 15 de abril de 2009.

_____. Paraná: ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001.

OLIVEIRA, Maria C. M. A organização da rede escolar no Paraná Provincial. Educar, Revista do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, v. 4, nº 2, Curitiba, 1985.

OLIVEIRA, Denninson de. Urbanização e industrialização no Paraná. Curitiba: SEED, 2001.

PEREIRA, M. R. de M.; SANTOS, A. C. de A.. Câmara Municipal de Curitiba: 300 anos. Curitiba: [s.n.], 1993.

PROSSER, Elizabeth S.. Cem anos de sociedade, arte e educação em Curitiba: 1853 – 1953. Curitiba:Imprensa Oficial, 2004.

ROCHA POMBO, José Francisco da. O Paraná no centenário, Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

RODERJAN, Roselys V. Meio século de música em Curitiba. Curitiba:Centro Paranaense de Cultura, 1967.

_____. Aspectos da Música no Paraná. In: História do Paraná, v. 3, p. 171 – 201. Curitiba: Grafipar, 1969.

ROMANELLI, O. O. História da educação no Brasil (1930/1973). 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

SÁ, Celso Pereira de. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, Carlos R. A. dos. Vida Material e econômica. Curitiba: SEED, 2001.

SANTOS FILHO. Benedito N. dos. Aspectos da história do teatro na cultura paranaense. Curitiba:Imprensa Universitária, 1979.

SCHMID, Manfred L. Conselho Consultivo. A Revista do Clube Curitibano. Curitiba, dez. 2008.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Luzes e sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso (1870-1889) Cuiabá: INEP/COMPED/EdUFMT. 2000,

STRAUBE, E.C. Do Licêo de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná. Curitiba:Fundepar, 1993.

TRINDADE, Etelvina. Clotildes ou Marias. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

TRINDADE, E. ; ANDREAZZA, M.. Cultura e Educação no Paraná. Curitiba: SEED, 2001.

VALENTE, Silza Maria Pazello. A presença rebelde na cidade sorriso. Londrina:Atrito art Editorial, 2004.

VICTOR, Nestor. A terra do futuro (Impressões do Paraná). Rio de Janeiro, Tipografia do "Jornal do Comercio", de Rodrigues & C., 1913.

WACHOWICZ, Rui C. A relação professor-estado no Paraná Tradicional. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. História do Paraná. 6ª edição ampliada. Curitiba:Editora Gráfica Vincentina, 1988.

WERNECK, Maria da L.P..História da Educação no Paraná. Curitiba:Secretaria de Educação, 1978.